

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ANÁPOLIS UNIEVANGÉLICA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO MULTIDISCIPLINAR EM SOCIEDADE TECNOLOGIA E MEIO
AMBIENTE**

MARISA MOREIRA BARROS

Lugar e Percepção Ambiental: Estudo da Vivência da Comunidade das Escolas Municipais
Ayrton Senna da Silva e Moacyr Romeu Costa, Anápolis/GO (2013)

Anápolis
2013

MARISA MOREIRA BARROS

Lugar e Percepção Ambiental: Estudo da Vivência da Comunidade das Escolas Municipais
Ayrton Senna da Silva e Moacyr Romeu Costa, Anápolis/GO (2013)

Dissertação apresentada ao programa de mestrado em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente, como requisito à obtenção do título de mestre. Área de concentração: Sociedade, Políticas Públicas e Meio Ambiente.

Orientadora: Profa. Dra. Giovana Galvão Tavares

Anápolis
2013

MARISA MOREIRA BARROS

Lugar e Percepção Ambiental: Estudo da Vivência da Comunidade das Escolas Municipais
Ayrton Senna da Silva e Moacyr Romeu Costa, Anápolis/GO (2013)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente da UniEVANGÉLICA - Centro Universitário de Anápolis, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente pela Comissão Julgadora composta pelos membros:

COMISSÃO JULGADORA

Dra. Giovana Galvão Tavares (UniEvangélica – Orientadora)

Dra. Josana de Castro Peixoto (UniEvangélica)

Dra. Mirley Luciene dos Santos (UEG)

Dra. Maria Gonçalves da Silva Barbalho (Suplente)

AGRADECIMENTOS

A Deus, Pai Supremo, que me deu forças, persistência condições para alcançar meu objetivo, sem Ele não poderia estar fazendo estes agradecimentos,

À minhas filhas, Raquel e Sara e ao meu neto Arthur, pelo tempo roubado,

À minha filha Raquel, pelos auxílios, trocas de ideias e estímulos positivos,

Aos meus pais, por tudo, desde sempre,

À minha irmã Ellen Moreira Gomides e minha aluna Maíse Picolotto pela ajuda nas escolas com os alunos da pesquisa,

As professoras Dra. Josana de Castro Peixoto e Dra. Mirley Luciene dos Santos pelas valiosas sugestões feitas no Exame de Qualificação,

Aos funcionários da pós-graduação pela disponibilidade e atenção,

Aos meus colegas do mestrado que me apoiaram e me acompanharam nos momentos de dificuldade e de aprendizado,

Ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente e todo o seu corpo docente que me deram o embasamento necessário para que eu desenvolvesse a pesquisa e conseguisse a religação de saberes,

Ao meu chefe e amigo Wagner pelo apoio e compreensão de minhas ausências,

Ao meu querido Yi-Fu- Tuan pela companhia nestes dois anos,

Agradeço às escolas Municipais Ayrton Senna e Moacir Romeu Costa, em nome das diretoras, professores, funcionários, que abriram as portas e me ajudaram no que foi preciso.

Em especial aos alunos, que enriqueceram o meu trabalho com suas experiências brincantes e com seus desenhos,

E finalmente, quero agradecer imensamente, a minha orientadora Profa. Dra. Giovana Galvão Tavares pela humildade, dedicação, amizade e pela sensibilidade com que se envolveu com a minha pesquisa, por acreditar no meu potencial, tenho-a no meu coração e sempre a levarei comigo como fonte de inspiração e exemplo,

Obrigada, professora Giovanna, por tudo, você é que é ótima!!!

A todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a concretização desta dissertação,

Meu Muito Obrigada!

Lugar e Percepção Ambiental: Estudo da Vivência da Comunidade das Escolas Municipais Ayrton Senna da Silva e Moacyr Romeu Costa, Anápolis/GO (2013)

RESUMO

A percepção ambiental é um processo complexo que inclui a relação do ser humano com diversos fatores como lugar habitado, sua história de vida, os laços topofílicos nela construída e aspectos do imaginário. O presente trabalho tem como objetivo analisar as influências do lugar na percepção ambiental dos alunos do 5º ano de duas escolas municipais da cidade de Anápolis, do Estado de Goiás, e correlacionar com os dois contextos comunitários. As escolas municipais objetos do estudo foram Escola Municipal Ayrton Senna da Silva, localizada no bairro Conjunto Habitacional Filostro Machado Carneiro e a Escola Municipal Moacyr Romeu Costa, do bairro Novo Paraíso. O instrumento de análise foram desenhos confeccionados pelos alunos. Os elementos dos desenhos foram tabulados em categorias positivas/negativas, humanas/naturais e analisados na forma de pesquisa qualitativa, interpretativa, com uma abordagem humanística da geografia, tendo a fenomenologia como filosofia subjacente. Optou-se, também pelo método de análise da percepção ambiental baseando-se fundamentalmente na junção de duas abordagens: observação e escuta. As falas dos alunos foram em dois momentos: durante a atividade e, depois, na roda de conversa. O resultado da comparação dos desenhos das duas escolas, apontou que a estrutura física e social do lugar influencia na percepção ambiental, quanto mais estruturado mais percebido, tanto na forma positiva quanto na negativa. As imagens, representações simbólicas, evidenciaram as relações experienciadas dia a dia por eles. A pesquisa sobre percepção ambiental pode funcionar como um diagnóstico da relação de uma comunidade com o meio, avaliando o nível de valoração desta para com o lugar em que vive, dado ao aspecto físico e estrutura social. Nesse contexto, o estudo da percepção ambiental é de fundamental importância. Por meio dele é possível conhecer cada um dos grupos envolvidos, facilitando a realização de um trabalho com bases locais, partindo da realidade do público alvo, para conhecer como os indivíduos percebem o ambiente em que convivem, suas fontes de satisfação e insatisfação.

Palavras-chave: Percepção Ambiental. Topofilia. Experiência. Lugar.

Place and Environmental Perception: Study of Experience of Community Municipal Schools Ayrton Senna of Silva and Moacyr Romeu Costa, Anapolis /GO (2013)

ABSTRACT

Environmental perception is a complex process that includes the relationship of humans with various factors such as inhabited place, your life story, the topophilic ties built it and imaginary aspects of the present work is to analyze the influences of place in environmental perception of 5th grade students from two public schools in the city of Anapolis, State of Goias, and correlate with the two community contexts. The objects of study are municipal schools Ayrton Senna da Silva, located in the neighborhood Housing Complex Filostro Machado Carneiro and Municipal School Moacir Romeu Costa, the New Paradise neighborhood located in the city of Anapolis-GO. The analysis instrument drawings were made by the students. The elements of the drawings are tabulated as positive/negative, human /natural and analyzed as qualitative, interpretive research with a humanistic approach to geography, with the underlying philosophy as phenomenology, categories was chosen also by the method of analysis of perception environmental relying primarily on the junction of two approaches: observation and listening . Speeches of the students were also analyzed in two stages: during the activity, and then the conversation wheel. The results of the comparison of the drawings of the two schools, pointed out that the physical and social structure of the place influences longer perceived, the more structured environment perception, both in positive and in negative. The images, symbolic representations, highlight the day to day relationships experienced by them. The research on environmental perception can function as a diagnosis of a community relationship with the environment, assessing the level of valuation for this with the place you live in, given the physical appearance and social structure. In this context, the study of environmental perception is of fundamental importance. Through it is possible to know each of the groups involved, facilitating the completion of a job with a local basis, starting from the reality of the audience, to know how individuals perceive the environment in which they live, their sources of satisfaction and dissatisfaction.

Keywords: Environmental perception. Topophilia. Experience. Place.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa da localização dos bairros Novo Paraíso e Conjunto Habitacional Filostro Machado Carneiro na cidade de Anápolis-GO.....	19
Figura 2- Mapa da localização das Escolas Municipais Moacyr Romeu Costa e Ayrton Senna Silva dos bairros Novo Paraíso e Conjunto Habitacional Filostro Machado Carneiro na cidade de Anápolis-GO.....	20
Figura 3- Registro fotográfico de locais e acontecimentos na história de Anápolis-GO.....	56
Figura 4- Mapa do Conjunto Filostro Machado Carneiro na Cidade de Anápolis-GO.....	59
Figura 5- Registro fotográfico de estabelecimentos comerciais e de lazer do Conjunto Habitacional Filostro Machado.....	61
Figura 6- Fotos do Centro de Educação Unificada do Conjunto Habitacional Filostro Machado Carneiro.....	63
Figura 7- Mapa do Bairro Novo Paraíso na cidade de Anápolis-GO.....	70
Figura 8- Registros fotográficos de locais do Bairro Novo Paraíso.....	71
Figura 9- Fotos da Escola Municipal Moacyr Romeu da Costa.....	76
Figura 10- Desenhos dos alunos do 5º ano da Escola Ayrton Senna da Silva que retratam a violência e o uso de drogas.....	94
Figura 11- Desenhos com percepção negativa dos alunos do 5º ano da Escola Moacyr Romeu Costa.....	97
Figura 12- Imagens que retratam o Centro de Educação Unificada e Escola Ayrton Senna da Silva.....	100
Figura 13- Imagens que retratam a Escola Moacyr Romeu Costa.....	101
Figura 14 - Imagens do posto de saúde do Conjunto Habitacional Filostro Machado Carneiro.....	102
Figura 15- Imagens que representam o supermercado Vila Rica do Conjunto Habitacional Filostro Machado Carneiro.....	104
Figura 16- Imagens que representam estabelecimentos comerciais do Conjunto Habitacional Filostro Machado Carneiro.....	105
Figura 17- Imagens de estabelecimentos comerciais do Conjunto Habitacional Filostro Machado Carneiro.....	106
Figura 18- Imagens que mostram estabelecimentos comerciais do Bairro Novo Paraíso...	107

Figura 19- Imagens de casas do Conjunto Habitacional Filostro Machado Carneiro.....	109
Figura 20- Imagem de casas do bairro Novo Paraíso.....	111
Figura 21- Ilustração de lugares de lazer do Conjunto Habitacional Filostro Machado Carneiro.....	113
Figura 22- Ilustrações da sorveteria (lugar de lazer) do bairro Novo Paraíso.....	114
Figura 23- Ilustrações da quadra de esportes do bairro Novo Paraíso.....	116
Figura 24- Ilustrações e igrejas do Conjunto Habitacional Filostro Machado Carneiro.....	118
Figura 25- Desenhos com representação de igreja do bairro Novo Paraíso.....	119
Figura 26 – Desenhos com representação positiva e negativa do lugar.....	120
Figura 27 – Desenho de um aluno que não percebe o lugar.....	122
Figura 28 - Desenho de um aluno que não percebe o lugar.....	123

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Descrição das dependências físicas da Escola Municipal Ayrton Senna da Silva, Anápolis, 2013.....	64
Tabela 2 - Descrição das salas do Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano da Escola Municipal Ayrton Senna da Silva, Anápolis, 2013.....	67
Tabela 3 - Descrição das salas do Colégio Moacyr Romeu da Costa, Anápolis, 2013.....	78
Tabela 4 - Número de elementos naturais representados nos desenhos por bairro.....	83
Tabela 5 - Tabela de distribuição de elementos do firmamento/naturais por sexo e por bairro presentes nos desenhos dos alunos da educação, Anápolis, 2013.....	84
Tabela 6 - Tabela de animais presentes nos desenhos dos alunos da educação por sexo e por bairro, Anápolis, 2013.....	85
Tabela 7 - Tabela de elementos da terra presentes nos desenhos dos alunos da educação por sexo e por bairro, Anápolis, 2013.....	86
Tabela 8 - Número de elementos humanizados representados nos desenhos por bairro.....	87
Tabela 9 - Tabela de estabelecimentos comerciais e lugares presentes nos desenhos dos alunos da educação por sexo e por bairro, Anápolis, 2013.....	88
Tabela 10 - Tabela de elementos estruturais presentes nos desenhos dos alunos da educação por sexo e por bairro, Anápolis, 2013.....	90
Tabela 11 - Tabela de meios de transporte presentes nos desenhos dos alunos da educação por sexo e por bairro, Anápolis, 2013.....	91

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEU – Centro de Educação Unificada.....	12
CHFMC – Conjunto Habitacional Filostro Machado Carneiro	12
ESF – Estratégia de Saúde da Família	20
SIAB – Sistema de Informação da Atenção Básica.....	20
CEP – Comitê de Ética em Pesquisa.....	20
TA – Termo de Assentimento	21
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	21
UGI – União Geográfica Internacional	35
UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura.....	35
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística	54
AEIS – Áreas de Interesse Social	60
ZEIS – Zonas de Interesse Social	60
PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais	64
APA – Área de Preservação Ambiental.....	66
APM – Área de Preservação de Manancial.....	66
PPP – Projeto Político Pedagógico	71
PDE – Plano de Desenvolvimento de Educação	71
CME – Conselho Municipal de Educação	72

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
Objetivo Geral.....	16
Objetivos Específicos	16
Procedimentos metodológicos	16
CAPÍTULO 1: PERCEPÇÃO AMBIENTAL E CONCEITOS RELACIONADOS	27
1. PERCEPÇÃO AMBIENTAL.....	27
1.1 As mudanças na relação ser humano-ambiente.....	27
1.2 Percepção Ambiental e seus conceitos	33
1.3 Geografia Humanística	40
CAPÍTULO 2: LUGAR E LAÇOS TOPOFÍLICOS: ENTENDENDO OS BAIRROS DA PESQUISA.....	45
1. TOPOFILIA E LUGAR	45
2. CIDADES	51
2.1. Origem da Cidade de Anápolis-GO	53
2.2 Origem do Conjunto Habitacional Filostro Machado Carneiro	58
2.2.1 Escola Municipal Ayrton Senna	64
2.3 Origem do Bairro Novo Paraíso	68
2.3.1 Escola Moacyr Romeu Costa.....	73
CAPÍTULO 3: PERCEPÇÃO AMBIENTAL: VIVÊNCIAS E VALORES.....	80
3. ANÁLISE DOS DESENHOS	80
3.1. Desenhos com percepção natural/humanizada.....	83
3.2 Desenhos dos alunos com percepção negativa do lugar	92
3.3 Desenhos dos alunos com percepção positiva do lugar	98
3.3.1 Educação.....	98
3.3.2 Saúde	102
3.3.3 Trabalho/Alimentação	103

3.3.4 Moradia.....	107
3.3.5 Lazer.....	111
3.3.6 Liberdade de Religião	117
3.4 Desenhos com percepção negativa e positiva.....	119
3.5 Desenhos de alunos com percepção ambiental idealizada	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS	125

INTRODUÇÃO

Uma observação mais atenta de minhas experiências pessoais e profissionais fez com que eu optasse por falar da percepção ambiental. Por constatar que nesses 17 (dezessete) anos, atuando na área da educação em instituições públicas do estado de Goiás, nunca ter ouvido, outrora, falar deste tema. Conhecia apenas a expressão “Semana do Meio Ambiente”, sem nenhuma relação desta percepção com o espaço vivido, dentro e fora da escola, por professores e membros da comunidade.

Percepção ambiental, conforme destacado por Del Rio e Oliveira (1999), consiste no processo mental de interação do indivíduo com o ambiente, em que atuam simultaneamente mecanismos perceptivos propriamente ditos (os cinco sentidos) e mecanismos cognitivos (compreendidos por valores, conhecimentos prévios, humores, motivações, etc.). Isso implica dizer que o significado e a importância atribuídos às coisas percebidas variam de pessoa para pessoa, segundo a sua experiência no espaço do cotidiano, ou seja, relacionando-se de forma intrínseca à vivência de um dado lugar.

Foi preciso, sem dúvida, pesquisarmos qual a relação entre o lugar com a percepção ambiental. Tuan (1983) define lugar como

uma unidade entre outras unidades ligadas pela rede de circulação; (...) o lugar, no entanto, tem mais substância do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto 'especial', que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado. (TUAN, 1983, p. 387).

Percebi o quanto somos influenciados pelo lugar em que vivemos, pelas falas que ouvimos, pelas leituras que fazemos, pelas mensagens que enviamos ou não, muitas vezes, silenciadas pelo conforto do não questionamento de nossas práticas ao longo de nossa vida pessoal e profissional. Comecei, portanto, a inquietar-me e questionar-me sobre os vários anos de profissão como professora de Língua Portuguesa, sem nunca ter trabalhado o tema transversal (Meio Ambiente), assim como nenhum de meus pares, seja de forma disciplinar ou interdisciplinar.

Dois fatores essenciais colaboraram para despertar meu interesse em relação ao tema:

O estudo sobre currículo e formação de professores, como aluna especial no curso de mestrado na área da Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiânia, em que aprendi, por meio das leituras exigidas pelas disciplinas: Currículo e formação de professores e Metodologia do Ensino Superior que o “caminho”, significado de currículo, que os alunos têm que percorrer durante os 11(onze) anos, lentamente, com sacrifício, estresse, indisciplina e desinteresse são totalmente subordinados aos interesses de reprodução e legitimação das classes dominantes, sendo assim, totalmente desvinculados dos problemas econômicos, sociais, históricos e culturais dos alunos e comunidade aos quais estão inseridos.

Outro fator é ser mestranda no Mestrado Multidisciplinar Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente e participar de debates, seminários, leituras, assistir a filmes, conhecer que Educação Ambiental vai além de incentivar nossos alunos a demonstrarem nas “Feiras de Ciências” como funcionam os vulcões, problemas causados pelo efeito estufa, esgotamento da água, aquecimento global, mas de forma superficial, sem abordar as questões relacionadas à comunidade, ou seja, os problemas ambientais locais e regionais e formação de um sujeito ecológico com mudanças de atitudes.

Querendo entender esses processos, optei por investigar a percepção ambiental dos alunos do ensino fundamental de duas escolas municipais da cidade de Anápolis. Fazendo isso, pude verificar se eles veem o bairro em sua totalidade, meio ambiente com casas, árvores, pessoas, animais, revelando por meio da comunicação visual a percepção ambiental que possuem.

Esta pesquisa mostrou-se relevante pelo fato de possibilitar o conhecimento e a compreensão da percepção ambiental de alguns sujeitos que estudam na Escola Ayrton Senna da Silva, no Centro de Educação Unificada (CEU) localizado no Conjunto Habitacional Filostro Machado Carneiro (CHFMC) na cidade de Anápolis-GO e na Escola Moacyr Romeu Costa, localizada no Bairro Novo Paraíso da mesma cidade.

A pesquisa possuiu como objetivo geral analisar as influências do lugar na percepção ambiental dos alunos do 5º ano dessas escolas municipais de ensino, fazendo uma correlação dessa forma de percepção com o lugar distinto em que vivem, a partir de suas atividades de lazer, tranquilidade, acesso à cultura, ônibus, praças, quadras, comércios, colégios, possibilidades de crescimento econômico.

Perceber o meio ambiente é apreender um conjunto de relações sociais e de processos naturais, captando as dinâmicas de interação entre as dimensões culturais, sociais e naturais, na configuração de uma dada realidade socioambiental. Junto com esse reconhecimento do ambiente, muitos conteúdos curriculares podem ser trabalhados, caracterizando a interdisciplinaridade. Conhecimentos de ciências, matemática, geografia, história, português podem ser acionados para a compreensão e a discussão sobre o entorno ambiental (CARVALHO, 1998).

Isso tudo foi visualizado, por meio da análise de desenhos feitos pelos alunos, sabendo que os alunos representaram neles a percepção visual que possuem do bairro onde moram. Essa percepção é um processo mental, com uma linguagem única, que guarda elementos e características cognitivas ímpares na produção do conhecimento, revelando muito, sobre a natureza do pensamento humano e sua capacidade de resolver problemas, sendo assim, o resultado de uma experiência vivida (SANTOS, 1999).

O desenho traz uma comunicação diferente da escrita, por envolverem momentos de percepção, que são construídos sucessivamente pela ação, não são fixos e resultam na expressão gráfica. Dessa forma, esperamos obter aspectos que revelassem a percepção ambiental dos alunos, sua compreensão da natureza envolvendo a percepção e a representação gráfica.

Portanto, vinculamos o trabalho com a linha de pesquisa sobre Sociedade, Políticas Públicas e Meio Ambiente. Entendendo que a pesquisa buscou mostrar como o lugar pode interferir na percepção ambiental de um indivíduo. Servindo de aporte teórico para formular uma educação ambiental que seja crítica e inovadora, voltada para a transformação social (JACOBI, 2003).

Quando pergunto aos meus alunos, sejam eles do curso superior ou do Ensino Médio, o que seja meio ambiente, enfatizam como sendo a natureza, o local onde se vive e de onde se extraem os recursos naturais. Retratar o meio ambiente nessa visão antropocêntrica, cuja origem se deu na ética antropocêntrica humanista e no pensamento cartesiano, situa o homem fora do ambiente natural.

Para entender essa percepção e que o lugar influencia na maneira de sentir, ver e ser, propusemos pesquisar dois lugares distintos no município de Anápolis, duas escolas inseridas uma no bairro Novo Paraíso e outra no CHFMC. Escolhidos pela distinção entre eles, sendo o primeiro considerado uma área subnormal e o segundo considerado, outrora;

como marginalizado, hoje é um lugar com recursos de lazer, educação, saneamento e segurança para os alunos.

Esses lugares foram representados pelos alunos por meio de desenhos, que historicamente vêm sendo utilizados pelo homem para representar determinadas situações do cotidiano. O homem das cavernas já utilizava desenhos como forma de comunicação, desenhando animais para representar suas caçadas. As crianças também utilizam desenhos como forma de representação.

Comparar esses dois lugares por meio dos desenhos dos alunos, possibilitou verificar a representação que eles têm do lugar em que moram, e se esse, estando estruturado fisicamente, influencia de maneira diferenciada na percepção ambiental.

Escolhemos trabalhar com desenhos, porque além de serem uma percepção e representação gráfica, possuem um encanto próprio e é normalmente uma atividade prazerosa para os alunos.

A população do estudo foi composta pelos discentes do 5º ano das escolas selecionadas. Essa escolha permitiu comparar qual a percepção ambiental dos alunos dos dois bairros.

Foram escolhidos os alunos do 5º ano, pois essa é uma idade em que as capacidades de orientação espacial, lateralidade e de representação do espaço já devem estar desenvolvidas.

A pesquisa tornou-se de extrema relevância, pois, tratava-se de verificar se o lugar interferia na percepção ambiental do indivíduo, se notam que o meio ambiente influencia em sua vida, gerando tristeza e medo ou alegria e felicidade. Enfim, se há ligação existente entre essa percepção e o modo de vida de cada um desses alunos, inseridos em realidades diferentes.

Mais do que isso, os desenhos podem ajudar os próprios estudos urbanos, por revelar as percepções, representações e imagens que as crianças possuem de seu lugar, contribuindo para o conhecimento e estudo dos bairros pesquisados, embasando pesquisas futuras nesses lugares, possibilitando a realização de um trabalho partindo da realidade do público alvo.

Acreditamos que, ao compreender melhor a dimensão do benefício em estudo no município de Anápolis, a pesquisa pode colaborar para a elaboração de políticas públicas municipais, programas e projetos de desenvolvimento direcionados a esses bairros e que os

moradores, conhecedores da importância do lugar onde estão inseridos, possam ter o prazer de viver nele.

Nesse sentido, os objetivos do estudo desenvolvido são enunciados de maneira mais clara da forma que segue:

Objetivo Geral

Analisar as influências do lugar na percepção ambiental dos alunos do 5º ano de duas escolas municipais da cidade de Anápolis, do Estado de Goiás, e correlacionar com os dois contextos comunitários.

Objetivos Específicos

- Investigar a percepção que os alunos têm do lugar onde moram.
- Verificar se o lugar interfere na percepção dos alunos sobre o meio ambiente.
- Comparar a percepção dos alunos dos bairros Conjunto Habitacional Filostro Machado Carneiro e Novo Paraíso.
- Avaliar através do aparecimento das categorias estabelecidas (humanas, naturais, positivas, negativas) a percepção ambiental dos alunos.

Procedimentos metodológicos

Essa pesquisa teve a abordagem metodológica qualitativa de cunho interpretativo. A coleta de dados foi realizada por meio do seguinte instrumento: desenho. O tema que norteou os desenhos foi: “Desenhe o bairro (lugar) em que você mora”.

Entende-se, portanto, como pesquisa qualitativa, um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados, traduzindo o sentido dos fenômenos do mundo social, tratando-se de reduzir a distância entre indicador e indicado; entre teoria e dados; entre contexto e ação (MAANEN, 1979).

Nesse contexto, os estudos de Godoy (1995) apontam a existência de pelo menos três possibilidades para a abordagem qualitativa: a pesquisa documental, o estudo de caso e a

etnografia.

Dentre estes métodos, o nosso foi estudo de caso, pois se tratou da análise de uma unidade de estudo, que conforme Godoy (1995) visa ao exame detalhado de um ambiente, de um sujeito ou de uma situação em particular.

Com base nestes princípios, esta pesquisa não envolveu manipulação de variáveis, embora seja feita a porcentagem do número de categorias dos desenhos, para melhor correlacionarmos entre os bairros a percepção ambiental dos sujeitos da pesquisa.

A pesquisa qualitativa tem suas raízes teóricas na fenomenologia, permitindo ao pesquisador descrever a visão de mundo dos sujeitos estudados, possibilitando conhecer a sociedade, a partir de contextos menores, do estudo dos significados individuais, possuindo um inegável componente subjetivo (TEIS e TEIS, 2006).

Finalmente, conforme Godoy (1995) a fenomenologia enfatiza os aspectos subjetivos do comportamento humano e preconiza que é preciso penetrar no universo conceitual dos sujeitos, para poder entender como e que tipo de sentido eles dão aos acontecimentos e às interações que ocorrem em sua vida diária. Logo, o componente subjetivo é um aspecto relevante na pesquisa qualitativa.

Esta pesquisa possui as quatro características citadas por Godoy (1995, p.62), sendo elas: “o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; o significado que as pessoas dão às coisas como preocupação do investigador; enfoque indutivo; caráter descritivo”.

Desse modo, o trabalho de descrição tem caráter fundamental em um estudo qualitativo, pois é por meio dele que os dados são coletados (MANING,1979).

Nesse estudo, primeiramente foi realizado um levantamento bibliográfico em bibliotecas virtuais, bancos de teses e dissertações de universidades brasileiras, livros, periódicos, entre outras fontes.

A segunda etapa consistiu na escolha dos bairros e escolas a serem pesquisados. Esses foram selecionados após estudo minucioso dos bairros da cidade de Anápolis- GO, visando à seleção de dois lugares com condições socioeconômicas semelhantes, porém com estrutura física distintas, os bairros que preencheram os requisitos foram o CHFMC e o Bairro Novo Paraíso.

O primeiro possui ruas planas, largas, com área de lazer, estabelecimentos comerciais, pontos de ônibus, entre outros benefícios; o segundo é considerado área subnormal, com ruas estreitas, íngremes, sem calçada, com menos estrutura física.

Conforme a figura 1, estão localizados geograficamente em limites opostos da cidade de Anápolis-GO.

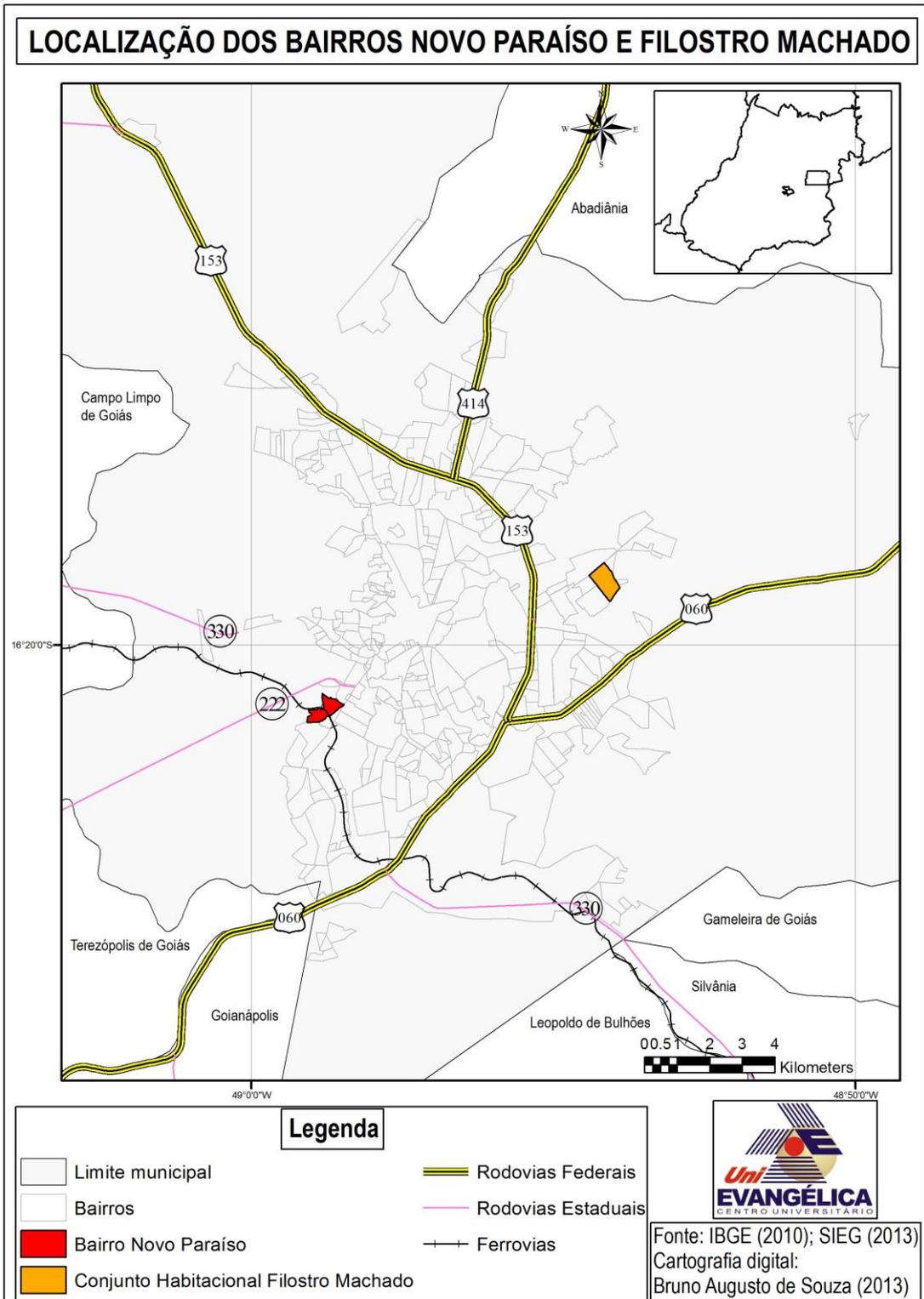


Figura 1: Mapa da localização dos bairros Novo Paraíso e Conjunto Habitacional Filostro Machado Carneiro na cidade de Anápolis-GO

Em cada um destes bairros, foi selecionada uma escola municipal a ser pesquisada, tendo como critério de seleção a estrutura física das escolas. No CHFMC, a escola escolhida

foi a Escola Municipal Ayrton Senna da Silva por possuir uma boa estrutura, já no Bairro Novo Paraíso, a única escola existente era a Escola Municipal Moacyr Romeu Costa, com estrutura física de qualidade inferior.

A localização das escolas estão retratadas na Figura 2

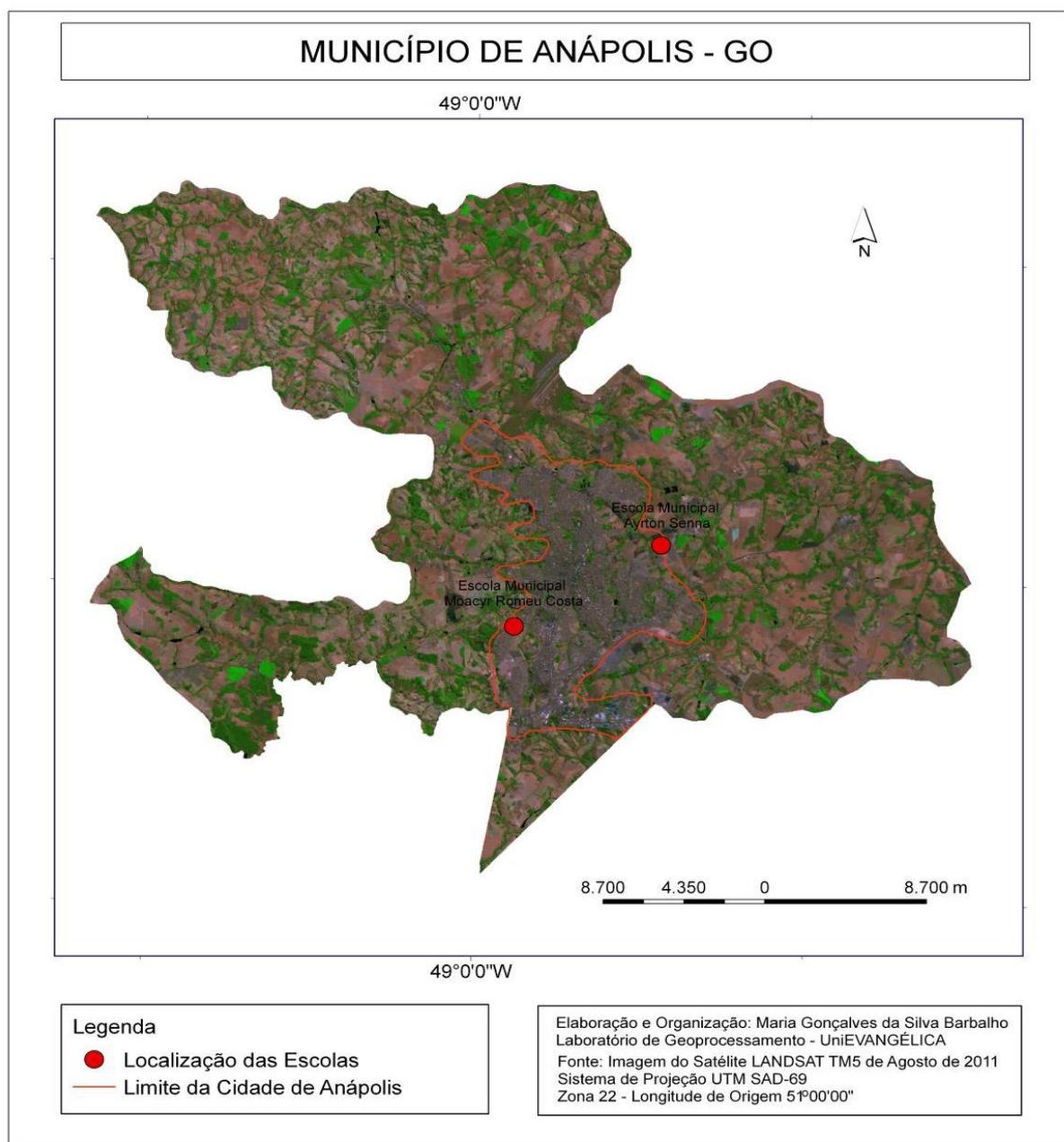


Figura 2: Mapa da localização das Escolas Municipais Moacyr Romeu Costa e Ayrton Senna Silva dos bairros Novo Paraíso e Conjunto Habitacional Filostro Machado Carneiro na cidade de Anápolis-GO

Após selecionados os bairros e escolas, foi realizada uma pesquisa de campo que permitiu caracterizá-los.

O bairro Novo Paraíso está localizado na região oeste do município de Anápolis, entre os bairros Paraíso, São Joaquim e Jd. Calixto, com 16°21'07.29"S e 48°58'42.75"O. A região de cobertura da Estratégia de Saúde da Família (ESF), onde o bairro está inserido e conta com uma população de 4.509 pessoas, segundo dados do Sistema de Informação de Atenção Básica (SIAB) da Secretaria Municipal de Saúde (ANÁPOLIS, 2009).

A Escola Municipal Moacyr Romeu Costa, situada neste bairro, funciona nos três turnos, no matutino com turmas do 5º ao 9º ano; no período vespertino com turmas de 1º ao 4º ano e no noturno com 8º e 9º ano, sendo duas turmas para cada série em todos os turnos. Existem, ao todo, duas turmas de 5º ano, uma com 32 alunos e outra com 29, um total de 61 crianças regularmente matriculadas.

O Conjunto Habitacional Filostro Machado Carneiro está localizado na região leste da cidade de Anápolis, entre os bairros Jardim Itália, Residencial Santo Antônio, Loteamento Residencial Morada Nova, Gran Ville e Residencial Vila Feliz. A Escola Ayrton Senna da Silva, no CHFMC, recebe quase 800 alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, sendo três turmas de 5º ano, totalizando 98 alunos. A unidade escolar conta com 18 salas de aulas com carteiras escolares, laboratório com 35 computadores, auditório, refeitório, piscinas, quadra poliesportiva com arquibancada, campo de futebol e teatro de arena.

A população do estudo foi composta pelos alunos do 5º ano da Escola Ayrton Senna da Silva, do CEU, localizada no CHFMC, na cidade de Anápolis-GO e da Escola Moacyr Romeu Costa, localizada no Bairro Novo Paraíso da mesma cidade, compondo um total de 159 alunos. A média de idade dos alunos é de 10 e 11 anos.

A escolha dessa faixa etária e turma justificou-se pelo fato de, nesta etapa, os estudantes estarem encerrando um ciclo e iniciando outro no ensino fundamental, por já terem um repertório sobre percepção do ambiente em que vivem, realizando o trajeto de casa à escola, brincando na rua com colegas, empinando pipas, jogando bola e também por compreenderem com mais propriedade o instrumento da pesquisa.

Por se tratar de um estudo envolvendo seres humanos, essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UniEVANGÉLICA – Centro Universitário de Anápolis, sob o parecer nº 357.3649/2013.

Para a seleção dos sujeitos seguimos os seguintes critérios de inclusão:

- Alunos do 5º ano das escolas selecionadas;
- Alunos regularmente matriculados nas escolas em turma de 5º ano;

- Alunos que aceitarem participar da pesquisa, através do Termo de Assentimento (TA);

- Alunos que apresentarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) devidamente assinado pelos pais ou responsáveis.

Como critérios de exclusão, consideramos os seguintes fatores:

- Ausência de autorização (TCLE);

- Recusa da própria criança;

- Alunos que estão matriculados nas escolas pesquisadas, porém não moram nos bairros destas.

A terceira etapa constou do primeiro contato com os alunos, no qual foi esclarecido o objetivo da pesquisa e qual seria a forma de participação deles nela, isso tudo através do TA, que foi lido em sala de aula, para que o assinassem de acordo com o interesse de participação. Foi entregue também o TCLE para que os alunos levassem para os pais ou responsáveis lerem e assinarem se permitissem a participação dos filhos no estudo.

Para que fosse possível recolher os TCLE assinados pelos pais, foi necessária a visita às escolas por mais de três vezes, pois os alunos se esqueciam de entregar aos pais, ou deixavam o TCLE assinado em casa, ou não estavam presentes na aula no dia da entrega.

Para, a partir daí, iniciar-se a confecção dos desenhos, com os alunos que aceitaram participar da pesquisa e que apresentaram o TCLE assinado pelos pais ou responsáveis.

Como toda pesquisa oferece risco para os participantes, e mais do que nunca a estética é supervalorizada e isso poderia refletir nas crianças, na hora de desenhar. E que, essas poderiam já ter internalizado alguns conceitos em relação ao que é belo ou não, foi necessário quebrar alguns pré-conceitos que causassem angústia ou ansiedade nos alunos, por não saberem desenhar. Assim sendo, esclarecemos que somente teriam acesso aos desenhos a pesquisadora e sua orientadora, e que não era exigido perfeição artística desses, motivando os alunos a desenharem sem preocupação com julgamento da pesquisadora, colegas, professores ou outros.

Para que não houvesse a ansiedade por falta de tempo, essa atividade foi feita em três aulas de 45 minutos, sendo tempo suficiente para conclusão dos desenhos.

Mesmo com todos os cuidados, se permanecessem após os desenhos a ansiedade, insegurança e angústia, a pesquisadora se comprometeu a minimizar o risco. Tomando medidas de auxílio como orientar os responsáveis a encaminharem a criança à rede pública de

saúde para tratamento especializado ao problema desencadeado, tal medida não foi necessária, por não ter ocorrido nenhum fato neste sentido.

A quarta etapa da pesquisa consistiu na confecção dos desenhos. Esses foram confeccionados sob a supervisão da pesquisadora, duas acadêmicas do curso de Pedagogia da UniEVANGÉLICA e a professora da turma. Foram coletados no mês de outubro e novembro de 2013.

Os desenhos foram realizados na própria sala de aula dos alunos, sem adultos para auxiliá-los ou prejudicá-los na sua perspectiva de lugar. Inicialmente, se pensou em retirar da sala de aula os alunos que não participariam da pesquisa, porém isso se mostrou inviável, pois não havia sala alternativa para que esses fossem removidos, portanto todos os alunos desenharam, porém só foram recolhidos os desenhos dos alunos que se adequaram nos critérios de inclusão da pesquisa.

Para a confecção dos desenhos foram disponibilizados, pela pesquisadora, folhas de papel A4 e um kit individual com lápis de cor (caixa com 12 cores), giz de cera, lápis preto e borracha.

Foi pedido ao aluno que desenhasse em uma folha de papel a representação do lugar em que mora, era importante que o aluno não consultasse mapas. Foi um exercício feito mentalmente, com base na memória, na subjetividade. Pretendeu-se que ele relembresse o observado nos lugares onde passava.

Durante a atividade, a pesquisadora registrou as falas e ações dos alunos em um diário de campo. E depois de confeccionados os desenhos, foram feitas rodas de conversa, momento em que os desenhos foram discutidos. A observação indireta e a escuta posicionam o pesquisador em uma escala importante, na medida em que ele, através destas abordagens, pode inferir variáveis referentes à identidade, às características individuais e do grupo, ou às experiências (WHYTE, 1977).

É necessário estudar a elaboração do desenho, e não só o produto final, para melhor compreensão do processo, portanto, foi incorporado aos desenhos os enunciados verbais relacionados a eles, condição fundamental para interpretação das figuras, possibilitando a identificação da percepção do lugar de cada aluno.

Ao término de cada atividade desenvolvida com o desenho pelas turmas, o relato de cada criança sobre sua produção foi ouvido, registrado e, posteriormente, os aspectos

narrativos e visuais, presentes nos desenhos, foram comparados. A análise dos desenhos foi realizada entre as cinco turmas de alunos no mês de outubro e novembro de 2013.

Os elementos dos desenhos livres foram tabulados em categorias, de modo a permitir uma melhor visualização dos aspectos que compõem o imaginário das crianças. Por meio dessa técnica, se organizaram as percepções em categorias de análise, as quais permitiram estabelecer uma associação sistemática destas com as relações entre os agentes e dos agentes com o meio ambiente local.

As categorias de análise foram: humanas e naturais, positivas e negativas, selecionadas seguindo a metodologia de análise de conteúdo de Bardin (2002, p. 38), que segundo a autora é “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”.

Já o antagonismo entre as categorias foram baseadas em Tuan (1980), pois de acordo com o autor, a mente humana está adaptada para organizar os fenômenos não só em segmentos, mas em pares opostos, como vida-morte, macho-fêmea, terra-água, alto-baixo, essas antinomias da experiência biológica e social são transpostas para a envolvente realidade física.

Na pesquisa, consideramos como categorias positivas: lugares de lazer, escola, parque, igreja, estabelecimentos comerciais, crianças brincando, aquilo que não demonstra degradação social. Como categorias negativas: ruas com buracos, usuários de drogas, natureza depredada, pichadores, fumantes, cenas relacionadas ao medo e que demonstram degradação social. As categorias consideradas naturais foram àquelas relacionadas à natureza, como terra, céu, animais, pássaros, rio. Humanas, as que são resultantes da ação do homem, como casa, rua, escolas, estabelecimentos comerciais.

O agrupamento de algumas categorias positivas, consideradas pela pesquisadora como destaque, teve como fundamento os direitos sociais da Constituição da República Federativa do Brasil, de outubro de 1988, que traz em seu Art. 6º que “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 64, de 2010)”, e no artigo 5º inciso VI diz que “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias”. Agrupamos em pranchas os desenhos que continham escolas

(educação), postos de saúde (saúde), estabelecimentos comerciais (alimentação/trabalho), casas (moradia), parques, quadras/campo de futebol, lan house, academia, sorveteria, praças (lazer) e igrejas (livre exercício dos cultos religiosos) a fim de analisá-los e correlacioná-los.

Entendemos assim, que as categorias ao serem analisadas, possibilitaram ressaltar aspectos relevantes da configuração urbana distinta entre os bairros, assim como, se eles perceberam o lugar em sua totalidade. Posteriormente, os temas foram comparados entre os lugares.

Outra fundamentação teórica, que orientou a análise dos desenhos, foi a autora Derdick (2010) sobre a atividade gráfica infantil.

Os dados foram utilizados na Dissertação de Mestrado em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente pela UniEVANGÉLICA e serão encaminhados após a conclusão da pesquisa, com dados generalizados, para cada unidade escolar envolvida e para a Secretaria Municipal de Educação de Anápolis, para que se cumpra sua função social de colaborar com a elaboração de políticas públicas municipais, programas e projetos de desenvolvimento direcionados a esses bairros, sabedores da caracterização e percepção do bairro pelos próprios moradores (alunos). A pesquisa poderá ser publicada. Com isso espera-se reverter os resultados da pesquisa para o benefício dos autores envolvidos.

A dissertação está dividida em três capítulos: Percepção Ambiental e Conceitos Relacionados; Lugar e Laços Topofílicos: entendendo os bairros da pesquisa; Percepção Ambiental: Vivências e Valores.

O primeiro capítulo: Percepção Ambiental e Conceitos Relacionados, está centrado na Percepção Ambiental como um processo que inclui a relação humana com o lugar habitado, como se deu as mudanças nesta relação ser humano-ambiente, partindo da Geografia Humanística, tendo o geógrafo Yi-Fu Tuan como referencial teórico.

O segundo capítulo: Lugar e Laços Topofílicos: Entendendo os Bairros da Pesquisa, conceitua Topofilia e Lugar e dá um panorama da região de Anápolis-GO, suas origens e características, abordando também, as áreas de estudo: Conjunto Habitacional Filostro Machado Carneiro e Novo Paraíso, Escolas Ayrton Senna da Silva e Moacir Romeu Costa a partir da história local, aspectos geográficos e estrutura física.

O terceiro capítulo: Percepção Ambiental: Vivências e Valores trata da análise e correlação dos desenhos na percepção ambiental dos dois contextos comunitários da

pesquisa, classificação dos desenhos em categorias positiva/negativa, humana/natural. Constata-se que o lugar influencia, com suas estruturas físicas e sociais, na percepção ambiental e vivência das pessoas.

CAPÍTULO 1

PERCEPÇÃO AMBIENTAL E CONCEITOS RELACIONADOS

1. PERCEPÇÃO AMBIENTAL

Inicialmente, para o embasamento teórico que edificou a pesquisa, buscamos elucidar o que é percepção ambiental, sabendo que essa se dá após o contato inicial dos indivíduos com o mundo, Meio Ambiente, por meio dos mecanismos perceptivos captados pelos órgãos dos sentidos, que de acordo com as emoções, intuições e vivências, assim como as dimensões sociais, culturais, históricas e paradigmáticas, atribui-lhe significado (TUAN, 1980; RIBEIRO, LOBATO, LIBERATO, 2009).

Sendo assim, a percepção é discutida como um processo complexo que inclui a relação do ser humano com diversos fatores, como o lugar habitado, sua história de vida, os laços topofílicos nela construída e aspectos do imaginário (CORRÊA, 2008). Para se estudar percepção ambiental, é preciso rever alguns fatos que aconteceram desde o início da presença do homem no Planeta.

Para isso esse capítulo terá a estrutura composta pelos itens:

I. As mudanças na relação ser humano-ambiente influenciadas pela história da humanidade, sabendo que há conexão entre os aspectos históricos com o desenvolvimento do pensamento ambientalista e que molda as relações do ser humano com o lugar habitado;

II. Percepção ambiental, para que possamos apresentar sua evolução histórica e seus conceitos de acordo com os teóricos escolhidos;

III. Geografia Humanística, haja vista que essa estuda as percepções, representações, atitudes e valores dos homens de uma maneira geral.

1.1 As mudanças na relação ser humano-ambiente

Há uma grande quantidade de estudos sobre o relacionamento entre o homem e o meio ambiente e as perspectivas em relação ao futuro da vida na Terra. Ao olhar essa relação dos

seres humanos com a natureza é possível ver que houve muitas mudanças com o passar do tempo.

Para Capra (1982) todas essas mudanças estão associadas à crise de percepção,

Estou convicto de que, hoje, nossa sociedade como um todo encontra-se numa crise análoga. Podemos ler acerca de suas numerosas manifestações todos os dias nos jornais. Temos taxas elevadas de inflação e desemprego, temos uma crise energética, uma crise na assistência à saúde, poluição e outros desastres ambientais, uma onda crescente de violência e crimes, e assim por diante, tudo isso são facetas diferentes de uma só crise, que é, essencialmente, uma crise de percepção (CAPRA, 1982, p.13).

Portanto, em síntese, o que é a crise da percepção? É o fato de o homem não *perceber* que sua relação com a natureza, transformada ao longo do tempo, por inúmeros fatores tais como necessidades, mitos, religiosidade, desbravamento, expansão territorial, colonização, antropocentrismo, individualismo, reducionismo, tecnicismo, saber fragmentado entre outros, trouxeram a extinção das espécies, escassez dos recursos naturais, degradação do meio ambiente, violência étnica, danos à biosfera e a vida humana.

Poderíamos dizer que “é aquela porção da mudança ambiental que acontece na história humana, bem como a habilidade humana de acelerar ou alterar profundamente os processos biofísicos, químicos ou genéticos que ocorrem no restante mundo natural” (BARCA, 2012).

Para entendermos como a relação ser humano-ambiente chegou ao que é hoje, essa crise da percepção, veremos historicamente, de uma maneira geral, as suas modificações. Sabendo que, inicialmente, as relações do homem com a natureza eram permeadas de mitos, rituais e magia, pois se tratava de relações divinas, pois para cada fenômeno natural havia um deus, uma entidade responsável e organizadora da vida no planeta: o deus do sol, do mar, da Terra, dos ventos, das chuvas, dos rios, das pedras, das plantações, dos raios e trovões (GONÇALVES, 2008).

Na Idade Antiga o que moderava as intervenções humanas era o medo da vingança dos deuses, fator esse que impedia uma intervenção desastrosa, sem uma justificativa plausível para a destruição natural. Permanecem, ainda hoje, muitos mitos, entre eles podemos citar os mitos indígenas: plantas vermelhas que curam doenças relacionadas ao fígado, dente de onça, de jacaré e unhas de tamanduá são considerados amuletos com poderes sobrenaturais (GONÇALVES, 2008).

No noroeste do Novo México, cinco grupos indígenas foram estudados por Evon Vogt, Ethel Albert e seus colegas, em meados do século XIX. Esses índios têm vivido na área há um longo tempo, portanto adquiriram conhecimento da terra e seus recursos, porém não consideram a natureza como algo a ser dominado por simples razões econômicas, nem como oportunidade para se testar a virilidade, eles coletam e caçam, mas, essas atividades não estão somente ligadas à vida econômica, contudo têm muita importância no cerimonial de sua vida (TUAN, 1980).

Por exemplo, o sol, o céu, a terra e o milho desempenham proeminentes papéis na mitologia dos índios Pueblo. O sol é considerado muito poderoso e é comumente chamado como “pai” ou “velho”. E é invocado para obter longevidade (TUAN, 1980).

Na Idade Antiga, o homem usava para sobreviver o que colhia da natureza como frutas, legumes, raízes, além da caça e da pesca, então, pouco interferia no meio ambiente, mas ainda assim o modificava, a fim de adequá-lo às suas necessidades. Essa atuação não acarretava danos maiores aos recursos naturais, pois as atividades eram apenas para manutenção da vida, e a natureza renovava com seu ciclo natural de produção os recursos extraídos pelo homem. As leis da natureza funcionavam em plena harmonia com o ritmo de vida (MELO, COSTA, 2008).

Durante o Paleolítico, (palavra que significa “pedra polida”, os grupos humanos usaram osso, madeira e pedra para fazer suas ferramentas: lanças (para a caça) arpões (instrumentos usados para usos diversos), pedras cortantes, que serviam como machados e facas com os quais abatiam animais, coletavam frutos e faziam suas vestes. Por viverem da caça, da pesca e da coleta, eram chamados caçadores e coletores. Ocorre ainda neste período a descoberta do arco e flecha e do fogo. Essa fase começa há mais ou menos 2,7 milhões de anos a.C. e termina por volta de 1000 a.C. (VICENTINO, 1997).

De 4000 a.C. até 1000 a.C. acontece a revolução neolítica, quando se inicia o período Neolítico, há evidências de cultivo de cereais no Oriente Médio. A prática da agricultura teve um impacto na vida social, entre as mudanças que essa prática favoreceu, cabe citar: a sedentarização, a produção de novos instrumentos de trabalho, a invenção da cerâmica e o crescimento da população. Surgiram as primeiras aldeias e desenvolveu-se a vida comunitária (MELLO, COSTA, 2008).

Assim, algumas aldeias se transformaram em cidades, com organização de estruturas sociais e políticas. A necessidade de água para a agricultura e de vias de transporte de pessoas

e produtos ajudam a explicar o fato destas primeiras cidades terem surgido por volta de 6.500 a.C. próximo aos grandes rios, como o Tigre e o Eufrates, na Mesopotâmia; o Nilo, no Egito, o Indo, na Índia; e o Azul e o Amarelo, na China (VICENTINO, 1997).

De acordo com Clive Ponting (1995):

A adoção da agricultura foi a mudança mais fundamental da história humana. Não só produziu pela primeira vez as sociedades estabelecidas, como também mudou radicalmente a própria sociedade. Os grupos de caça e de colheita eram essencialmente igualitários, mas as comunidades sedentárias, quase que desde o início, resultaram em uma especialização crescente dentro da sociedade e o surgimento de elites religiosas, políticas e militares e um estado com o poder de dirigir o resto da sociedade. [...] No seu sentido mais amplo, a história humana nos 8.000 anos ou mais, a partir do surgimento das sociedades agrícolas estabelecidas, tem sido a da aquisição e distribuição do excedente da produção de alimentos e do seu uso (PONTING, 1995, p. 100-103).

A partir daí, começa a haver uma série de modificações nos costumes e na organização social dos grupos. Sendo, o início da agricultura considerado a Primeira Grande Transição da Humanidade.

Depois, por volta de 1.100 a. C., na Civilização Clássica, as concepções greco-romanas e também da tradição judaico-cristã, que iriam influenciar posteriormente as concepções europeias, tinham uma visão antropocêntrica do homem como senhor de toda a natureza, que a tudo deve dominar (BOFF, 1992; REALE, 1993).

O que pode ser observado em trechos retirados do Livro Gênesis, da Bíblia:

“Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, e presida aos peixes do mar, e às aves do céu, e aos animais selváticos, e a toda a terra, e a todos os répteis, que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem; criou-o à imagem de Deus, e criou-os varão e fêmea. E Deus os abençoou e disse: Crescei e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a, e dominai sobre todos os animais que se movem sobre a terra. E Deus disse: Eis que vos dei todas as ervas, que dão semente sobre a terra, e todas as árvores, que encerram em si mesmas a semente do seu gênero, para que vos sirvam de alimento, e a todos os animais da terra, e a todas as aves do céu, e a tudo que se move sobre a terra, e em que há alma vivente, para que tenham que comer. E assim se fez. E Deus viu todas as coisas que tinha feito, e eram muito boas (Gn 1, 16-30).

Conforme se observa, as bases teológicas e culturais europeias eram diferentes de algumas sociedades ameríndias, africanas e orientais (PONTING, 1995).

Então, conforme a população crescia, surgiam novas habilidades, intervenções e necessidades, tornando o homem um produtor, mas incapaz de garantir recursos suficientes às necessidades alimentares, novas alternativas e novos processos produtivos surgem, assim

como, uma nova organização da sociedade. Foi assim que se iniciaram as grandes agressões contra a natureza, na Idade Média e Moderna.

Nessa linha do tempo, a partir do século XVIII, iniciou-se na Europa e espalhou-se por toda a América do Norte o que veio a se tornar a Segunda Grande Transição da História da humanidade. Este fenômeno, também conhecido por Revolução Industrial¹, consiste prioritariamente na exploração de combustíveis fósseis. Foi assim considerada por somente ser comparado, em nível de relevância, à adoção da agricultura pelos humanos (PONTING, 1995).

Com o passar dos anos, no decorrer dos quatro últimos séculos, o ser humano conseguiu alcançar um desenvolvimento tecnológico tamanho, que não podia ser previsto anteriormente, e esse nos inquieta quanto ao porvir, pois passamos a viver em um mundo cheio de contradições e distinções socioambientais.

Nesse contexto, aconteceram nos séculos XVII e XVIII ideias revolucionárias, como o Liberalismo e o Mercantilismo.

Foi após a revolução burguesa, que aconteceu na Inglaterra entre 1640 e 1660, que as instituições adaptaram-se à nova forma de se organizar, baseada na propriedade e ideologia que justificava uma nova ordem, ressaltando sua diferença da servidão anterior, denominada Liberalismo. Dos pilares que constituem a ordem capitalista, propriedade e liberdade, foi esse último que deu nome a esse ideário. E o liberalismo tornou-se a ideologia da sociedade capitalista ou burguesa (LOCKE, 1690; SMITH, 1983).

Já o Mercantilismo é a política econômica do Estado Moderno baseada no acúmulo de capitais. A acumulação de capitais dá-se pela atividade comercial, daí o mercantilismo apresentar uma série de práticas para o desenvolvimento das práticas comerciais. Essa ideologia tem por objetivo a intervenção do estado nos assuntos econômicos, visava ao fortalecimento do Estado e o enriquecimento da burguesia (VICENTINO, 1997).

Neste contexto, desenvolve-se a ciência moderna, baseada nas ideias de René Descartes. Este propõe a distinção entre o mundo das coisas materiais, sendo assim a alma é

¹ Revolução Industrial foi a transição para novos processos de manufatura, que se iniciou em 1760, quando se disseminou o uso da lançadeira volante inventada por John Kay, e foi até 1820 e 1840, com os movimentos operários, greves e manifestos, como a Carta do Povo. Esta transformação incluiu a transição de métodos de produção artesanais (manufatura) para a produção por máquinas (maquinofatura), a fabricação de novos produtos químicos e de processos de produção de ferro, maior eficiência da energia da água, o uso crescente da energia a vapor, que levou a inventos revolucionários como o barco a vapor (Robert Fulton, 1807) e a locomotiva (George Stephenson, 1814) e o desenvolvimento das máquinas-ferramentas, além da substituição da madeira e de outros biocombustíveis pelo carvão. A revolução teve início na Grã-Bretanha (Inglaterra, País de Gales e Escócia) e em poucas décadas se espalhou para a Europa Ocidental e os Estados Unidos.

considerada distinta do corpo, e esse caracteriza-se como objeto de apreensão mediante atos do pensamento. A doutrina tematizada por Descartes constitui-se na verdadeira ortodoxia do século XVII. Esse pensamento, no início da ciência moderna, é considerado o ápice do movimento reflexivo do sujeito que cada vez mais se distancia da natureza. Com a apropriação destas ideias, consagra-se o dualismo que conduziu a uma oposição entre o homem e a natureza, entre o sujeito e o objeto, uma visão de mundo que favoreceu a trajetória triunfal da ciência moderna, a partir da segunda metade do século XVIII (DESCARTES, 2006).

Posteriormente, aconteceu uma série de acontecimentos importantes no decorrer do século XIX e XX, sendo esses: a descoberta da energia elétrica, a utilização em larga escala de minérios, o processamento dos derivados de petróleo, a invenção do automóvel, da tecnologia digital, o desenvolvimento amplo dos transportes e dos meios de comunicação, dentre tantos outros, que influenciaram profundamente a civilização ocidental (MENDES, 2010).

Para Boaventura de Sousa Santos (1999)

Por um lado, as potencialidades da tradução tecnológica dos conhecimentos acumulados fazem-nos crer no limiar de uma sociedade de comunicação e interativa libertada das carências e inseguranças que ainda hoje compõem os dias de muitos de nós: o século XXI a começar antes de começar. Por outro lado, uma reflexão cada vez mais aprofundada sobre os limites do rigor científico combinada com os perigos cada vez mais verossímeis da catástrofe ecológica ou da guerra nuclear fazem-nos temer que o século XXI termine antes de começar (SANTOS, 1999, p. 6).

Hoje, a postura é absolutamente distinta: o homem acha-se no domínio, controlador, superior aos demais seres da natureza, capaz de transformar os recursos naturais, direcionando-os de acordo com a sua vontade. Fazem isso confiante no progresso tecnológico e nos avanços sobre o entendimento de alguns mecanismos de funcionamento do mundo natural, esquecendo-se de que a natureza ainda age por si, não seguindo as previsões do homem, não se deixando dominar e demonstrando que também pode destruir a humanidade (vide os tsunamis, os furacões, os terremotos, enchentes, aquecimento global) (MENDES, 2010).

Nos últimos anos, nos defrontamos com situações de conflito envolvendo homem-meio ambiente, relacionados ao esgotamento e destrutividade, que se manifestam em relação ao

crescimento econômico, à expansão urbana e demográfica; à tendência ao esgotamento de recursos naturais e energéticos não renováveis; ao crescimento da desigualdade socioeconômica local e global, dentre outros (MENDES, 2010).

Logo, começa-se a considerar a questão ambiental para além do meio-ambiente: trata-se, eminentemente, de uma questão sócio-político-educacional, na medida em que põe em jogo as vidas humanas, comprometendo a qualidade de vida ou constituindo-se como fonte de pobreza. Esses fatos nos levam a refletir sobre o modelo de produção das sociedades capitalistas: vorazes pela produção de riquezas desconsideram-se os efeitos sobre o meio ambiente, gerando mais problemas que soluções (MENDES, 2010).

Nas últimas décadas o planeta têm sofrido várias transformações pelo homem, colocando em risco a vida de ambos, como afirma Gadotti (2005):

Pela primeira vez na história da humanidade, não por efeito de armas nucleares, mas pelo descontrole da produção, podemos destruir toda a vida do planeta. É a possibilidade que podemos chamar de era do exterminismo. Passamos do modo de produção para o modo de destruição; teremos que viver daqui para frente confrontados com o desafio permanente de reconstruir o planeta (GADOTTI, 2005, p. 15).

Conforme Capra (1982), as últimas duas décadas de nosso século vêm registrando um estado de profunda crise mundial. É uma crise complexa, multidimensional, cujas facetas afetam todos os aspectos de nossa vida — a saúde e o modo de vida, a qualidade do meio ambiente e das relações sociais da economia, tecnologia e política. É uma crise de dimensões intelectuais, morais e espirituais; uma crise de escala e premência sem precedentes em toda a história da humanidade. Pela primeira vez, temos que nos defrontar com a real ameaça de extinção da raça humana e de toda a vida no planeta.

1.2 Percepção Ambiental e seus conceitos

Percepção, derivado do latim *perception*, tem muitos significados, sua definição na maioria dos dicionários da língua portuguesa é: ato ou efeito de perceber; combinação dos sentidos no reconhecimento de um objeto; recepção de um estímulo; faculdade de conhecer independentemente dos sentidos; sensação; intuição; ideia; imagem; representação intelectual. É fácil perceber a quantidade de possíveis significados a partir dessas definições, que vão

desde a recepção de estímulos até a intuição, a ideia e a imagem, que são categorias distintas no discurso filosófico (MARIN, 2008).

De acordo com o psicólogo Hochberg (1973, p. 11), "a percepção é um dos mais antigos temas de especulação e pesquisa no estudo do homem [...] Estudamos a percepção numa tentativa de explicar nossas observações do mundo que nos rodeia".

Para esse estudo, focamos na percepção ambiental, que é entendida como um fenômeno complexo, que envolve vários aspectos da relação do ser humano com o mundo: as vivências cotidianas; as construções conceituais e imaginárias; a topofilia ou ligação afetiva estabelecida com o lugar habitado; os componentes da memória que fundamentam a identificação com o meio. Para tratar dessa tal complexidade, adotamos os princípios da fenomenologia, pelos quais se toma como eixo central de reflexão o retorno do ser humano ao mundo vivido e à experiência estética, superando o distanciamento da concretude, característico dos modos de viver da modernidade (CORRÊA, 2008).

Historicamente, a percepção ambiental estabeleceu-se no campo da psicologia ambiental, consolidando o interesse dos estudos em percepção, a partir da década de sessenta, sendo o período anterior caracterizado por investigações dispersas sobre as relações do ser humano com seu ambiente. Com a configuração do campo, houve uma tendência de superação das abordagens tradicionais (LEE, 1977).

Porém, não simbolizou uma mudança repentina nos estudos sobre percepção ambiental, uma vez que eram variadas as abordagens possíveis, incluindo-se alguns estudos da psicanálise, que, apesar de um uso restrito, segundo Lee (1977), se destacaram na estruturação do campo. Para Heimstra e MacFarling (1978), na obra *Psicologia Ambiental*, o comportamento em ambientes construídos (salas, moradias, edifícios, cidades) e naturais (recreação, parques e percepção de perigos naturais) é distinto.

Estudiosos alemães, em 1870, pesquisaram a percepção humana, por meio, principalmente da visão, foram eles Kurt Koffka, Wolfgang Köhler e Max Wertheimer. Para atingir este fim, eles se valiam especialmente de obras de arte, ao tentar compreender como se atingia certos efeitos pictóricos. Estas pesquisas deram origem à Psicologia da Gestalt ou Psicologia da Boa Forma (MARIN, 2008).

Durante o século XIX e até o início do século XX, os estudos sobre a percepção humana da forma tinham em comum a análise atomista, ou seja, procurava o conjunto a partir de seus elementos, segundo a qual a percepção de um objeto era dada pelas suas partes

componentes, organizadas posteriormente por associação. A Teoria da Gestalt, surgida no início do século XX, se volta contra isso e afirma que não se pode ter conhecimento do todo através das partes, e sim das partes através do todo e que só através da percepção da totalidade é que a razão pode decodificar e assimilar uma imagem ou um conceito (MARIN, 2008).

Em 1879, Wilhelm Wundt, citado como o pai da psicologia científica, fundou, em Leipzig, na Alemanha, o primeiro laboratório de psicologia experimental, no qual estudou principalmente a percepção humana.

Neste período de consolidação teórica, que os estudos de percepção ambiental se difundem por outras áreas de conhecimento, os trabalhos iniciais nessas áreas mantiveram um forte enfoque psicologista, buscando somente mais recentemente as bases teóricas na filosofia, através do viés fenomenológico. Del Rio e Oliveira (1999, p.X) afirmam que "disciplinas como a arquitetura, o urbanismo e a geografia souberam compreender rapidamente a importância da psicologia aplicada ao espaço" e destacam que nossas preocupações poderiam ser situadas no escopo da cognição. A própria fenomenologia tem sido, no entanto, base teórica presente nos estudos dessas diferentes áreas.

Sendo assim, a percepção ambiental é uma forma de conhecimento, processo ativo de representação que vai muito além do que se vê ou penetra pelos sentidos, mas é prática representativa de claras consequências sociais e culturais. A percepção entendida nessa dimensão não é apenas inferência de estímulos que do exterior atuam sobre a sensibilidade do indivíduo, mas ao contrário, supõe uma elaboração de informações que ocorrem no seu interior (FERRARA, 1993).

O geógrafo Tuan (1980) diz que percepção ambiental se expressa em dois aspectos: o cognitivo e o afetivo. O cognitivo é aquele que abrange o intelectual, incluindo as motivações, humores, valores, julgamentos, expectativas como também os conhecimentos prévios. O intelecto organiza e representa a realidade percebida por meio de esquemas perceptivos e imagens mentais. Enquanto o afetivo está relacionado aos sentimentos e vínculos que o indivíduo desenvolve em relação ao meio em que está inserido. Porém o aspecto mais importante é o cognitivo, enquanto que o afetivo é considerado como a energia que envolve o sistema.

Deste modo, a afetividade impulsiona a percepção, ou seja, a comoção une as pessoas ao seu espaço. O meio e a herança cultural oferecem informações que são processadas

mentalmente pelo indivíduo e a conduta é construída mediante o equilíbrio entre os fatores internos e externos.

Então, sendo a superfície da terra extremamente variada, as pessoas percebem e avaliam de maneira individualizada e distinta essa superfície. Duas pessoas não veem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem exatamente a mesma avaliação do meio ambiente. A própria visão científica está ligada à cultura (TUAN, 1980).

Ainda de acordo com as concepções de Tuan (1980) necessitamos de sentir prazer, existente em deleitáveis sensações proporcionadas pelo envolvimento com o mundo físico, da simplicidade de sua natureza, por meio de uma forma despreocupada, semelhante àquela que uma criança conhece: o sentir o mundo imediato, conhecido ou não, sem regras de estética definidas, um mundo de sensualidades que expressam a intimidade com a terra amiga e inimiga, materna ou não, porém envolvente.

Portanto, experimentar a paisagem revela-se uma sensação única, a mesma transmite-nos suas mensagens, inspirando sonhos e desejos associados as nossas ideias de lugar ideal, ou rejeição, fugindo de ambientes considerados terríveis, ameaçadores, por diversas circunstâncias (LIMA, 1999).

Muitos pensadores como Aristóteles, Descartes, Rousseau, Freud, Bacon, Heidegger, Espinosa, Kant, Karl Marx, Winnicott, Vygotsky, Hanna Arendt e Paulo Freire hoje são relidos para reflexão sobre conceitos da Natureza .

Por exemplo, Aristóteles considerou a natureza como munida de uma finalidade, considerando o ser humano como parte da natureza. Essa finalidade consiste em cada coisa que pertence à natureza deve realizar o seu potencial, por exemplo, uma semente se transforma em árvore, um ser humano busca realizar-se plenamente em sua vida e suas atividades (MARCONDES, 2006).

Outro foi o filósofo francês do séc. XVII, René Descartes, sendo o primeiro filósofo a propor uma física matemática, com ele a física deixa de ser especulativa e passa, de fato, a intervir na natureza, os desdobramentos foram enormes na relação homem-natureza, pois a objetividade cartesiana modificou nosso pensamento de “pensar historicamente” e colocou o homem na posição de Dono e Senhor da natureza, influenciando decisoriamente a nossa relação com a natureza (GRÜN, 2006).

Já Rousseau, na Carta a Malesherbes, de 26 de janeiro de 1762, escreve sobre o sentimento de unidade do homem com a natureza, em que o filósofo descreve o sentimento

inebriante e paz que a natureza lhe proporciona, “a ponto de me fundir, por assim dizer, no conjunto dos seres, de me identificar com a natureza inteira!”

Para Freud, no início de sua obra, o pano de fundo da elaboração do pensamento psicanalítico foi a concepção que o paradigma moderno construiu sobre a Natureza, pensada conforme a metáfora da máquina, divorciada do homem, em suma, objeto de dominação. Na perspectiva assim construída, o homem deixa de ser visto como integrante à natureza, passando a vê-lo como separado dela e com ela mantendo relações de oposição e dominação, tanto com relação à sua própria natureza (PLASTINO, 2006).

Poderíamos também citar o pensador alemão Martins Heidegger (1889-1976) considerado um dos maiores filósofos do século XX, que embora nunca tenha falado em meio ambiente ou ecologia, seus escritos constituem referência para os que pensam a questão ambiental, pois nos diz que todo morar autêntico está ligado a um preservar. Preservar não é apenas não causar danos a alguma coisa. O preservar genuíno tem uma dimensão positiva, ativa e acontece quando deixamos algo na paz de sua própria natureza, de sua força originária (HEIDEGGER, 2009).

De acordo com o mesmo pensador, a racionalidade tecnológica é usada para oprimir a natureza e outros homens (UNGER, 2006).

Porém, a percepção ambiental consolidou-se efetivamente nos estudos do meio ambiente humano, durante a década de 1970, a partir da criação do Grupo de Trabalho sobre a Percepção do Meio Ambiente, pela União Geográfica Internacional (UGI), e do Projeto 13: Percepção da Qualidade Ambiental, no Programa Internacional Homem e Biosfera (em inglês, Man and the Biosphere), lançado pela Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 1971, este programa tinha como objetivo desenvolver uma base nacional para a utilização e conservação dos recursos da biosfera e para a melhoria das relações entre o homem e seu ambiente, enquanto o grupo da UGI previa uma série de estudos internacionais comparativos sobre os “riscos do meio ambiente” e os “lugares e paisagens valorizados”, o projeto da UNESCO preconizava o estudo da percepção do meio ambiente como contribuição fundamental, para uma gestão mais harmoniosa dos recursos naturais e dos lugares e paisagens de importância para a humanidade (CASTELLO, 1999).

É com base nestes estudos que novos conceitos e categorias são desenvolvidas e fundamentadas para a melhor compreensão da relação Homem/Mundo. Entre esses conceitos,

merecem um lugar especial, por seu potencial de aplicação os de topofilia, topofobia e topocídio. Nessa pesquisa destacam-se os de topofilia, que será discutido posteriormente.

O início da década de setenta, pode ser considerado o momento da disseminação das pesquisas sobre a temática, especialmente derivado da constituição do grupo citado acima, cujo foco das questões era a Percepção do Meio Ambiente. De acordo com Melo (2005), o projeto da UNESCO enfatizava o estudo da percepção do meio ambiente como fundamental para a gestão de lugares e paisagens que tinham importância para a humanidade, e o objetivo do MAB era estudar as relações entre as populações e o meio ambiente em diversas cidades em torno do mundo, distribuídas em um conjunto de 40 países, entre elas a cidade de Porto Alegre.

Merece destaque como um dos precursores dos estudos de percepção ambiental Kevin Lynch² (1997), ao voltar para as imagens das cidades “a paisagem urbana também é algo a ser visto e lembrado, um conjunto de elementos do qual esperamos que nos dê prazer”.

Podemos dizer que o cidadão tem associações com alguma parte de sua cidade, e essa imagem vem envolta de lembranças e significados. Sabendo que “nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores, às sequências de elementos que a ele conduz, à lembrança de experiências passadas” (LYNCH, 1997).

As obras de Kevin Lynch (1997) e Gordon Cullen (1972) foram pioneiras em encorajar o desenvolvimento de metodologias projetuais com base em estudos de percepção ambiental. Ambos admitiam que os tributos do meio ambiente natural e construído influenciam o processo perceptivo da população, particularmente o visual, o que possibilita o reconhecimento de qualidades ambientais e a formação de imagens compartilhadas pela população (DEL RIO, OLIVEIRA, 1999).

De acordo com TUAN (1983) os significados de espaço e lugar são fundidos com frequência. O que se inicia como espaço indiferenciado é transformado em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. A experiência é variada, pode ser direta e íntima, ou indireta e conceitual, mediada por símbolos.

Posteriormente, TUAN (1983) define experiência como um termo que aborda as diferentes formas pelas quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas são alternadas

² Kevin Lynch foi professor de city-planning do MIT (Massachusetts Institute of Technology). Estudou arquitetura com F.L. Wright, fez estudos de psicologia e de antropologia, que o levaram a uma abordagem nova do problema do urbano. Voltou particularmente a atenção para o ponto de vista da consciência perceptiva. Limitando-se voluntariamente ao campo visual, estudou as bases da percepção específica da cidade e procurou isolar suas constantes, que deveriam integrar qualquer proposta de planejamento (CHOAY, 2003, p.306).

conforme os sentidos diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização.

Essa percepção visual é discutida considerando como a estética para emocionar as pessoas, na qual o homem é colocado diante do ambiente, podendo achá-lo bizarro, chocante, calmo ou simplesmente feio, de acordo com a sua personalidade. Sendo o primeiro contato que indivíduos e grupos têm com o mundo, se dá através da sensação captada pelos órgãos dos sentidos, porém é a inteligência que atribui significado ao que foi percebido (CULLEN, 1972; DEL RIO, OLIVEIRA, 1999).

Segundo Tuan (1980) percepção é tida tanto como uma reação dos sentidos aos estímulos externos, quanto como atividade intencional, na qual alguns fenômenos são registrados com clareza, e outros são retidos. Muito do que percebemos é valorizado, para a nossa sobrevivência biológica e para propiciar algumas satisfações que estão relacionadas à cultura.

Ainda para Tuan (1980) o estudo da percepção, das atitudes e dos valores do meio ambiente é extraordinariamente complexo, pois uma pessoa é um organismo biológico, um ser social e um indivíduo único; percepção, atitude e valor refletem os três níveis do ser. Os seres humanos estão biologicamente bem equipados para registrar uma grande variedade de estímulos ambientais. A maioria das pessoas durante suas vidas fazem pouco uso de seus poderes perceptivos. A cultura e o meio ambiente determinam em grande parte quais os sentidos são privilegiados.

O estudioso destaca que na experiência, com frequência o significado de espaço se confunde com o de lugar, sabendo que espaço é mais abstrato do que o lugar. Porém as ideias de espaço e lugar não podem ser definidas uma sem a outra. O mesmo destaca a importância de compreender o que as pessoas sentem sobre espaço, lugar e paisagem, considerando as diferentes maneiras de experienciar (sensório-motora, tátil, visual, conceitual) e interpretando os espaços e lugares como imagens de sentimentos complexos (TUAN, 1983).

Assim sendo, Tuan (1980) salienta a importância das experiências e subjetividades na constituição dos lugares, analisando as diferentes maneiras como as pessoas sentem e conhecem o espaço,

Os problemas humanos quer sejam econômicos, políticos ou sociais, dependem do centro psicológico da motivação, dos valores e atitudes que dirigem as energias para os objetivos. As atitudes e crenças não podem ser excluídas nem mesmo da abordagem prática, pois é prático reconhecer as paixões humanas em qualquer

cálculo ambiental. (...) e de algum modo todos eles se referem à maneira pela qual os seres humanos respondem ao seu ambiente físico – a percepção que dele têm e o valor que nele colocam. (TUAN, 1980, p. 1- 2).

À vista disso, esclarecer como a utilização do conceito de percepção ambiental tem se inserido nas discussões é uma tarefa importante e complicada para a democratização da ciência e dos saberes, visando garantir maior qualidade ambiental para todos.

Em um trabalho de Del Rio e Oliveira (1999), no qual os autores consolidam um apanhado geral das pesquisas em percepção ambiental no Brasil, esses distinguem duas vertentes principais de orientação epistemológica: estruturalismo e fenomenologia. Sendo o primeiro entendido como um conjunto de sistemas, cujas estruturas são reconhecíveis, na qual qualquer alteração sofrida por uma parte tenderá a se refletir no todo, admitindo-se relações causa-efeito. Já a vertente fenomenológica teria em Tuan e a geografia humanística a sua inspiração mais forte.

É importante enfatizar duas colocações relacionadas às categorias espaço, lugar e paisagem, que, no decorrer da década de setenta, passam a ter uma abordagem focada na dimensão humana: o conceito de paisagem não se limitava ao âmbito da natureza, mas envolveria o ser humano com consciência, afetividade e conhecimento crítico; espaço seria definido como espaço vivido e lugares; como dimensão existencial e perceptiva. Essas categorias redefinidas seriam o cerne de uma geografia não positivista, que havia então se denominado Geografia Humanística (OLIVEIRA, 2001).

1.3 Geografia Humanística

Foi na década de 1960 e 1970 que se buscou uma nova alternativa epistemológica nos estudos da percepção ambiental, pois as correntes neopositivista e neomarxista conduziam a um excesso de teoria, objetividade e materialismo. Assim, surge um movimento que recebeu o nome de “Geografia Humanística” que tinha como objetivo estudar as percepções, representações, atitudes e valores dos homens de uma maneira geral, ou seja, os estudos de

percepção ambiental, tendo como um de seus contribuidores o geógrafo Yi-Fu Tuan (1980;1982;1983;2006)³.

Conforme a perspectiva humanista, a Geografia propõe uma nova maneira de olhar para os fenômenos geográficos, na qual são salientadas e valorizadas as experiências, os sentimentos, a intuição, a subjetividade e a compreensão das pessoas sobre o meio ambiente que habitam, buscando compreender e valorizar estes aspectos.

Segundo Tuan (1983), a Geografia Humanística procura o entendimento do contexto pelo qual as pessoas valorizam e organizam seu espaço e nele se relacionam, expressando valores e atitudes para com o meio ambiente, busca também a compreensão do mundo humano por meio do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, assim como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar.

Para Oliveira (2001), os desafios que se põem, por meio da Geografia Humanista, são os de buscar respostas para a construção de valores e atitudes, dentro da nova ética das relações humanas e ambientais.

O universo da geografia constitui-se não somente de países, cidades, propriedades agrícolas, mares, relevo, clima, mas também de ideias, sentimentos, imagens e representações. Enquanto as correntes científicas da geografia procuram a imparcialidade e a objetividade da análise, a abordagem humanista está marcada pelo envolvimento do pesquisador com o objeto e por assumir a subjetividade como parte da análise. Em outras palavras, pode-se dizer que a perspectiva humanista focaliza-se no estudo da imaginação e ação humana e na análise objetiva e subjetiva de seus produtos (HOLZER, 1992).

Nesse sentido, para Werther Holzer (1992), a geografia humanista advém do empenho de geógrafos, históricos e culturalistas, que após a década de setenta, interessam-se em renovar suas disciplinas (com contribuições da antropologia, psicologia, sociologia) através de estudos com foco na subjetividade das interações humanas com o ambiente. Quanto ao aporte filosófico, ela recorre à fenomenologia existencialista, cuja ênfase recai sobre a valorização do indivíduo e, por conseguinte, sobre a aceitação da subjetividade e da existência como fontes para o conhecimento (CABRAL 2000).

³ As principais publicações de Tuan são: Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente publicado em 1980, Geografia Humanística do ano de 1982, Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência de 1983 e Paisagens do medo de 2006. Foi lançado também recentemente em 2012 o livro Geografia Humanística e Cultural.

De acordo com Tuan (1983), a geografia humanística considera os fenômenos geográficos para melhor compreender o homem em sua condição e quando esse se relaciona com a natureza, os seus sentimentos e as ideias sobre os espaços, paisagens e lugares.

Ainda conforme a ideologia de Tuan (1965), partindo das reflexões da Geografia, o mundo é um campo de relações composto a partir da oposição entre o eu e o outro, ele é o reino onde a história ocorre, onde contatamos as coisas, os outros e a nós mesmos.

Em outra obra, Tuan (1983) relata que Lugares podem ser símbolos públicos ou campos de preocupação, mas o poder dos símbolos para criar lugares depende, em última análise, das emoções humanas que vibram nos campos de preocupação. A partir destas definições pode se concluir que o conteúdo dos lugares é o mesmo conteúdo do "mundo": ambos são produzidos pela consciência humana e por sua relação intersubjetiva com as coisas e os outros, gerando os "campos de preocupação", como são denominados pelo autor.

Semelhante às concepções de Tuan, temos Luckerman (1964) que foi um dos primeiros autores a se afastar do sentido de lugar apenas locacional ao afirmar que a geografia é a “ciência dos lugares”, ele enfatiza que sua tarefa não consiste apenas em descrever minuciosamente o conteúdo das áreas, mas de analisar a forma de ver o mundo das pessoas que ali se encontram (HOLZER, 1999).

A aflição dos geógrafos humanistas, seguindo as determinações da fenomenologia, foi de caracterizar o lugar enquanto uma experiência que se refere essencialmente, ao espaço como é vivenciado pelos seres humanos. Um ponto central criador de significados geográficos, que está em relação de argumentação com o constructo abstrato que denominamos "espaço" (HOLZER, 1992).

Sobre a experiência, essa é formada de pensamentos e sentimentos. O sentimento humano não é uma sequência de sensações diferenciadas, porém a memória e a intuição têm a capacidade de produzir impactos sensoriais na experiência, de modo que poderíamos falar de uma vida do sentimento como falamos de uma vida do pensamento (TUAN, 1983).

Sendo assim, ainda segundo Tuan (1983), a natureza da geografia é definida pelo espaço e lugar. Porém é o lugar que tem uma relevância diferenciada para a geografia humanista, pois, para os estudiosos do assunto, ele pode ser considerado a partir da experiência pessoal de cada um e tem um significado complexo e simbólico, partindo da orientação e estruturação do espaço, ou da experiência grupal (intersubjetiva) de espaço, como estruturação do espaço mítico-conceitual.

Nesse sentido, o lugar faz parte de nosso cotidiano, é a partir dele que nos inserimos no mundo, nos identificamos, nos lembramos, nos socializamos, constituindo assim a base de nossas experiências no mundo.

O filósofo Heidegger, dois dias antes de sua morte, escreveu um pequeno bilhete a um amigo de infância. A última frase deste escrito do filósofo pode nos indicar o caminho para construirmos uma geografia fenomenológica “Pois é preciso pensar se, e como, na era da civilização mundialmente tecnizante e igualizadora ainda pode existir uma terra natal”.

Quando pensamos em “terra natal”, que é a pátria, o lugar em que nascemos, lembramos primeiramente de país, e de forma gradativa, nos lembramos da cidade, do bairro, dos vizinhos e do lar. Para Tuan (1983, p.175) “a afeição pela pátria é uma emoção humana comum. Sua intensidade varia entre diferentes culturas e períodos históricos. Quanto mais laços houver, mais forte será o vínculo emocional”.

Neste momento, surgem as questões que norteiam esta pesquisa: os alunos do 5º ano, dos bairros Novo Paraíso e Conjunto Habitacional Filostro Machado das duas escolas Ayrton Sena e Moacyr, percebem que os bairros onde moram com suas peculiaridades, analogias e diferenças influenciam em sua percepção ambiental? As diferenças econômicas, sociais, lazer, estrutura física, estética, trarão vivências e experiências diferentes do meio em que vivem? Qual será a percepção que eles têm? O lugar interfere nesta percepção? Os dois bairros são espaços ou lugares para os alunos da pesquisa?

Ambos são bairros periféricos, não fazem parte da área central da cidade, seus moradores pertencem à classe socioeconômica parecida, porém, são bairros distintos em sua estrutura física, isso influencia na percepção dos alunos? As características de cada um deles serão feitas no próximo capítulo, mas não podemos deixar neste momento de refletirmos, questionarmos, depois de tantas abordagens teóricas sobre percepção, lugar e geografia humanística, como os alunos veem o lugar em que vivem. Percebem que a estrutura, a estética, os vizinhos, podem fazer diferença em sua vida social, econômica, afetiva, e até mesmo na formação de sua identidade como cidadão? Estes bairros são lugares para os alunos?

Uma outra reflexão que se faz necessária, é a referência ao papel da memória na percepção, o que neste contexto, se ancora na relação do ser humano com o ambiente, invoca a topofilia. Este termo foi citado pela primeira vez por Bachelard, em 1957, na primeira edição de sua obra, A Poética do Espaço, significando o "espaço de nossa felicidade". Tuan,

posteriormente, também o utilizou, principalmente, em sua obra homônoma de 1980, em que é empregado como atração do ser humano aos aspectos físicos, especialmente paisagísticos, de um determinado ambiente (MARIN, 2008).

CAPÍTULO 2

LUGAR E LAÇOS TOPOFÍLICOS: ENTENDENDO OS BAIRROS DA PESQUISA

1. TOPOFILIA E LUGAR

A palavra “topofilia” é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode se tátil; o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o locus de reminiscências e o meio de ganhar a vida (TUAN, 1980).

Tuan (1980) afirma que a natureza produz sensações deleitáveis e que o adulto deve aprender a ser descuidado e complacente como uma criança se quiser desfrutar os prazeres que a natureza oferece como

(...) esticar-se no feno ao lado do riacho e embeber-se em uma mistura de sensações físicas; o cheiro de feno e de estrume de cavalo; o calor do chão, seus contornos duros e suaves, o calor do sol temperado pela brisa; a cócega produzida por uma formiga subindo pela barriga da perna; o movimento das sombras das folhas brincando em seu rosto; o ruído da água sobre os seixos e matacões, o canto das cigarras e do tráfego distante (TUAN, 1980, p.111).

O meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas oferece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais. Os estímulos sensoriais são potencialmente infinitos: aquilo em que decidimos prestar atenção (valorizar ou amar) é um acidente do temperamento individual, do propósito e das forças culturais que atuam em determinada época (TUAN, 1980).

Uma vez que depende do temperamento individual de cada um e das forças culturais da época em que estamos vivendo. O que os alunos pesquisados valorizam e amam em seu bairro? Tuan nos diz que

A satisfação com o bairro depende mais da satisfação com os vizinhos - sua amizade e respeitabilidade - do que das características físicas da área residencial. As reclamações sobre moradias inadequadas ou ruas inseguras comumente são reclamações sobre hábitos e padrões dos vizinhos. As relações sociais parecem determinar a maneira como as pessoas responderão à adequação de suas moradias e facilidades, se elas permanecem ou se mudam e como enfrentam a superlotação e outras inconveniências (TUAN, 1980, p. 299).

Um exemplo disso são os habitantes de West End, em Boston, que estavam dispostos a mudar se pudessem fazer todos juntos, mantendo o velho ambiente social. Esse antigo distrito operário foi declarado zona deteriorada e deveria ser demolido. Em Greensboro, na Carolina do Norte, o contentamento com o bairro, relacionava-se com o grau de participação nas atividades da igreja (TUAN, 1980).

No Brasil, moradores da Vila do IAPI, no Bairro Passo D'Areia, em Porto Alegre-RS, viram seu bairro sofrer muitas modificações trazidas pela industrialização, mesmo assim, isto não tirou a afetividade dos moradores pelo lugar, os valores agregados à topofilia estão nas diversas áreas verdes da vila. Portanto, a relação homem/lugar foi fortalecida pelos locais destinados ao lazer e à prática de esportes, além disso, na comunidade, os estilos de vida são semelhantes e a maioria das famílias se auxiliam (BARBOSA, 2008).

Em Goiás, a topofilia pode ser facilmente percebida nos poemas de Cora Coralina e José Décio Filho. A primeira, nascida na Cidade de Goiás em 1889, com seus textos poéticos representando os percursos da vida da própria poetisa e suas experiências nesses espaços vividos por ela. E o segundo, nascido na cidade goiana de Posse (denominada de Terra Branca em um dos seus poemas), passou a sua infância na cidade de Formosa e foi completar seus estudos na antiga capital do Estado de Goiás, Vila Boa, atualmente denominada Cidade de Goiás. O poeta tem sua trajetória marcada pela sua contribuição com a formação do modernismo em Goiás (ESMERALDO, CAVALCANTE, 2012).

Assim, os textos desses dois poetas “Cântico de Andradina, Cidade de Santos e Ode a Londrina” e “Formosa, Terra Branca, Bela Vista e Vila Boa” respectivamente, demonstram o interesse em estabelecer uma relação com os espaços de sua memória e os cenários recriados liricamente em suas poesias. Com isso, intencionam representar a percepção da espacialidade humana, demonstrando uma verdadeira relação afetiva entre imagem e lembrança, em um relacionamento de apego aos espaços reconhecidos em sua poética (ESMERALDO, CAVALCANTE, 2012).

Cada pessoa tem uma relação com o lugar que o cerca, e cada uma percebe de maneira diferente, de forma única e singular. Essas diferenças se devem a percepção que cada um construiu, desenvolvida por sua memória afetiva e estimulada por seus sentidos em relação ao meio, em relação à sociedade, à vizinhança, à estética do lugar, condições físicas, à família, à escola, ao bairro, ao trabalho, à natureza e aos próprios homens, fazendo com que o lugar experienciado apresente diferentes significados e provoque diferentes reflexões e sensações (TUAN, 1980).

Portanto, o papel dos sentidos é imprescindível ao processo de percepção ambiental e apreensão do lugar vivido. Eles possibilitam o diálogo do homem com o mundo, ou seja, o mundo é percebido simultaneamente pelos cinco sentidos humanos - visão, tato, audição, olfato e paladar -, que interagem na forma do ser humano perceber e sentir os fenômenos (MANSANO, 2006).

Quanto ao sentido da visão, Tuan (1980) afirma que o homem necessita de, entre os cinco sentidos tradicionais, mais conscientemente da visão do que dos demais sentidos para progredir no mundo. Sendo assim, ele é predominantemente um animal visual.

Para o mesmo filósofo “Um mundo mais amplo se lhe abre e muito mais informação, que é espacialmente detalhada e específica, chega até ele mais por meio dos olhos que pelos sistemas sensoriais da audição, olfato, paladar e tato” (TUAN, 1980, p.7).

A percepção ambiental humana é hierarquizada de modo a priorizar as informações visuais, complementando-as com as fornecidas pelos outros sentidos, pois os seres humanos tendem a perceber o ambiente com o foco dos estímulos da visão. Assim, as imagens assumem uma posição especial, relegando as informações captadas pelos demais sentidos, aí incluídas as informações sonoras, a um relativo segundo plano. O papel imprescindível da visão está, até mesmo, nos elementos urbanos espalhados pelas cidades e bairros, tais como praças, parques, igrejas, escolas, jardins, são dispostos no ambiente de forma a privilegiar o sentido da visão, ou seja, a disposição dos objetos está relacionada com o campo visual (TUAN, 1980 apud MANSANO, 2006).

Em relação a bairro e como cada morador o vê, Tuan (1980) afirma que cada bairro é uma pequena parte de uma área construída maior, e não está claro onde termina uma unidade e começa a outra. Um planejador, ao olhar a cidade, pode discernir áreas de características físicas e socioeconômicas bem definidas: ele a chama de distritos ou bairros e lhes atribuem nomes, se ainda ninguém lhes deu um. Para ele, estes bairros são lugares, pois têm

significação como conceitos intelectuais. Como seria a percepção das pessoas que vivem em tais áreas? Será que elas também veem que, na sua área, as casas têm estilos semelhantes e que a maioria das pessoas pertencem a mesma classe socioeconômica?

Como se observa, o autor questiona sobre a percepção que os indivíduos possuem do seu ambiente, se esses percebem semelhanças sociais, econômicas, estruturais, pois Tuan (1983, p.36) afirma que “o sentimento por lugar é influenciado pelo conhecimento de fatos básicos: se o lugar é natural ou construído e se é relativamente grande ou pequeno”. E os bairros que serão estudados nesta pesquisa, por meio dos desenhos dos alunos, possuem aspectos semelhantes, mas também aspectos distintos, principalmente em relação a estrutura física, será que ambos serão vistos como lugares ou como espaços?

Tuan (1983, p. 83) afirma que “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar”. Desta maneira, os lugares são transformados no que Relph (1976) definiu como “espaço vivido” ou “espaço existencial”, ou no que Buttner (1976) denominou “mundo vivido”, sendo que este exprime uma relação existencial que o indivíduo estabelece com os lugares, refletindo seu pertencimento a um determinado grupo, num determinado lugar (FERREIRA, 2000).

Será que os alunos que serão a amostra desta pesquisa percebem o lugar em que vivem? Cada bairro da pesquisa possui uma identidade própria, cada um deles tem suas peculiaridades pelos costumes de seus moradores, de pessoas que possuem interesses em comum, ou laços afetivos de proximidade e também relações comerciais, aluno e professor, vizinhos e vizinhos, colegas e colegas, comerciantes e seus clientes. Os relacionamentos entre os que de alguma maneira fazem parte de determinado ciclo social são determinadas e marcadas por alguma caracterização ambiental. Assim o ambiente e as relações humanas se integram, tornando-se parte integrante um do outro, explicando as preferências de cada um por determinado local.

Tuan (1980) afirma que para compreender a preferência ambiental de uma pessoa, é necessário analisar sua herança biológica, criação, educação, trabalho e arredores físicos. No nível de atitudes e preferências de grupo, é necessário conhecer a história cultural e a experiência de um grupo no contexto de seu ambiente físico.

O geógrafo Relph (1976) salienta a importância das experiências intersubjetivas e da aparência do lugar na maneira de exprimir sua identidade. Essa, no entanto, não é fixa e imutável, mas há componentes e formas que variam com a mudança das circunstâncias e das

atitudes. Como diz o autor “uma relação profunda com os lugares é tão necessária, é talvez, tão inevitável, quanto uma relação próxima com as pessoas; sem tais relações, a existência humana, embora possível, fica desprovida de grande parte de seu significado” (RELPH, 1976, p.68)

O lugar como uma pausa em movimento é assim descrito no livro Topofilia de Tuan

(...) lugar é uma pausa em movimento. Os animais, incluindo os seres humanos, descansam em uma localidade porque ele atende a certas necessidades biológicas. A pausa permite que uma localidade se torne um centro de reconhecido valor. Os babuínos e os símios não fazem uma pausa para cuidar de um membro ferido ou doente. Os homens o fazem, e este fato contribui para a intensidade de seu sentimento de lugar (TUAN, 1980, p. 156).

Então, podemos considerar que os bairros serão lugares aos alunos pesquisados se forem importantes para eles, se tiverem a consciência desta importância, seja pela brincadeira em uma praça, em uma quadra, uma sombra de uma árvore para descansar nos intervalos de brincadeiras, as quadras de esporte, as ruas que brincam durante o período em que não estão estudando, a ida à igreja aos domingos, a afeição é em parte o resultado de experiências boas, aconchegantes e agradáveis.

Portanto, não podemos desvincular lugar de topofilia, pois falar de um é o mesmo que mencionar o outro, por ser topofilia o elo afetivo entre a pessoa e o lugar em que vive. Oliveira (2005) dando um exemplo de topofilia nos diz que para ela Rio Claro é uma concha que lhe dá abrigo carinhoso e seguro, “Rio Claro é o meu aconchego”.

Nesse sentido, conforme Edward Relph (1976) lugar não é meramente aquilo que possui raízes, conhecer e ser conhecido no bairro, mas se estende, em suas ligações inextricáveis com o ser, com a nossa própria existência.

Em concordância, Adélia Prado nos dá exemplo na poesia “o Amor no Éter”, com trecho descrito abaixo da ligação que há entre o ser e o lugar, aqui mencionado como especial na imaginação da autora

Há dentro de mim uma paisagem entre meio-dia e duas horas da tarde. Aves pernaltas, os bicos mergulhados na água, entram e não neste lugar de memória, uma lagoa rasa com caniço na margem. Habito nele, quando os desejos do corpo, a metafísica, exclamam: como és bonito! Quero escrever-te até encontrar onde segregas tanto sentimento. Pensas em mim, teu meio-riso secreto atravessa mar e montanha, me sobressalta em arrepios, o amor sobre o natural. O corpo é leve como a alma, os minerais voam como borboletas. Tudo deste lugar entre meio-dia e duas horas da tarde.

Enquanto Leonardo Da Vinci pintou a natureza com objetividade científica: seus quadros de animais e montanhas baseavam-se em seus sólidos conhecimentos de anatomia e geologia, Adélia Prado fala de uma paisagem humanista, cheia de vivência e experiência. Tuan (1980) diz que as pessoas sonham com lugares ideais Para ele onde houver seres humanos, haverá o *lar* de alguém-com todo o significado afetivo da palavra.

O Sudão é monótono e miserável para o estrangeiro, mas Evans - Pritvhard afirma que é difícil poder persuadir o Nuer que ali vive de que existem outros lugares melhores. Na complexa sociedade moderna, os gostos individuais por ambientes naturais podem variar enormemente. Algumas pessoas preferem viver no deserto e nas planícies varridas pelo vento, a simplesmente visitar tais lugares. A maioria das pessoas, entretanto, prefere um meio ambiente mais hospitaleiro para viver (TUAN, 1980, p.162).

Três outros ambientes naturais têm, em diferentes tempos e lugares, atraído fortemente a imaginação humana: a praia, o vale e a ilha, porque o contato físico do homem com o meio ambiente tem se tornado cada vez menor, em consequência da modernidade e para esse ser humano o contato tem sido mais por recreação do que por vocação (TUAN, 1980).

Ele também defende que, as atitudes em relação à vida e ao meio ambiente refletem, necessariamente, variações individuais, bioquímicas, fisiológicas, temperamentais, criação, educação, trabalho, sexo, ser visitante ou nativo, explorador ou colonizador e fatores culturais, portanto é difícil para um adulto recapturar a perdida vividez das impressões sensoriais (exceto ocasionalmente) como a frescura de uma cena após a chuva, a fragrância penetrante do café antes do desjejum, quando a concentração do açúcar no sangue está baixa, e a pungência do mundo durante a convalescência após uma longa doença, enquanto uma criança, de cerca de sete anos até aos quatorze, vive na maior parte do tempo, neste mundo vivido.

Os homens tendem a preferir as paisagens com uma topografia mais acidentada e com indícios de água, enquanto as mulheres preferem as paisagens com vegetação em meio a ambientes mais cálidos; os visitantes possuem um ponto de vista simples e facilmente enunciado, reduz a usar os seus olhos, é essencialmente estética, julga pela aparência, por algum critério formal de beleza: por outro lado; a atitude complexa do nativo somente pode ser expressa com dificuldade e indiretamente através do comportamento, da tradição local, conhecimento e mito (TUAN, 1980).

Para Tuan (1980) a topofilia pode ser despertada pela familiaridade. Assim como somos capazes de nos afeiçoar aos nossos pertences pessoais, como por exemplo, uns chinelos velhos, e relutamos em nos desfazer destes objetos pessoais, por serem os pertences de uma pessoa uma extensão de sua personalidade, ser privado deles é diminuir nosso valor como ser humano, na nossa própria estimativa.

Sendo assim, o ser humano, no transcurso do tempo, investe parte de sua vida emocional em seu lar e além do lar, em seu bairro. Ser despejado, portanto, pode significar despir-se de um envoltório que protege o ser humano das perturbações do mundo que o cerca.

Nestas análises feitas por Tuan do elo afetivo entre o homem e o lugar, percebemos a relação construída por inúmeros aspectos próprios de sua natureza humana, desde os mais primitivos, até os ligados à sua complexa evolução biológica e cultural, por meio da linguagem, afetividade, imaginação, intuição, relações sociais, memória e experiência interativa. São elementos intrínsecos do ser humano seus mitos, tradições e historicidade.

Vimos que Tuan (1980) reflete sobre as várias maneiras porque as pessoas pensam, sentem e agem nos espaços e lugares, tendo a experiência como item bastante significativa na elaboração da realidade. Portanto, o espaço é amplo, aberto, livre e desprovido de valores ou elos afetivos, enquanto lugar é inteiro, íntimo, seguro e humanizado, sendo um mundo vivido, carregado de valores de acordo com interesses, necessidades, visões de mundo e experiências vividas.

2. CIDADES

“A história das cidades brasileiras é um pouco a história de milhões de pedreiros de fim de semana; gente que descansa batendo laje nos domingos e feriados; gente que faz das tripas coração para transformar madeira em barraco; barraco em alvenaria, e alvenaria em abrigo, aconchego, dignidade e, portanto, num lar. Essa conquista de um lugar próprio para morar na cidade às vezes consome todo um ciclo de vida de uma família. A casa sobe aos poucos com o casamento; cresce um cômodo na chegada das crianças; ganha pintura na adolescência dos filhos, mas às vezes só fica pronta mesmo quando começa o choro dos netos. Ainda assim, frequentemente, para a maioria dos brasileiros, falta um acabamento que não se resolve na base da tinta ou do reboco.”

O nome desse acabamento é direito à cidade e à cidadania. Ele inclui, entre outras coisas, a rua limpa e iluminada; a segurança pública, o transporte acessível, o posto de saúde, a escola próxima; a natureza protegida; a praça das crianças. Essa cidade democrática e republicana ainda é privilégio de poucos e um sonho de muitos.”

(Luís Inácio Lula da Silva- Presidente da República – Plano Diretor Participativo)

Para entendermos a relação afetiva que o homem tem com o lugar, precisamos estudar o surgimento deste enquanto cidade, a fim de elucidarmos as razões que embasam esses laços topofílicos.

Para iniciar essa discussão, há um verbete sobre cidade, publicado por volta do século XVIII na *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences et des Métiers* (1751-1752:447-450; 1778), que é desapontador, pois é assim descrito “um conjunto de várias casas dispostas em ruas e cercadas por uma cinta comum, composta em geral por muros e fossas”, também para construí-las a prescrição não ia além de observações para que fossem belas, indicando ser necessário que todas as ruas conduzissem às portas, e que essas ruas, na medida do possível, fossem perpendiculares umas às outras de modo que, nas esquinas, as casas formassem ângulos retos.

Depois deste conceito de cidade, analisemos os sete preceitos sobre como construir uma cidade, dito por Marcos Vitruvius Polião (em latim *Marcus Vitruvius Pollio*), arquiteto romano que viveu no século I a.C.: que se leve em conta a escolha de um lugar são, alto e pouco sujeito à neblina; que se comece pela construção das muralhas e torres; que se trace a localização das casas e alinhe as ruas segundo a melhor disposição em vista do vento; que se escolha o lugar dos edifícios comuns a toda a cidade — templos, praças públicas — considerando a utilidade e comodidade do público; que os templos sejam edificadas para que seus altares dirijam-se para o oriente; que o tesouro público, a prisão e a prefeitura estejam na praça, e que o teatro seja construído em lugar são, com fundamentos sólidos (VITRUVIUS, 1960).

Vimos que nestes conceitos não são contemplados os princípios fundamentais da organização espacial que conforme Tuan (1983, p. 39) “encontram-se em dois tipos de fatos: a postura e a estrutura do corpo humano e as relações (quer próximas ou distantes) entre as pessoas”. Para o autor, o homem como resultado de sua experiência íntima com seu corpo e

com outras pessoas, organiza o espaço a fim de conformá-lo a suas necessidades biológicas e relações sociais.

Posteriormente, Kevin Lynch (1997) diz que olhar para as cidades pode dar um prazer especial, por mais comum que possa parecer seu panorama,

A cada instante, há mais do que o olho pode ver, mais do que o ouvido pode perceber, um cenário ou uma paisagem esperando para serem explorados. Nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores, às sequências de elementos que a ele conduz, à lembrança de experiências passadas (LYNCH, 1997, p.1)

Afunilando o olhar para a cidade de Anápolis, percebemos as mudanças em sua fisionomia na última década e na importância destas modificações. Vimos construções de praças, criação de parques, escolas, creches, ginásios poliesportivos em escolas de tempo integral, viadutos entre outras benfeitorias que modificaram totalmente a paisagem da cidade. Entre seus inúmeros papéis, Kevin diz que “a paisagem urbana também é algo a ser visto e lembrado, um conjunto de elementos do qual esperamos que nos dê prazer” (LYNCH, 1997, p. 11).

Ao percebermos nossa cidade, nos voltamos para as praças, parques, ruas movimentadas, o tráfego, as edificações, o movimento das pessoas, as linguagens verbais e não verbais dando-nos informações e indícios que nos permitem ter pensamentos voltados para o social, político, econômico e cultural. Em nível mais profundo, temos de reconhecer que tais associações condensam um rigoroso espaço simbólico. Falamos em estar na cidade, em percebê-la e vivê-la não apenas porque vemos, ouvimos e sentimos, atribuindo significados a seus espaços, mas porque ela própria se converte em pensamento e experiência (LIMENA, 2002).

Quando Anápolis se converteu em pensamento, valores, vivências e experiências?

2.1. Origem da Cidade de Anápolis-GO

Para respondermos as indagações feitas anteriormente, discutiremos um pouco sobre o surgimento da cidade de Anápolis, no Estado de Goiás.

Inicialmente os princípios da povoação de Anápolis, nos idos do século XVIII, tiveram como responsável a movimentação de tropeiros que demandavam de diferentes províncias em direção às lavras de ouro de Meia Ponte (Pirenópolis), Corumbá de Goiás, Santa Cruz, Bonfim (Silvânia) e Vila Boa (Cidade de Goiás) (ANÁPOLIS, 2013b).

Os principais cursos de água que cortam a região de Anápolis - João Cezário, Góis e Antas - tinham dupla importância no traslado desses garimpeiros: eram sítios de descanso e serviam como referência e orientação na viagem. Abandonando os sonhos de aventura e de riqueza em face da exaustão do precioso metal nas lavras antes promissoras, muitos daqueles viajantes optaram pelas margens do Rio das Antas para estabelecer moradia, constituir família, explorar a terra (ANÁPOLIS, 2013a).

Já no século XIX o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire fez anotações em seu diário de viagem em que descrevia uma fazenda "que era um engenho de açúcar do qual dependia um rancho muito limpo, no qual nos alojamos". Era o ano de 1819 e o lugar descrito pelo estudioso francês era a Fazenda das Antas. Por volta de 1833, os fazendeiros que tinham assentado às margens do Riacho das Antas, tinham por costume se reunir em casa de Manoel Rodrigues dos Santos, um dos primeiros moradores do lugar, realizavam novenas e orações. Registros históricos da época confirmam que no ano de 1859, a área de terras que constituía propriedade de Manoel Rodrigues dos Santos era um aglomerado de quinze casas (ANÁPOLIS, 2013b).

Em 25 de abril de 1870, surge o primeiro documento oficial sobre Anápolis. Um grupo de moradores constituído por Pedro Roriz dos Santos, Inácio José de Souza, Camilo Mendes de Moraes, Manoel Roriz dos Santos e Joaquim Rodrigues dos Santos fez a doação de uma parte de suas terras para a formação do Patrimônio de Nossa Senhora de Santana.

No ano seguinte, nas terras doadas, Gomes de Souza Ramos construiu a Capela de Santana o que fez o lugar florescer rapidamente, pelo que foi elevado à Freguesia de Santana, sobrevivendo depois os estágios de vila e de cidade.

Conforme Chiarotti (2010) a cronologia do lugar onde hoje é Anápolis:

1819-1873 – da Fazenda ao Povoado de Santana das Antas

1873-1887 – Freguesia de Santana das Antas

1887-1907- Vila Santana das Antas

1907 até os dias atuais – Cidade de Anápolis

O processo de emancipação política da atual cidade de Anápolis ocorreu em 1887, quando passa a ser vila, mas com sua instalação somente em 1892. Portanto, na data de 31 de julho de 2013 completamos 106 anos de elevação de Anápolis à categoria de Cidade (CHIAROTTI, 2010).

O período entre 1907 e 1935, ou seja, da elevação da vila à condição de Cidade, até a chegada dos trilhos, foi decisivo para a formação da economia Anapolina, correspondendo ao período de consolidação da cidade como entreposto comercial.

Desde os primeiros anos da segunda década do século XX, quando os trilhos penetraram em solo goiano, até a inauguração da estação ferroviária de Anápolis, em 1935, as mudanças nos campos econômico, urbanístico, social, político e cultural já puderam ser notadas.

De acordo com Polonial (1995) a inauguração oficial da Estrada de Ferro Goiás em Anápolis foi marcada para o dia 7 de setembro de 1935. Com vasta programação festiva, a população, local e da região, preparou-se para receber o "arauto do progresso", a concretização da maior aspiração dos anapolinos.

Ainda segundo o autor, Anápolis foi beneficiada com a chegada da ferrovia, principalmente, por dois motivos, primeiro dinamizou a economia da região e segundo a cidade por ser ponto terminal dos trilhos, serviu como entreposto na troca de mercadorias da vasta região do Estado de Goiás. Anápolis experimentava um surto desenvolvimentista nos setores terciário, primário e a agricultura comercial, possuindo em 1932 a maior plantação de café do Estado de Goiás (POLONIAL, 1995).

A figura 3 retrata alguns locais e acontecimentos importantes na história de Anápolis-GO discutidos anteriormente, na foto (A) temos a Avenida Goiás em 1965, hoje é o principal eixo de ligação entre as regiões leste e oeste; na foto (B) primeiro trem de Anápolis, tendo o sistema ferroviário papel fundamental no desenvolvimento da cidade e na foto (C) o primeiro ônibus de passageiros de Anápolis interestadual.

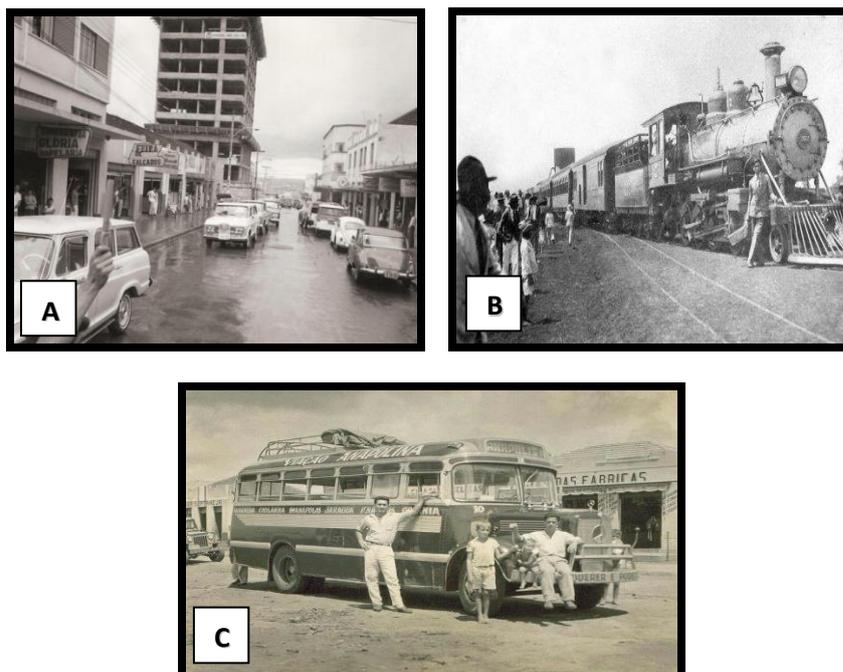


Figura 3: Registro fotográfico de locais e acontecimentos na história de Anápolis-GO. Em (A) observa-se a Avenida Goiás em 1965, em (B) a foto do 1º trem de Anápolis, e em (C) o 1º ônibus de passageiros de Anápolis em 1965.

(Fonte: Blog do Ozza – Ozair Farias)

Hoje, Anápolis é o terceiro maior município em população do estado de Goiás, o segundo maior em arrecadação de impostos e a segunda maior cidade do estado de Goiás, compondo a região mais desenvolvida do Centro-Oeste brasileiro, o eixo Goiânia-Anápolis-Brasília (ANÁPOLIS, 2013a).

A cidade está localizada a 53 quilômetros da capital do Estado, Goiânia, por meio de pista duplicada da BR-153, que liga a cidade ao sul e ao norte do país. Ainda conta com as rodovias federais BR-060 (que liga Anápolis à Brasília através de pista dupla) e BR- 414 (que liga Anápolis à Brasília, através de Corumbá de Goiás) e as estaduais GO-222 (para Nerópolis) e GO-330 (para Leopoldo de Bulhões). É um dos maiores entroncamentos rodoviários do país, estando a pouco mais de 130 quilômetros da capital federal (ANÁPOLIS, 2013a).

Segundo o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para 2010, sua população era de 334.613 habitantes e em 2013 passou a ter 357.402 com densidade demográfica de 358,58 hab/Km². Limita-se ao norte com os municípios de Pirenópolis e Abadiânia, a leste com o município de Silvânia, ao sul com o município de Leopoldo de Bulhões e Goianópolis e a oeste com os municípios de Nerópolis e Ouro Verde de Goiás. Sua

bacia hidrográfica é composta pelos ribeirões João Leite, Antas, Piancó e Padre Sousa (IBGE, 2010).

Conforme LUZ (2009) a cidade de Anápolis é caracterizada como cidade média, a autora destaca que a cidade possui diversos serviços, tais como: saúde, com rede de hospitais, laboratórios, clínicas de diversas especialidades; previdência e seguridade social; a função de entreposto comercial com serviços de armazenagem, processamento e distribuição de mercadorias e toda a logística do comércio atacadista e varejista; indústria de produtos agropecuários, farmacêuticos, alimentícios, montadora de automóveis; ampla rede bancária; e no setor de serviços de educação superior. Em função da rede de relações estabelecidas na cidade resultado da dinâmica comercial, industrial e de serviços os fluxos são contínuos. A oferta de trabalho é também característica da cidade, o que provoca fluxos migratórios permanentes e pendulares.

O autor Kevin Lynch (1997) define o que seria cidade

A cidade não é apenas um objeto percebido (e talvez desfrutado) por milhões de pessoas de classes sociais e características extremamente diversas, mas também o produto de muitos construtores que, por razões próprias, nunca deixam de mudar sua estrutura. Se, em linhas gerais, ela pode ser estável por algum tempo, por outro lado está sempre se modificando nos detalhes. Só um controle parcial pode ser exercido sobre seu crescimento e sua forma. Não há resultado final, mas uma contínua sucessão de fases (LYNCH, 1997, p. 2)

É evidente que a cidade de Anápolis tem uma história econômica, cultural e política de grandes proporções e as mudanças visuais, ultimamente ocorridas, faz Anápolis extremamente visível. As pessoas desenvolveram ligações muito fortes com as novas imagens construídas nas últimas décadas, tanto do passado histórico quanto de suas experiências. O ambiente visual torna-se parte integrante da vida dos habitantes. Anápolis não é de modo algum perfeita, mas parece haver um prazer simples e automático, um sentimento de satisfação, presença e certeza que decorre da simples contemplação da cidade ou da possibilidade de caminhar por suas ruas.

O homem necessita de quatro funções básicas, conforme a Carta de Atenas: morar, trabalhar, recrear-se e locomover-se, afinal a vida oscila entre trabalho e residência, portanto, se o espaço público for pobre em favorecer encontros, ritual e movimentos, é decretar a morte das ruas (MATIELLO, 2006).

Para Tuan (1983) o espaço construído pelo homem pode aperfeiçoar a sensação e a percepção humana. O espaço arquitetônico – até uma simples choça rodeada por uma clareira – pode definir estas sensações e transformá-la em algo concreto. Outra influência é a seguinte: o meio ambiente construído define as funções sociais e relações. As pessoas sabem melhor quem são elas e como devem se comportar quando o ambiente é planejado pelo homem e não quando o ambiente é a própria natureza. Uma cidade planejada, um monumento, ou até uma simples moradia pode ser um símbolo do cosmos.

Assim sendo, a cidade é o símbolo da sociedade. Porém, esta sociedade não reside somente no centro, mas também nas periferias, nos bairros que podem ser ricos ou pobres em vários aspectos.

2.2 Origem do Conjunto Habitacional Filostro Machado Carneiro

Sabendo da importância do lugar na percepção ambiental do aluno entenderemos as origens do Conjunto Habitacional Filostro Machado Carneiro, que conforme Tuan (1980)

A imagem urbana é uma para o executivo pendular e outra diferente para a criança sentada na escada de entrada de um bairro pobre ou para o vagabundo que dispõem de tempo, mas de quase mais nada. Bairro é uma ideia difícil de apreender. O espaço íntimo é sempre restrito, ainda que talvez mais amplo para as pessoas de classe operária do que para os habitantes ricos dos subúrbios. Para os primeiros, o espaço íntimo é um segmento de rua, uma esquina ou um pátio este é o bairro sentido. Para o suburbano da classe média, o espaço íntimo pode não ultrapassar sua casa e gramado (TUAN, 1980, p. 248).

O CHFMC se encontra na região leste à aproximadamente sete quilômetros do centro da cidade. Surgiu em 1994 quando o governo entregou à população de baixa renda 1034 casas na primeira etapa e 237 construídas por meio de mutirão, já em 1998, na segunda etapa da construção, cada morador construía a sua casa (ANÁPOLIS, 2013a).

A Figura 4 mostra o mapa do bairro, podendo ser observado a forma organizada da estruturação das quadras e ruas, haja vista que foi um bairro planejado.



Figura 4: Mapa do Conjunto Filostro Machado Carneiro na Cidade de Anápolis-GO

Esse conjunto habitacional recebeu o nome, em homenagem ao pai de Íris Resende Machado, ex-governador do Estado (VIEIRA, LUZ, 2003).

É necessário entender o bairro, por esse não ser apenas uma demarcação territorial que divide a cidade, que serve para impor limites entre os espaços urbanos e o controle administrativo dos serviços públicos e municipais – mas, antes de tudo, o bairro é a própria constituição de uma cidade, onde os moradores que nele habitam se identificam, se sociabilizam, criam laços afetivos e sentimentos de pertencimento.

Em todos os bairros podem-se perceber rituais, práticas habituais (como crianças correndo nas ruas, indo para as escolas, senhoras fazendo compra nas lojinhas e mercados, adolescentes soltando pipas, velinhos conversando nas esquinas, mães se divertindo nas praças com seus filhos, tradições, dificuldades e problemas. Problemas com o crescimento populacional, com infraestrutura, com a violência, com a falta de serviços, com a falta de emprego, com as favelas que começam a circundar, com a falta de energia nos postes, com a falta de esgotos, com drogados fazendo ponto nas esquinas e com a falta de lazer. Algumas coisas e acontecimentos podem trazer alegria e outras tristezas e medo.

Há no CHFMC supermercados, farmácias, vários salões de beleza, praça de lazer, posto de saúde, uma avenida paralela ao bairro, casas com teto solar, casas populares, CEU, vários pontos de ônibus, sorveterias, lojas (cosméticos, roupas, bijuterias entre outros), alguns desses lugares podem ser observados nos registros fotográficos da Figura 5, também há problemas como falta de esgoto, abastecimento de água insuficiente, limpeza urbana precária, casas inacabadas, drogados na rua, insegurança e muita violência e outros; que representam para o bairro, impactos ambientais e riscos de saúde para sua população.



Figura 5: Registro fotográfico de estabelecimentos comerciais e de lazer do Conjunto Habitacional Filostro Machado, em (A) observa-se um exemplo de mercearia e lanchonete, em (B) um salão de beleza e em (C) observa-se o parque de diversão do bairro.
 Fonte: Marisa Moreira Barros, 15/10/2013.

Para ajudar a sanar esses problemas, foi criado o Plano Diretor como instrumento de reforma urbana, de mudança da cidade, surge após a redemocratização do país, na década de 1980, com a aprovação do Estatuto da Cidade pelo Congresso Nacional em 1991, esse instrumento se materializa. Portanto é o Plano Diretor que tem de dizer qual é a destinação de cada pedaço do território do município. A ocupação de todas as áreas deve considerar o bem estar coletivo de todos os habitantes do município, seja ela residência, comércio, indústria, serviços, áreas públicas, área para equipamentos coletivos.

Nesse contexto, de acordo com Moraes e Favoretto (2008), que em sua avaliação do Plano Diretor Participativo de Anápolis, diz:

Anápolis já realizou quatro planos diretores: em 1968/69, 1985, 1992 e em 2006. Este último está em vigor atualmente, sendo objeto dessa avaliação, cujo texto foi estruturado em quatro partes. Na primeira parte estão as informações gerais sobre o município (localização, economia, população), na segunda foram contempladas as informações acerca do acesso à terra urbanizada (com destaque para itens como a função social da propriedade, o zoneamento e o controle do uso e ocupação do solo); na terceira estão informações acerca do acesso aos serviços e equipamentos

(habitação, saneamento e transporte e mobilidade) e na quarta foram apresentadas as informações sobre a gestão e a participação democrática na elaboração e na implantação do Plano Diretor Participativo de Anápolis (MORAES, FAVORETTO 2008, p. 2)

Ainda, segundo as autoras (MORAES, FAVORETTO, 2008):

O Plano diretor de Anápolis utiliza a denominação Áreas de Interesse Social (AEIS) ao invés de Zonas de Interesse Social (ZEIS). As AEIS foram definidas, no Art.34, como aquelas áreas que são destinadas primordialmente à produção e à manutenção de habitação de interesse social, devidamente tratada em lei específica, assim como a definição da população que terá acesso a esses projetos habitacionais.

AEIS I - São as áreas referentes aos terrenos públicos ou particulares ocupados por favelas, população de baixa renda ou por assentamentos assemelhados, em relação aos quais haja interesse público em se promover a urbanização ou a regularização jurídica da posse da terra.

AEIS II - São as áreas referentes aos loteamentos irregulares que têm, por suas características, interesse público em se promover a regularização jurídica do parcelamento, a complementação da infraestrutura urbana ou dos equipamentos comunitários, bem como a recuperação ambiental;

AEIS III - São as áreas referentes a terrenos não edificados, subutilizados ou não utilizados necessários à implantação de programas habitacionais de interesse social;

Não aparecem na Lei do Plano Diretor as definições de investimentos em equipamentos sociais nas AEIS, tais como investimentos em educação, saúde, cultura, saneamento, mobilidade. Esses investimentos estariam condicionados à criação do Fundo de Urbanização, a um Plano de Urbanização específico para as Áreas de Interesse Social e a execução do Programa de Áreas Especiais de Interesse Social nos quais deveriam estar previstos os recursos a serem encaminhados anualmente à Câmara Municipal, simultaneamente ao orçamento (ANÁPOLIS, 2006).

Nessas áreas são permitidos os loteamentos de interesse social e destinados à implantação de conjunto de moradias populares. Em Anápolis correspondem a 22% da área do perímetro urbano, em contrapartida a população sem renda ou com renda de até 2 salários mínimos são mais de 70%, além de localizarem em áreas periféricas e longe do centro da cidade (MORAES, FAVORETTO 2008).

Portanto, o CHFMC pode ser considerado uma área especial de interesse social pelo governo municipal, pois a construção do CHFMC ocorreu a partir de uma iniciativa do

município em parceria com o Governo de Goiás , sendo uma intervenção isolada decidida por uma esfera política, com objetivo de amenizar o problema da falta de moradia e melhorar a qualidade de vida da população de baixa renda. Desta forma, foi fornecida pelo município a área e a infraestrutura. Enquanto o governo do estado, forneceu o material de construção para que as moradias fossem construídas em regime de mutirão (VIEIRA, LUZ, 2003).

Outro estudo demonstrou também que os moradores contemplados pelos lotes, tiveram que submeter as inscrições realizadas pela Secretaria de Serviços Sociais e mediante os seguintes critérios: ter mais de três filhos e possuir renda inferior a um salário mínimo (VILAR, 2012).

A escola do bairro selecionada para a pesquisa foi o Centro de Educação Unificada (CEU), composto pela Escola Municipal Airton Senna da Silva e um Centro Municipal de Educação Infantil (CEMEI), sendo nosso foco a Escola Ayrton Senna, faremos apenas a descrição dessa, uma vez que os alunos da pesquisa são do 5º ano do Ensino Fundamental das séries iniciais.

A figura 10 mostra alguns registros fotográficos do colégio Ayrton Senna da Silva.

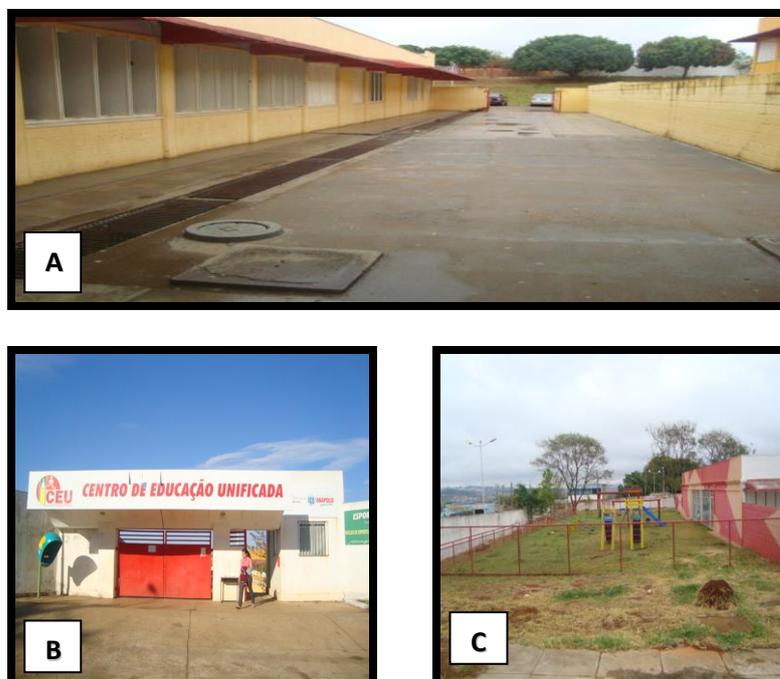


Figura 6: Fotos do Centro de Educação Unificada do Conjunto Habitacional Filostro Machado Carneiro, em (A) o interior entre os blocos da escola, em (B) a fachada da escola e em (C) uma das áreas de recreação da escola.

Fonte: Marisa Moreira Barros, 15/10/2013.

2.2.1 Escola Municipal Ayrton Senna da Silva

A necessidade de se criar uma escola no CHFMC se deu para sanar os problemas de superlotação da Escola Municipal Maria Elizabeth Camelo Lisboa, que já não mais comportava a demanda de alunos devido ao crescimento do setor. O CEU foi oficialmente inaugurado no dia 08 de setembro de 2002, na gestão do Sr. Ernani José de Paula.

A escola localiza-se na Rua Eurípedes Gomes de Melo quadra 01, lote A/E, Conjunto Habitacional Filostro Machado Carneiro. O nome foi dado em homenagem prestada, ao nosso piloto de fórmula I Ayrton Senna da Silva. A clientela desta escola é formada por famílias com baixo poder aquisitivo, do próprio bairro e também dos bairros Morada Nova, Vila Feliz, Granville, Jardim Primavera, Parque Brasília, Residencial Ayrton Senna, Parque São Jerônimo, Residencial Jardim Itália, entre outros.

De acordo com o Senso Demográfico (IBGE, 2010) predomina a faixa de escolaridade do ensino fundamental incompleto e a grande maioria sobrevive com menos de um salário mínimo, desenvolvendo atividades como: cozinheiras, lavadeiras, porteiros, pedreiros, serventes entre outros. Muitos são beneficiados por programas de assistência do governo, tais como: Bolsa Família e Programa de Erradicação do Trabalho Infantil.

A seguir apresentamos na Tabela 1 a descrição física da Escola Municipal Ayrton Senna da Silva, observa-se que a estrutura física da escola é privilegiada.

Tabela 1: Descrição das dependências físicas da Escola Municipal Ayrton Senna da Silva, Anápolis, 2013

Dependência	Quantidade
Almoxarifado (Depósito)	04
Ambiente de Multimídia	01
Área de lazer	02
Área Verde	02
Auditório (300 lugares) com camarim e banheiro feminino e masculino, sala de som e hall	01
Banheiro de Funcionário	05
Banheiro para alunos	02
Banheiro para cadeirantes	01
Biblioteca (sala de leitura)	01
Campo Socyte	01

Tabela 1: Descrição das dependências físicas da Escola Municipal Ayrton Senna da Silva, Anápolis, 2013

Dependência	Quantidade
Cantina	01
Depósito (Instrumentos musicais)	01
Elevador	01
Estacionamento	01
Guarita entrada de alunos	01
Guarita entrada de carros	01
Laboratório de Informática	01
Pátio Descoberto	01
Piscina	02
Quadra de Esporte (Coberta)	01
Refeitório	01
Sala de AEE	01
Sala de Artes	02
Sala de Artes Marciais	02
Sala de aula	17
Sala de Coord. Pedagógica	01
Sala de Coord. Técnica	01
Sala de Dança	02
Sala de Descanso (Professores)	01
Sala de Direção	01
Sala de Música	02
Sala de Professores	01
Sala de Xadrez	01
Secretaria	01
Teatro de Arena	01
Vestiário	02

Fonte: Projeto Político Pedagógico, 2013

Possui uma clientela formada por alunos iniciais constituídos de 1º ao 5º ano. O Ensino Fundamental tem por objetivo a formação básica do cidadão, mediante o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos, o pleno domínio da

leitura e do cálculo; a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores; e o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

Tudo isso, reforçado na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), aprovada em 20 de dezembro de 1996, que consolida e amplia o dever do poder público para com a educação em geral e, em particular para com o ensino fundamental. Assim, vê-se no art. 22 dessa lei que a educação básica, da qual o ensino fundamental é parte integrante, deve assegurar a todos “a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhes meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”, fato que confere ao ensino fundamental, ao mesmo tempo, um caráter de terminalidade e de continuidade (BRASIL, 1997).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) propõem uma mudança de enfoque em relação aos conteúdos curriculares: ao invés de um ensino em que o conteúdo seja visto como fim em si mesmo, o que se propõe é um ensino em que o conteúdo seja visto como meio para que os alunos desenvolvam as capacidades que lhes permitam produzir e usufruir dos bens culturais, sociais e econômicos, tendo como um dos objetivos *perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente* (grifo nosso) (BRASIL, 1997).

A escola Ayrton Senna funciona em Tempo Integral, nestas escolas, os alunos dos ciclos I e II entram na escola às 7 horas da manhã e saem às 16 horas e 15 minutos; não é permitida a saída do aluno antes desse horário. O almoço é oferecido pela escola e faz parte da carga horária obrigatória.

Esse assunto faz parte dos que militam no campo da educação, uns aplaudem e outros condenam. O primeiro grupo quer resolver o problema do menor na rua e vê a solução nestas instituições escolares, alegando que proporcionam ao aluno segurança e justiça social, alega que quatro horas são insuficientes para dar conta de todo o conteúdo; o segundo, diz que os projetos são de caráter assistencial e que deveriam considerar as condições concretas do ensino atual, garantindo, antes de mais nada, ensino de boa qualidade, em período parcial.

A questão da escola de Tempo Integral foi decretada pelo Congresso Nacional o art. 34 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, passam a vigorar com a seguinte redação:

Art. 34. O ensino fundamental será ministrado em tempo integral, com jornada escolar de, no mínimo, sete horas diárias, para a faixa etária de sete a quatorze anos. (NR)

§ 1º

§ 2º Nas escolas de tempo integral, os sistemas de ensino assegurarão apoio às tarefas escolares, a prática de esportes e atividades artísticas.”(NR)

Art. 2º Acrescenta-se o art. 89-A à Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, com a seguinte redação:

Art. 89-A. Os Estados, o Distrito Federal e os Municípios implementarão a jornada de tempo integral gradativamente, de modo a alcançar todo o ensino fundamental no prazo máximo de oito anos.

Assim, para a realização dos projetos, como escola de tempo integral, a escola municipal Ayrton Senna possui, em suas dependências, biblioteca (sala de leitura), salas de música, dança, xadrez, artes, artes marciais, ambiente multimídia, laboratório de informática, área de lazer, teatro de arena, área verde, refeitório, piscina, campo society, quadra de esporte (coberta), banheiro para cadeirante, elevador, auditório com camarim e banheiros femininos e masculinos, sala de som, hall, além das dependências normais como secretaria, sala dos professores, coordenador e diretor.

A seguir, apresentamos a Tabela 2 com a descrição das turmas do Ensino Fundamental 1º ao 5º ano e o total de alunos por turma, as séries iniciais funcionam em tempo integral, a tabela se refere ao ano de 2013.

Tabela 2: Descrição das salas do Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano da Escola Municipal Ayrton Senna da Silva, Anápolis, 2013

Sala	Turno	Turma	Número de Alunos
01	Integral	1º ANO A	23
02	Integral	1º ANO B	23
03	Integral	1º ANO C	23
04	Integral	1º ANO D	22
05	Integral	2º ANO A	26

Tabela 2: Descrição das salas do Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano da Escola Municipal Ayrton Senna da Silva, Anápolis, 2013

Sala	Turno	Turma	Número de Alunos
06	Integral	2º ANO B	26
07	Integral	2º ANO C	25
08	Integral	2º ANO D	23
09	Integral	3º ANO A	28
10	Integral	3º ANO B	26
11	Integral	3º ANO C	26
12	Integral	4º ANO A	27
13	Integral	4º ANO B	24
14	Integral	4º ANO C	24
15	Integral	4º ANO D	24
16	Integral	5º ANO A	35
17	Integral	5º ANO B	35
01	Vespertino	1º ANO E	21
02	Vespertino	2º ANO E	23
03	Vespertino	2º ANO F	18
04	Vespertino	4º ANO E	24
05	Vespertino	5º ANO C	28
TOTAL			554

Fonte: Projeto Político Pedagógico, 2013.

2.3 Origem do Bairro Novo Paraíso

Nesse seguimento, apresentaremos a descrição e surgimento do Bairro Novo Paraíso da cidade de Anápolis-GO.

A ocupação da área onde se consolidou o Novo Paraíso se derivou da invasão de áreas de domínio público e privado há mais de 50 anos, onde existem vários processos em andamento com solicitação de usucapião, outros já com expedição de posse definitiva dos imóveis. A área faz parte da sub-bacia da Área de Preservação Ambiental (APA) e Área de

Preservação de Mananciais (APM) do Ribeirão João Leite, responsável pelo abastecimento de água de várias cidades em Goiás, com solo acidentado e com grande processo erosivo nos locais, a declividade chega à 20%, o bairro está no entorno do emboque da Ferrovia Norte-Sul (ANÁPOLIS, 2009).

Nesse sentido, justificado pela geografia do lugar, o bairro Novo Paraíso, diferentemente do CHFMC não tem a estruturação das ruas e quadra de forma organizada, como pode ser observado na figura 7.

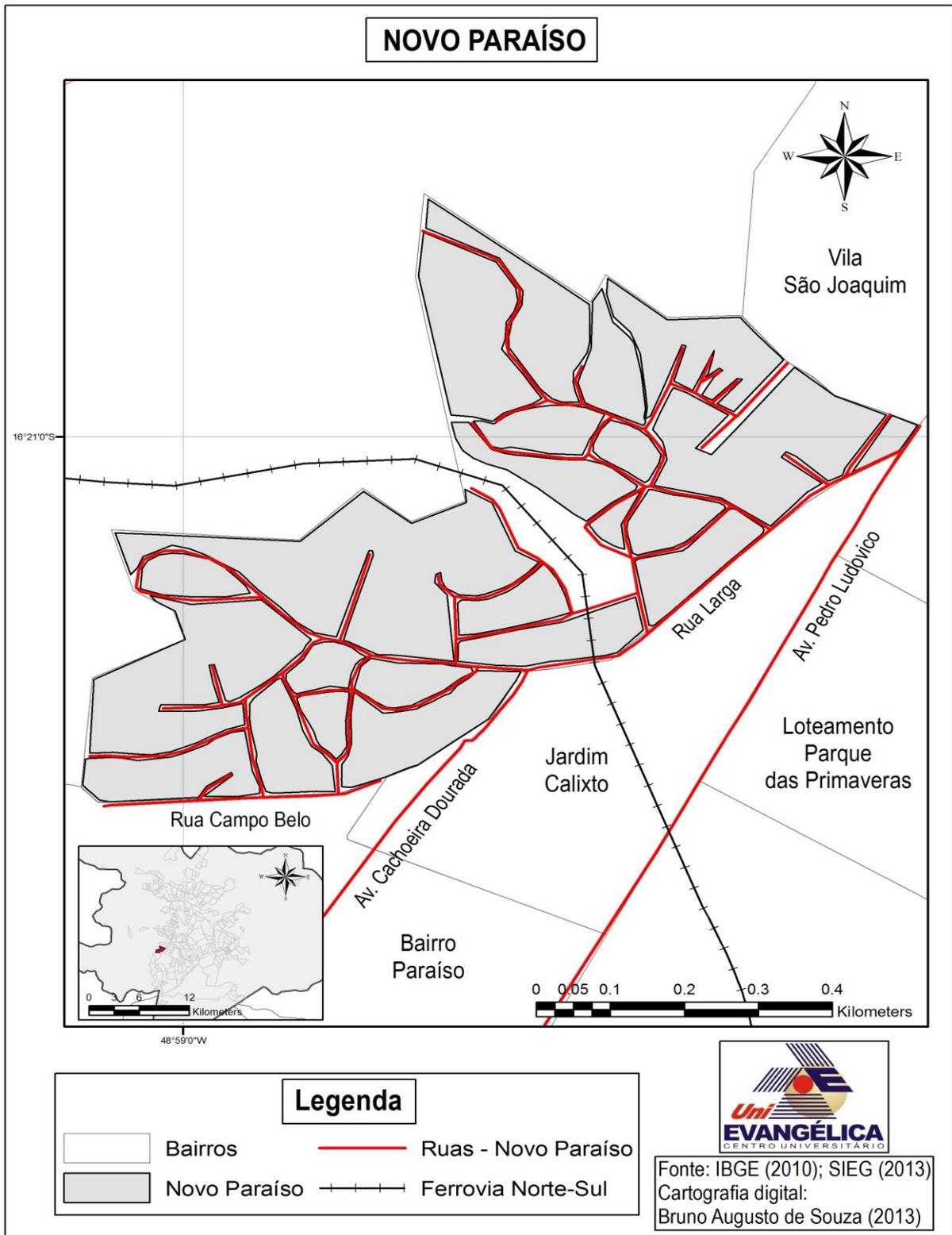


Figura 7: Mapa do Bairro Novo Paraíso na cidade de Anápolis-GO

Ainda, nesse contexto, pode ser observada na figura 8 a estrutura de algumas ruas do bairro. Revelando em (A) acúmulo de lixo pelas vias e em (B) e (C) ruas estreitas e em

declive, com pouca iluminação pública, com calçadas escassas, ou sem calçadas, casas sem pintura e muros sem condições de conservação.

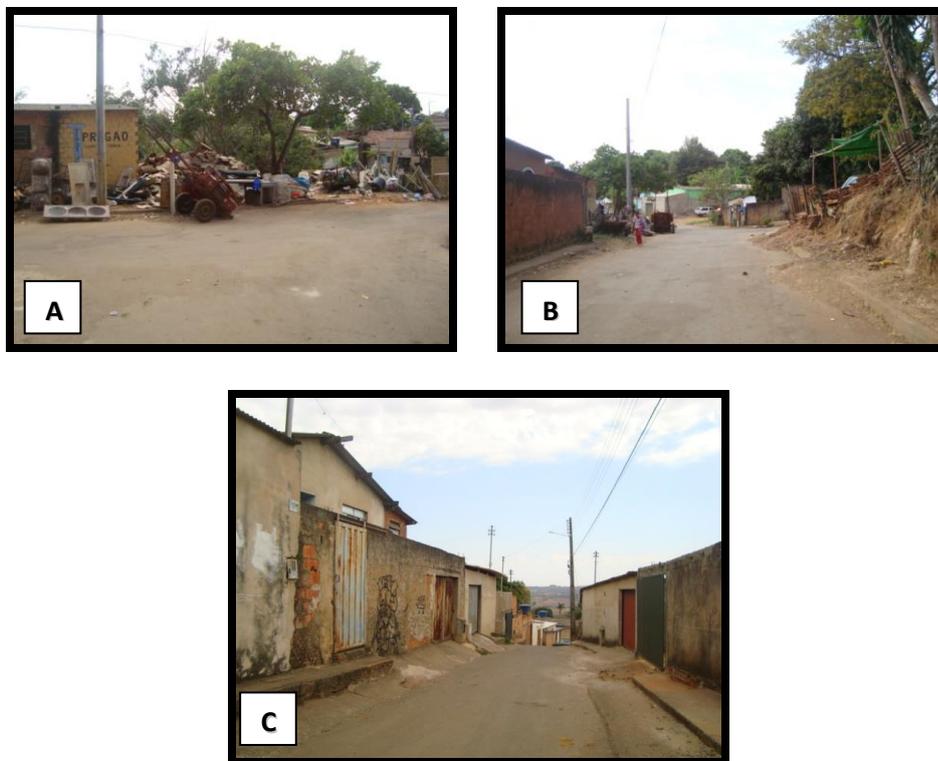


Figura 8: Registros fotográficos de locais do Bairro Novo Paraíso, em (A) e em (B) temos fotos da Rua 1 e em (C) observamos a Rua 2

Fonte: Marisa Moreira Barros, 12/09/2013

Composto por estas características, o bairro é considerado uma área subnormal. Na cidade, as áreas em que estão encravados os assentamentos subnormal estão distribuídas em áreas públicas municipais escrituradas, áreas públicas não escrituradas e assentamentos subnormais em áreas particulares. O Novo Paraíso, juntamente com o Jardim Esperança, se encaixam nesta última modalidade, estas áreas são definidas pelo IBGE como Setor Especial de Aglomerado Subnormal com no mínimo 51 domicílios, localizada em propriedade pública ou privada e desprovida ou com rarefeito serviço público, além da ilegalidade fundiária. Popularmente essas áreas são conhecidas como favelas e localizam-se, em grande parte, em espaços de riscos (BERNARDES, TAVARES, 2012).

É relevante destacar suas características físicas como o relevo ondulado, com declividade significativa e processos erosivos. A elevada densidade demográfica e a ocupação irregular, juntamente com os aspectos físicos da área, tornam o local instável para a moradia, aspectos que destacam a importância de analisar o modelo de ocupação desenvolvido no

local. Os impactos ambientais, aliados a fatores como vulnerabilidade social e precariedade urbanística, faz com que a área seja prioridade em intervenções do poder público (LUZ, BORGES E FREGONEZZI, 2012).

A Prefeitura de Anápolis, juntamente com o Governo de Goiás, oficializaram no dia 09 de outubro de 2013, a transferência de área de 140 mil metros quadrados na região do Bairro Novo Paraíso. De posse do terreno, a atual gestão municipal dará continuidade ao projeto de construção de um conjunto habitacional com 378 apartamentos, conhecido como Projeto Técnico Social do Município que vai beneficiar cerca de 1.070 famílias, com o trabalho de infraestrutura que será empreendido não só no local, bem como nas suas imediações, inclusive com a entrega do documento de transferência feita de forma oficial na presença de algumas autoridades (ANÁPOLIS, 2013a).

A Prefeitura apresentou ao Ministério das Cidades a proposta em 2010 e conta com o apoio do Governo Federal, por meio da Caixa Econômica Federal e do Programa Minha Casa, Minha Vida, para realizar a obra. O projeto prevê toda uma reurbanização do bairro Novo Paraíso, contribuindo para que o déficit habitacional na cidade diminua (GONÇALVES, BELÉM, 2013).

Além dos dados do SIAB, foram feitas pesquisas de campo, por meio de uma equipe multidisciplinar para o levantamento dos dados necessários para a concretização do Projeto. A pesquisa foi realizada entre os meses de agosto/novembro de 2013.

Desta forma aplicaram-se questionários, em 384 famílias, identificando as que serão beneficiadas com a habitação e infraestrutura, neste universo, 34 famílias estão em situação de coabitação, totalizando assim 350 questionários. Constatou-se também que mais 308 famílias terão o benefício de infraestrutura, totalizando 692 famílias beneficiadas. Sendo assim, a amostragem representa 55% das famílias beneficiadas em infraestrutura e 100% das famílias beneficiadas em habitação do universo pesquisado (ANÁPOLIS, 2013a).

Valendo-se da pesquisa feita pela prefeitura, para a realização do projeto, observa-se que 66% dos chefes de família é do sexo masculino e 42% de mulheres tem para si a responsabilidade do lar; mostra que a maioria dos beneficiários possuem profissões variadas, menos da metade possuem carteira assinada, sendo 76 autônomos, efetuando serviços que não exigem estudo como vigilantes, serviços gerais, pedreiro, doméstica, vendedor, motorista entre outros. Sendo que 34% recebem um salário mínimo, 27% entre um e dois salários, 13% recebe menos de um salário, 11% entre dois e três salários e 5% recebe mais de três salários.

Quanto a inserção dessas famílias em programas e benefícios sociais, verificou-se um percentual de participação de 21%. Um dado interessante é que 94% dos moradores do bairro nasceram em Goiás (ANÁPOLIS, 2013a).

Nesse quesito, o analfabetismo e a baixa escolaridade dificultam o acesso das famílias no mercado formal de trabalho, aos melhores empregos, à melhoria de renda e de qualidade de vida. Restam-lhes apenas alternativas relacionadas aos subempregos, embora a maioria dos beneficiários esteja em idade produtiva. A pesquisa mostra que a maioria dos beneficiários cursou até o ensino fundamental, somando um total de 73%. Essa situação acaba passando para outras gerações. Apenas 8% concluíram o ensino médio, 2% o superior e 17% não são alfabetizados (ANÁPOLIS, 2013a).

Quanto ao número de pessoas com necessidades especiais, o percentual é de 5% e geralmente é responsável pela sobrevivência da família ou é membro do grupo familiar, e um grupo de 16% são idosos que são chefes de famílias ou integram ao grupo familiar. O Projeto contemplará 100% dessa população com moradia, o que equivale a 21% do recorte da população que será atendida pelo programa. Do universo de 100%, 41% dos beneficiários apresentaram alguma doença ou vício. Sendo 31% são fumantes, 24% tem hipertensão arterial, 12% insuficiência cardíaca, 10% diabetes, 10% são alcoólatras, 7% hanseníase e 6% outras doenças (ANÁPOLIS, 2013a).

As moradias das casas são construídas na sua grande maioria de tijolo, em que 1% das famílias residem em casas de adobe. Há também, as que moram em situação de risco, 39% em invasão, 9% em favelas, 3% perto de erosões e outros 3% próximo a área alagadiça, enchentes e a margem do córrego (ANÁPOLIS, 2013a).

As descrições supracitadas ajudaram na estratégia de seleção desse bairro para correlacionar com o CHFMC, haja vista que as regiões são fortemente contrastantes, permitindo alcançar o objetivo de analisar a influência do lugar na Percepção Ambiental.

2.3.1 Escola Moacyr Romeu Costa

Descreveremos a seguir a fundação e características da Escola Municipal Moacyr Romeu Costa, sendo que o histórico da Escola Municipal Moacyr Romeu Costa foi realizado a partir do Projeto Político Pedagógico (PPP) e do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE).

O patrono da escola Moacyr Romeu Costa nasceu em 11/06/1911, na cidade de Uberaba-MG, filho de Arlindo Costa e Silva e de Dona Nince de Araújo Costa. Com um ano de idade, transferiu sua residência para Anápolis, onde iniciou os estudos e concluiu o curso primário, sendo seus professores: Julio Henrique de Basto, Jarbas Jaime, Moacyr Potiguar M. de Azevedo, Belmira M. Azevedo, Dr. Jovelmo de Campos, Juiz de Direito, Dr. Moacyr de Moraes, Promotor e Nicéfano P. Silva (Dados do PPP da escola do 2013).

No ano de 1927, mudou-se para São Paulo para continuar seus estudos, conseguindo o seu intento em virtude da morte de seu pai e doença de seus pais adotivos Francisco Pereira Dutra e dona Ernestina P. Dutra, irmã de seu pai. Em São Paulo, trabalhou em empório em Itaquera, numa chácara de horticultura, em um escritório Civil e Comércio e finalmente em farmácia (durante 10 anos), torna-se prático em farmácia (Dados do PPP da escola do 2013).

Casou-se em São Paulo com Deolinda de S. Costa. Em 1937 retornou para Anápolis trazendo sua esposa e um filho de apenas 06 dias de idade. Estabeleceu nesta cidade com o comércio de secos e molhados, durante 31 anos. Não tendo êxito nos negócios, abandonou o comércio, indo trabalhar em borracharia, permanecendo seis meses. Foi convidado para gerenciar o Mercado Municipal, fiscalizar feiras, pesos e medidas. De 1961 a 1965, foi transferido para o serviço de emplacamento, lá trabalhou um ano, foi nomeado almoxarife e chefe de compras da prefeitura, mais tarde chefe do Material e Patrimônio (Dados do PPP da escola de 2013).

Fundou a Cooperativa dos Servidores Públicos Municipal de Anápolis, salão de barbeiro e fábrica de vassoura da Prefeitura, foi criador da 1ª Associação dos Varejistas de Anápolis, ocupou os cargos de Juiz Municipal (2º Suplente) e fez 300 casamentos, Juiz de Direito durante três dias e membro da Comissão Municipal de Preços, desde a sua criação até a extinção. Foi membro fundador das seguintes entidades: Sanatório Espírita de Anápolis, Abrigo dos Velhos e Creche, foi Presidente do Leprosário de Anápolis desde o ano de 1937. Em 1941 iniciou na Maçonaria, onde ocupou diversos cargos, inclusive o de Presidente da Loja. Veio a óbito em Outubro de 2.007 (Dados do PPP da escola de 2013).

Sendo assim em 1997 é fundada no Bairro Novo Paraíso a Escola Municipal Moacyr Romeu da Costa. As leis que regem a sua criação e formação são: Lei de Criação nº. 1.380; Reconhecimento Nº. 2075/97 1ª a 8ª série; Reconhecimento 1º ao 9º Ano em tramitação; Reconhecimento 2º segmento 020/2005; Reconhecimento 1º segmento em tramitação; Resoluções que Autorizam: 016/2007 Ensino Fundamental; 020/2007 E.J.A. 2º

Segmento.

Em relação à arquitetura da escola, a Resolução do Conselho Municipal de Educação (CME) n.16, de 14 de março de 2007 estabelece no § 1º, do Art.12 que: as dependências da escola devem apresentar condições adequadas de localização, acesso, segurança, conservação, salubridade, saneamento, higiene, sonorização, aeração, iluminação natural e artificial e possibilitar a acessibilidade de pessoas com necessidades físicas especiais (ANÁPOLIS, 2007).

A unidade escolar possui prédio próprio construído pela Prefeitura Municipal de Anápolis e encontra-se em lugar de fácil acesso aos moradores, classificado de “Bom” pela Inspeção Escolar.

Quanto aos aspectos gerais das dependências, a Inspeção Escolar pontua que, a escola tem uma boa localização e um bom acesso, em relação à segurança está bem protegida, seu prédio e comodidade estão em ótimo estado de conservação, há higienização do espaço geral da escola, possui uma ótima sonorização, mas a aeração e insolação são consideradas regulares e sua iluminação é considerada boa.

Na figura 9 temos algumas fotos que possibilitam ilustrar o que foi apresentado.



Figura 9: Fotos da Escola Municipal Moacyr Romeu da Costa, em (A) mostra-se a entrada da escola, em (B) tem-se a área externa da escola e em (C) o corredor da entrada da escola.
 Fonte: Marisa Moreira Barros, 12/09/2013.

A escola usa a rede de abastecimento de água pública. Há instalado na escola 01(uma) caixa d'água com capacidade de 1.000 (litros). A higienização é feita semestralmente. A escola possui 02 (dois) bebedouros do tipo elétrico. Ambos em bom estado de higiene e conservação. Os dois bebedouros estão adequados à idade dos alunos e instalados em área coberta.

A escola passou por duas reformas, a primeira em 1980 e a segunda em 1986, foi construída uma rampa que dá acesso ao Atendimento Educacional Especializado (AEE), foi trocada a telha de Eternit por telha de amianto das salas de aula e reformado o piso de seis salas.

A Resolução do CME n.16, de 14 de março de 2007 estabelece no § 2º, do Art.12 que a escola deve situar-se a uma distância mínima de 5 metros em relação às vias públicas e a 2 metros das divisas de propriedades vizinhas, não podendo haver abertura em paredes levantadas sobre as divisas dos lotes contíguos.

A Resolução do CME n.16, de 14 de março de 2007, no Art.13 determina que:

O espaço físico escolar do Ensino Fundamental deve atender às diferentes funções dessa unidade escolar e conter uma estrutura básica que contemple:

- I. Espaço para recepção;
- II. Salas para os professores, para os serviços administrativos, pedagógicos e de apoio;
- III. Espaços destinados à cozinha, almoxarifado, despensa e lavanderia;
- VI. Instalações sanitárias completas, suficientes e adequadas ao uso de alunos – crianças e/ou adultos que apresentem ou não necessidades especiais;
- V. Área coberta para recreação;
- VI. Área livre para atividades de expressão física, artística, estética e de lazer.

A escola possui: 1 secretaria, 1 sala de direção, 1 sala de professores, 1 sala de biblioteca, 8 salas de aula, 2 almoxarifados, 1 cantina com depósito para merenda, pátio, 2 banheiros (masculino e feminino), banheiro de funcionários, muro (construído em 1.999).

Em 2008, foi construída a Quadra Poliesportiva fora do espaço escolar, fica ao lado da escola e os alunos têm que atravessar a rua para acessá-la, é aberta e acessível a todos da comunidade, dificultando a manutenção, limpeza e acesso dos alunos no decorrer do período de aula.

Não há espaço para recepção, serviços pedagógicos, lavanderia e área coberta para recreação. A lei n. 2.822, de 28 de dezembro de 2001, no Art. estabelece as dimensões físicas adequadas das salas de aula, que são 1,5m² por aluno e 2,5m² para o professor, ressaltando o limite máximo de aluno por sala de aula. Entretanto a Resolução do CME n.16, de 14 de março de 2007, no § 1º Art.15 recomenda 1,2m² por aluno (ANÁPOLIS, 2001).

Sendo assim, com base nas dimensões acima relatadas, aliado ao número máximo de aluno por sala de acordo com o ano escolar, isto é, 1º e 2º anos, 25 alunos por sala; 3º e 4º anos, 30 alunos por sala; 5º ano, 35 alunos por sala e do 6º ao 9º ano, 40 alunos por sala, analisamos se a escola respeita os limites estabelecidos pela legislação.

A Tabela 3 descreve o número de sala por turno, sua dimensão, turmas e número de alunos, tendo como referência o ano de 2013.

Tabela 3: Descrição das salas do Colégio Moacyr Romeu da Costa, Anápolis, 2013

Sala	Turno	Dimensão	Turma	Numero de Alunos
01	Matutino	46,00m	5° ANO A	33
02	Matutino	46,00m	5° ANO B	28
03	Matutino	52,00m	6° ANO A	34
04	Matutino	22,00m	6° ANO A	33
05	Matutino	43,00m	7° ANO A	35
06	Matutino	43,00m	7° ANO B	36
07	Matutino	43,00m	8° ANO A	30
08	Matutino	48,00m	8° ANO B	29
01	Vespertino	46,00m	1° ANO A	18
02	Vespertino	46,00m	1° ANO B	19
03	Vespertino	52,00m	2° ANO A	27
04	Vespertino	22,00m	2° ANO B	26
05	Vespertino	43,00m	3° ANO A	24
06	Vespertino	43,00m	3° ANO B	26
07	Vespertino	43,00m	4° ANO A	28
08	Vespertino	48,00m	4° ANO B	27
TOTAL				453

Fonte: Projeto Político Pedagógico, 2013.

Os dados nos permitem afirmar que a escola segue as recomendações legais quanto às dimensões das salas de aula considerando o espaço por aluno, o do professor e o limite máximo de aluno por sala e série, sendo que algumas salas ficaram bem abaixo da média permitida de m² por aluno. Sendo as salas quentes e pequenas.

Pode, portanto, concluir-se pelas descrições da escola, tratar-se de um espaço limitado em contraposição à escola Ayrton Senna da Silva, pois a arquitetura, apesar de satisfatória em vários aspectos, está aquém em possuir elementos necessários para os alunos se sentirem

confortáveis e desenvolverem a psicomotricidade (correr, pular, exercitar-se) e participar de jogos ativos.

CAPÍTULO 3 – PERCEPÇÃO AMBIENTAL: VIVÊNCIAS E VALORES

3. ANÁLISE DOS DESENHOS

“O desenho é o palco para onde convergem os elementos formais e semânticos originados pela observação, pela memória e pela imaginação” (DERDYK, 2010. p.112)

Desenvolvemos uma pesquisa descritiva e qualitativa com uma amostra de 159 crianças com idades que variam de 9 a 11 anos, que estavam cursando o 5º ano das séries iniciais de duas escolas públicas do município de Anápolis, no período de outubro/novembro de 2013.

Os instrumentos definidos para o estudo foram desenhos. Os alunos foram convidados a fazer um desenho do bairro em que moram, foram excluídas da pesquisa as crianças que não moravam no bairro.

Além dos desenhos, registramos as suas explicações ou descrições, mas isso não era obrigatório, só transcrevíamos as falas espontâneas das crianças.

Os dados descritivos sobre as atividades realizadas pelos 159 alunos do 5º ano do Ensino Fundamental primeira fase, que participaram desta investigação, foram estudados, classificados em categorias, quantificados, comentados, analisados, explicados e relacionados ao referencial teórico consultado.

Foram coletados 159 desenhos, sendo excluídos 34 por não apresentarem o TCLE, ou quando a criança não morava no bairro. Sendo assim, restaram para análise 125 desenhos. No Bairro CHFMC desenharam 50 meninos e 30 meninas. E no Bairro Novo Paraíso desenharam 25 meninos e 20 meninas.

Há muitos autores que estudaram, sob diferentes enfoques, a questão do desenho infantil. Dentre eles podemos relacionar, por exemplo, Analice Dutra Pillar (1996), Florence de Méredieu (1974), Jean Piaget (1969), George Henri Luquet (1969), Victor Lowenfeld (1954) Lev Vygotsky (1989) e Derdyk (2010).

Para explicar o desenho infantil, devemos entender a criança, que conforme Derdyk (2010)

A criança é um ser em contínuo movimento. Este estado de eterna transformação física, perceptiva, psíquica, emocional e cognitiva promove na criança um espírito curioso, atento, experimental. Vive em estado de encantamento diante dos objetos, das pessoas e das situações que a rodeiam (DERDYK, 2010, p.16).

A criança desenha, cria e age de forma solta, flexível, às vezes aparentemente caótica. O que a criança realiza, o faz com necessidade de seu próprio crescimento. Segundo a mesma autora, o desenho é pensamento visual, adaptando-se a qualquer natureza do conhecimento, seja ele científico, artístico, poético ou funcional. A observação, a memória e a imaginação estarão sempre presentes, declara ainda, que o desenho é uma forma de criar explicações, hipóteses e teorias para a compreensão da realidade; um meio utilizado pela criança para reinventar o mundo, desenvolvendo suas capacidades intelectual e projetiva ao expressar-se graficamente. Também conceitua o desenho como uma atividade lúdica, em que o aspecto operacional (funcionamento físico, temporal, espacial, as regras) se une ao imaginário (projetar, pensar, idealizar situações) (DERDIK, 2010).

Portanto, o desenho é um registro de tudo que é significativo para a criança, constituindo sua primeira linguagem gráfica na comunicação de experiências, pensamentos, alegrias a construção de conhecimentos, que se efetua pela interação que ela estabelece com o objeto, ou seja, pela atividade que a criança exerce sobre ele. A partir dessa interação, organiza e estrutura suas experiências em sistemas, ao buscar soluções para os problemas envolvidos no contato com o objeto. Após se apropriar das informações relacionadas a esse objeto, ela o reconstrói no plano da representação, da simbolização, do pensamento. “Se não houvesse reconstrução, reorganização por parte do sujeito, não haveria níveis do desenho.” (PILLAR, 1996, p. 20).

Os desenhos dos alunos se encaixam no Realismo Intelectual dentro da sequência de desenvolvimento do desenho para Luquet (1969) que são:

Realismo fortuito: É o estágio que apresenta dois tipos de desenhos os involuntários e os voluntários, a criança faz linhas e não se preocupa com imagens, não percebe que as linhas podem representar objetos, geralmente as figuras se parecem com sóis, mandalas e radiais.

Realismo fracassado ou incapacidade sintética: Geralmente a criança possui 3 ou 4 anos, os elementos do desenho estão justapostos, e ela já procura reproduzir a forma do objeto, exagera em umas partes e omite outras, de acordo com o seu parecer da parte mais importante.

Realismo Intelectual: É o estágio que vai dos quatro anos aos doze, interessa particularmente à nossa pesquisa, por ser a idade dos alunos do 5º ano. Neste período a criança desenha do objeto não aquilo que vê, mas aquilo que sabe. Por isso o recurso a dois processos: o plano deitado, os objetos não são representados em perspectiva, mas deitados em torno de um ponto ou um eixo central, ou seja, as árvores de cada lado da estrada, a descontinuidade, os desenhos ficam soltos no ar, sem apoio de nenhuma linha no chão, a planificação, a mudança do ponto de vista e a casa ou comércio são desenhados ao mesmo tempo do lado de dentro e de fora, como se tudo fosse transparente. Alguns desenhos dos alunos pesquisados apresentaram estas características.

Por último, o Realismo Visual: acontece por volta dos doze anos e, às vezes, desde os oito ou nove, em que acontece o fim do desenho infantil marcado pela descoberta da perspectiva e submissão às suas leis, há um empobrecimento, um enxugamento progressivo do grafismo, perdendo o humor e parecendo as produções adultas.

Lowenfeld (1954), na mesma linha de pensamento de Luquet (1969) se refere aos desenhos das crianças da seguinte forma

Sua pintura não é uma representação objetiva, Ao contrário, ali se expressam suas preferências, bem como as coisas que lhe desagradam, suas reações emocionais com seu próprio mundo e com o mundo que o cerca. Combina então, dois fatores muito importantes: seu conhecimento das coisas e sua relação própria, individual para com elas (LOWENFELD, 1954, p.14)

Conforme Freinet (1977) a criança não realiza cópias, mas se apropria de modelos, assimilando-os e integrando-os às suas produções de forma original.

A partir destas definições, pode-se perceber que o desenho da criança se constitui numa atividade inteligente, sensível e cultural, que envolve diversas manifestações do comportamento infantil – visuais, verbais, não verbais, caricaturais – e que integra dois planos: o real e o imaginário.

Na teoria piagetiana, as imagens e os conceitos se unem no ato de pensar. A capacidade de representar simbolicamente o pensamento, por meio da linguagem, das imagens, dos gestos, surge com o desenvolvimento da função semiótica que, conforme Piaget, aparece entre o primeiro e o segundo ano de vida. “A representação é uma condição básica

para o pensamento existir, ou seja, não há pensamento, como a capacidade de evocar e articular ações interiorizadas, sem representação.” (PILLAR, 1996, p. 28).

Entendendo o significado do desenho para a criança, analisamos os confeccionados durante a pesquisa, de acordo com o aparecimento de elementos considerados relevantes na percepção ambiental e esses foram categorizados como naturais/humanizados e positivos/negativos.

Os elementos naturais e humanizados foram subdivididos e contados em categorias. O total de tipos de elementos categorizados foram 21 naturais e 54 humanizados.

3.1. Desenhos com percepção natural/humanizada

Inicialmente para apreciação dos resultados os Elementos Naturais foram subdivididos em elementos da natureza/firmamento; animais e elementos da terra de acordo com a Tabela 4.

Tabela 4: Número de elementos naturais representados nos desenhos por bairro

Categoria	Nº de elementos citados	
	Bairro Filostro	Bairro Novo Paraíso
Elementos Naturais		
Elementos da natureza/firmamento	71 (20,1%)	23 (8,5%)
Animais	51(14,4%)	34 (12,6%)
Elementos da terra	40 (11,3%)	39 (14,5%)
Total	162 (45,9%)	96 (35,7%)

Fonte: Desenhos dos alunos pesquisados, 2013

Na Tabela 4, observa-se que o total dos Elementos Naturais do Filostro Machado foi de 162 (45,9%) e no Novo Paraíso 96 (35,7%). Nos desenhos do Novo Paraíso entre o total de 269 elementos que aparecem 96 (35,7%) são naturais e 23 (8,5%) são elementos da natureza /firmamento; e no Filostro; do total de 353 elementos que aparecem nos desenhos ,162 (45,9%) são naturais e 71 (20,1%) são da natureza/ firmamento. Os valores percentuais foram baseados no total de elementos naturais/humanizados que aparecem nos desenhos dos bairros, sendo 353 no Filostro e 269 no Novo Paraíso.

Os Elementos Naturais foram subdivididos em nove elementos da natureza/firmamento, seis animais, e seis elementos da terra Tabelas 5,6 e 7 respectivamente. A descrição dos elementos natureza/firmamento estão discriminados na Tabela 5 por sexo e por bairro.

Tabela 5: Tabela de distribuição de elementos do firmamento/naturais por sexo e por bairro presentes nos desenhos dos alunos da educação, Anápolis, 2013.

ELEMENTOS						
DO	BAIRRO NOVO PARAÍSO			BAIRRO FILOSTRO		
FIRMAMENTO	Meninas(n/%)	Meninos(n/%)	Total(n/%)	Meninas(n/%)	Meninos(n/%)	Total(n/%)
Arco íris	-	-	-	-	01(1,2%)	01(1,2%)
Cachoeira	01(2,2%)	-	01(2,2%)	-	-	-
Céu	-	01(2,2%)	01(2,2%)	01(1,2%)	02(2,5%)	03(3,7%)
Estrela	-	-	-	01(1,2%)	02(2,5%)	03(3,7%)
Lua	-	-	-	-	03(3,7%)	03(3,7%)
Nuvem	04(8,9)	04(8,9%)	08(17,8%)	15(18,7%)	15(18,7%)	30(37,5%)
Redemoinho	-	-	-	01(1,2%)	01(1,2%)	02(2,5%)
Rio Poluído	-	01(2,2%)	01(2,2%)	-	-	-
Sol	07(15,5%)	04(8,9%)	11(24,4%)	14(17,5%)	15(18,7%)	29(36,2%)
Total	12 (4,5%)	11 (4,1%)	23 (8,5%)	32 (9,1%)	39 (11,0%)	71 (20,1%)

Fonte: Desenhos dos alunos pesquisados, 2013

Na Tabela 5, observa-se que os Elementos do Firmamento mais citados são sol e nuvem. No Bairro Novo Paraíso a nuvem é citada em oito (17,7%) dos desenhos e o sol em 11 (24,4%), no Filostro a nuvem é representada em 30 (37,5%) desenhos e o sol em 29 (36,7%) .

A tabela também mostra que a frequência dos demais elementos é menor.

Verificamos que os alunos do CHFMC percebem mais os elementos da natureza, por terem maior vivência com o lugar, possibilitada pela estrutura física do bairro que permite atividades diárias ao ar livre. As crianças desenharam o sol e as nuvens em primeiro lugar para demonstrar a percepção do espaço aberto.

Ainda de acordo com a Tabela 5, nota-se que nessa categoria, não há discrepância numérica e nem percentual relacionadas ao número de elementos desenhados por sexo.

No entanto, se comparado entre os bairros, alguns elementos não foram retratados pelos alunos do Novo Paraíso, como redemoinho, lua, estrela e arco-íris, mostrando que os

alunos do Filostro desenham uma variedade maior de elementos da natureza/firmamento, não desenharam rio poluído e cachoeira, mas esses elementos não fazem parte da realidade de nenhum dos bairros, mostrando que os alunos do CHFMC percebem melhor os elementos dessa categoria.

A próxima subcategoria analisada foi a dos animais. A Tabela 6 explicita os animais retratados nos desenhos, como peixes que aparecem em quatro imagens do bairro Novo Paraíso e três no Filostro. Esses animais não fazem parte da fauna dos lugares, evidenciando a não percepção ambiental dos sete (15,5%) alunos que os desenharam. Os demais elementos são da realidade dos pesquisados.

Tabela 6: Tabela de animais presentes nos desenhos dos alunos da educação por sexo e por bairro, Anápolis, 2013.

ANIMAIS	BAIRRO NOVO PARAÍSO			BAIRRO FILOSTRO		
	Meninas	Meninos	Total	Meninas	Meninos	Total
Borboleta	01(2,2%)	01(2,2%)	02(4,4%)	-	-	-
Cachorro	01(2,2%)	03(6,7%)	04(8,9%)	01(1,2%)	01(1,2%)	02(2,5%)
Lagartixa	01(2,2%)	-	01(2,2%)	-	-	-
Macaco	-	01(2,2%)	-	-	-	-
Pássaros	04(8,9%)	04(8,9%)	07(15,5%)	05(6,3%)	07(8,7%)	12(15%)
Peixe	01(2,2%)	03(6,7%)	04(8,9%)	01(1,2)	02(2,5%)	03(3,7%)
Total	14 (5,2%)	20 (7,4%)	34 (12,6%)	23 (6,5%)	28 (7,9%)	51 (14,4%)

Fonte: Desenhos dos alunos pesquisados, 2013

Nessa categoria, o animal mais representado foi pássaro em ambos os bairros. No Novo Paraíso, apareceram em 07 (15,5%) desenhos e no Filostro em 12 (15%), não havendo diferença de percepção dos pássaros entre os bairros.

Alguns elementos aparecem apenas em desenhos do Novo Paraíso como borboleta, lagartixa e macaco, talvez por que as casas ficam perto de vegetações que não há no Filostro portanto, mais variedades de animais foram desenhadas no Novo Paraíso, porém os 34 elementos que aparecem nos desenhos de animais desse bairro, foram representados em onze (24,4%) dos desenhos, sendo assim, cada desenho possui mais de um animal desenhado.

Em relação ao cachorro, comparando os meninos dos bairros, três (6,6%) desenharam no bairro Novo Paraíso e um (1,2%) no Filostro. Sabedores que o desenho é a representação

da observação, este fato se justifique por não haver tantos cachorros nas ruas dos bairros, Menos ainda no CHFMC devido ao maior trânsito de veículos, portanto não sendo possível percebê-los nas ruas, ou não reter a atenção nesses, não sendo remetidos à imaginação dos alunos no momento do desenho. No centro, por exemplo, quase não vemos cães.

A subcategoria que analisamos depois foi a dos Elementos da Terra (Tabela 7).

Tabela 7: Tabela de elementos da terra presentes nos desenhos dos alunos da educação por sexo e por bairro, Anápolis, 2013.

ELEMENTOS DA TERRA	BAIRRO NOVO PARAÍSO			BAIRRO FILOSTRO		
	Meninas	Meninos	Total	Meninas	Meninos	Total
Arbusto	-	03(6,7%)	03(6,7%)	01(1,2%)	03(3,7%)	04(5,0%)
Árvore	08(17,8%)	11(24,4%)	19(42,2%)	14(17,5%)	09(11,2%)	23(28,7%)
Árvore com flores	02(4,4%)	-	02(4,4%)	01(1,2%)	-	01(1,2%)
Árvore com frutos	03(6,7%)	-	03(6,7%)	04(5,0%)	-	04(5,0%)
Coqueiro	-	02(4,4%)	02(4,4%)	01(1,2%)	02(2,5%)	03(3,7%)
Flor	05(11,1%)	05(11,1%)	10(22,2%)	02(2,5%)	03(3,7%)	05(6,2%)
Total	18 (6,7%)	21 (7,8%)	39 (14,5%)	23 (6,5%)	17 (4,8%)	40 (11,3%)

Fonte: Desenhos dos alunos pesquisados, 2013

Sobre a Tabela 7 é interessante ressaltar que, de forma equilibrada, meninos e meninas desenharam os Elementos da Terra, diferente do que culturalmente esperávamos. Porém no Bairro Novo Paraíso, embora com pouca diferença, os meninos desenharam mais elementos terrestres do que as meninas, as árvores com flores e frutos, que simbolizam fertilidade, não foram citadas nenhuma vez pelos meninos, enquanto arbustos e coqueiros foram retratados apenas nos desenhos masculinos.

Um elemento natural que não aparece em nenhuma das tabelas dos elementos naturais, por merecer destaque; devido a sua importância, foi o homem. Sendo citado em 15 (33,3%) dos desenhos da Escola Moacyr Romeu Costa e em 34 (42,5%) do CEU. Foi mais ilustrado nos desenhos do Filostro, muitas vezes é representado de maneira negativa, ora como usuário de droga, ora como pichador, assassino, entre outros, como será discutido a diante, na percepção negativa.

Os Elementos Humanizados foram subdivididos em Estabelecimentos Comerciais e Lugares, Elementos Estruturais e Meios de Transporte (Tabela 8).

Tabela 8: Número de elementos humanizados representados nos desenhos por bairro

Categoria	Nº de lugares citados		
	Bairro Filostro	Bairro Novo Paraíso	
Elementos Humanizados	Estabelecimentos comerciais/lugares	71 (20,11%)	62 (23,0%)
	Elementos estruturais	102 (28,9%)	98 (36,4%)
	Meio de transporte	18 (5,1%)	13 (4,8%)
	Total	191 (54,1%)	173 (63,3%)

Fonte: Desenhos dos alunos pesquisados, 2013

Os Elementos Humanizados foram subdivididos em 26 tipos de estabelecimentos comerciais, 20 elementos estruturais e 08 meios de transporte.

Nos bairros, destaca-se, em maior número de elementos representados, os elementos estruturais, embora no Filostro, o número tenha sido maior em proporções percentuais. O Novo Paraíso apresentou maior quantidade de representações com 36,4% em relação a 28,9% do Filostro, o mesmo acontece com o número total de elementos humanizados.

Mesmo com a diferença numérica entre os bairros, a discrepância não foi grande em nenhuma das subcategorias, quando comparadas em números percentuais, percebem os elementos humanizados mais ou menos de maneira semelhante.

A Tabela 9 traz discriminados os Estabelecimentos Comerciais e Lugares que apareceram nos desenhos, observa-se que entre todas as subcategorias, essa possui maior número de itens representados pelos alunos.

Tabela 9: Estabelecimentos comerciais e lugares presentes nos desenhos dos alunos da educação por sexo e por bairro, Anápolis, 2013

ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS E LUGARES	BAIRRO NOVO PARAÍSO			BAIRRO FILOSTRO		
	Meninas	Meninos	Total	Meninas	Meninos	Total
Academia	-	-	-	01(1,2%)	-	01(1,2%)
Açougue	-	-	-	-	01(1,2%)	01(1,2%)
Bar	03(6,7%)	01(2,2%)	04(8,9%)	01(1,2%)	01(1,2%)	02(2,5%)
Bia presentes	03(6,7%)	01(2,2%)	04(8,9%)	-	-	-

Tabela 9: Tabela de estabelecimentos comerciais e lugares presentes nos desenhos dos alunos da educação por sexo e por bairro, Anápolis, 2013

ESTABELECEMENTOS COMERCIAIS E LUGARES	BAIRRO NOVO PARAÍSO			BAIRRO FILOSTRO		
	Meninas	Meninos	Total	Meninas	Meninos	Total
Cabeleireiro	01(2,2%)	-	01(2,2%)	-	-	-
Campo de Futebol/Quadra	04(8,9%)	07(15,5%)	11(24,4%)	02(2,5%)	10(12,5%)	12(15,0%)
Casa de rações	01(2,2%)	-	01(2,2%)	-	-	-
Escola	06	03(6,7%)	09	08(10,0%)	12(15,0%)	20(25,0%)
Farmácia	02(4,4%)	-	02(4,4%)	-	-	-
Feira	-	-	-	-	01(1,2%)	01(1,2%)
Ferragista	-	-	-	-	01(1,2%)	01(1,2%)
Fliperama	-	-	-	01(1,2%)	-	01(1,2%)
Igreja	01(2,2%)	03(6,7%)	04(8,9%)	03(3,7%)	05(6,3%)	08(10,0%)
Lanchonete	-	-	-	02(2,5%)	-	02(2,5%)
Locadora	-	01(2,2%)	01(2,2%)	-	-	-
Loja	-	-	-	-	02(2,5%)	02(2,5%)
Mercearia	-	03(6,7%)	03(6,7%)	-	-	-
Panificadora	-	-	-	02(2,5%)	-	02(2,5%)
Papelaria	01(2,2%)	-	01(2,2%)	-	-	-
Parque	-	-	-	05(6,3%)	01(1,2%)	06(7,5%)
Pet shop	-	-	-	01(1,2%)	-	01(1,2%)
Pit dog	-	-	-	-	01(1,2%)	01(1,2%)
Pizzaria	01(2,2%)	01(2,2%)	02(4,4%)	-	-	-
Posto de Saúde	-	-	-	-	01(1,2%)	01(1,2%)
Sorveteria	08(17,8%)	07(8,7%)	15(33,3%)	-	-	-
Supermercado	03(6,7%)	02(4,4%)	05(11,1%)	03(3,7%)	06(7,5%)	09(11,2%)
Total	33(12,3%)	29(10,8%)	62(23%)	29(8,2%)	4 (11,9%)	71(20,1%)

Fonte: Desenhos dos alunos pesquisados, 2013

Dentre os estabelecimentos mais citados, conforme Tabela 9, no Bairro Novo Paraíso foi a sorveteria, apareceu em 15 dos 45 desenhos (33,3%), no CHFMC esse tipo de

estabelecimento não foi citado uma única vez. Esse fato, explica-se por haver em frente à Escola Moacyr Romeu Costa uma sorveteria que pertence à mãe de uma das alunas do 5º ano, lugar esse que é diariamente frequentado pelos estudantes, segundo relatos verbais durante a confecção dos desenhos. Sendo também, o único lugar de referência local frequentado por eles, tornando-se um lugar de lazer de suma importância na relação social.

No CHFMC o estabelecimento mais citado foi a escola, representada em 20 (25%) dos 80 desenhos totais dos alunos do bairro. A única escola mencionada foi a dos alunos da pesquisa (CEU). Outro fato relevante foi que dos 20 desenhos, 03 representaram a planta da escola, demonstrando a importância dessa para o discente. Concluindo que a percepção ambiental que esses têm do bairro se restringe à escola.

Comprovando que o lugar influencia na percepção ambiental, vimos que a Escola Moacyr Romeu Costa foi retratada nove vezes (20%). E, ao contrário da Escola Ayrton Senna, que só apareceu de forma positiva; no bairro Novo Paraíso, foi citada de forma negativa três vezes, ou seja, em 33,3% dos desenhos em que foi representada. Talvez isso se explique pela diferença estrutural entre as duas escolas.

Em ordem crescente, os estabelecimentos comerciais mais citados pelos alunos do Filostro foram escola, quadra, supermercado, igreja e parque, no Novo Paraíso foram sorveteria, quadra, escola, supermercado e igreja.

Embora os alunos do Filostro tenham retratado o parque em seis desenhos, esse elemento não apareceu no Novo Paraíso, porque lá não há esse tipo de espaço público.

Outro elemento relevante foi o campo de futebol/quadra retratados em 11 (24,4%) dos desenhos do Novo Paraíso, sendo 07 (15%) em desenhos dos meninos e em 12 (15%) nos desenhos do Filostro, sendo 10 (12,5%) em desenhos dos meninos. Então, o Novo Paraíso representou mais vezes esse elemento, mas não teve grande diferença entre os sexos, pois o elemento foi representado em 04 (8,9%) desenhos femininos o que não aconteceu no Filostro pois apenas 02 (2,5%) desenhos de meninas aparecem esse elemento.

Nota-se também que foram citados apenas uma vez os seguintes lugares: açougue, academia, cabeleireiro, casa de rações, feira, ferragista, fliperama, locadora, papelaria, pet shop, pit dog e posto de saúde. Talvez por serem lugares com pouca relevância na rotina de uma criança da idade dos pesquisados, com exceção do fliperama e pit dog.

Outra subcategoria analisada foram os Elementos Estruturais, esses são a segunda subcategoria com maior quantidade de tipo de elementos, conforme observa-se na Tabela 10.

Tabela 10: Tabela de elementos estruturais presentes nos desenhos dos alunos da educação por sexo e por bairro, Anápolis, 2013

ELEMENTOS ESTRUTURAIIS	BAIRRO NOVO PARAÍSO			BAIRRO FILOSTRO		
	Meninas	Meninos	Total	Meninas	Meninos	Total
Banco de praça	-	-	-	01(1,2%)	-	01(1,2%)
Barreira Eletrônica	-	-	-	-	02(2,5%)	02(2,5%)
Bueiro	-	01(2,2%)	01(2,2%)	-	-	-
Cadeira	04(8,9%)	01(2,2%)	05(11,1%)	02(2,5%)	01(1,2%)	03(3,7%)
Caixa de Correio	01(2,2%)	-	01(2,2%)	-	-	-
Calçada	-	03(6,7%)	03(6,7%)	01(1,2%)	-	01(1,2%)
Casa	16(35,6%)	11(24,4%)	27(60%)	16(20,0%)	17(21,2%)	33(41,2%)
Cerca/Muro	03(6,7%)	02(4,4%)	05(11,1%)	-	-	-
Faixa de pedestre	01(2,2%)	02(4,4%)	03(6,7%)	-	-	-
Lixeira	05(11,1%)	02(4,4%)	07(15,5%)	02(2,5%)	-	02(2,5%)
Mesa	04(8,9%)	01(2,2%)	05(11,1%)	02(2,5%)	01(1,2%)	03(3,7%)
Orelhão	-	-	-	03(3,7%)	-	03(3,7%)
Pare	01(2,2%)	02(4,4%)	03(6,7%)	02(2,5%)	02(2,5%)	04(5%)
Ponto de ônibus	-	-	-	-	01(1,2%)	01(1,2%)
Portão	01(2,2%)	01(2,2%)	02(4,4%)	-	-	-
Poste	03(6,7%)	01(2,2%)	04(8,9%)	02(2,5%)	01(1,2%)	03(3,7%)
Padrão de energia	01(2,2%)	-	01(2,2%)	-	-	-
Rotatória	-	01(2,2%)	01(2,2%)	-	-	-
Rua	13(28,9%)	15(33,3%)	28(62,2%)	08(10,0%)	26(32,5%)	34(42,5%)
Semáforo	-	01(2,2%)	01(2,2%)	-	01(1,2%)	01(1,2%)
Total	54(20,1%)	45(16,7%)	98(36,4%)	42(11,9%)	59(16,7%)	102(28,9%)

Fonte: Desenhos dos alunos pesquisados, 2013

Na Tabela 10, aparecem ao todo 20 tipos de elementos considerados estruturais, sendo citados 200 (32,1%) vezes nos desenhos. Destacando-se em quantidades maiores, somados nos dois bairros temos, casa em 55 (27,5%) desenhos e rua em 70 (35%), justamente por serem os mais perceptíveis. Porém, no CHFM, o desenho das ruas é três vezes maior nos desenhos masculinos do que femininos, pois geralmente são eles que brincam nestes locais. A

rua para crianças de um bairro é um lugar de muitas brincadeiras, principalmente quando planas como os do Filostro Machado.

Nota-se também que o elemento casa no Novo Paraíso aparece em 27 (60%) desenhos e no Filostro em 33 (41,2%), numericamente os dois bairros representam quase que de forma idêntica, porém em proporções percentuais, o Novo Paraíso retrata quase o dobro de vezes o mesmo elemento. Isso demonstra que a casa é um elemento importante na percepção ambiental dos alunos da Escola Municipal Moacyr Romeu Costa. Por não terem espaço de lazer, certamente os alunos permanecem mais tempo dentro de casa.

Já o elemento rua aparece em 28 (62,2%) dos desenhos do Novo Paraíso e em 34 (42,5%) do Filostro. Destacando mais uma vez que em números percentuais a rua aparece em maior número nos desenhos do Novo Paraíso, porém essa não é representada de forma realista, pois são idealizadas ao serem desenhadas planas.

A próxima subcategoria a ser analisada são os Meios de Transporte, descritos na Tabela 11.

Tabela 11: Tabela de meios de transporte presentes nos desenhos dos alunos da educação por sexo e por bairro, Anápolis, 2013

MEIOS DE TRANSPORTE	BAIRRO NOVO PARAÍSO			BAIRRO FILOSTRO		
	Meninas	Meninos	Total	Meninas	Meninos	Total
Bicicleta	-	-	-	01(1,2%)	02(2,5%)	03(3,7%)
Caminhão	01(2,2%)	-	01(2,2%)	-	05(6,2%)	05(6,2%)
Carro	03(6,7%)	06(13,3%)	09(20%)	01(1,2%)	06(7,5%)	07(8,7%)
Carro de polícia	-	-	-	-	01(1,2%)	01(1,2)
Carro de som	-	-	-	-	01(1,2%)	01(1,2%)
Carro IML	-	-	-	-	01(1,2%)	01(1,2%)
Moto	-	01(2,2%)	01(2,2%)	-	-	-
Ônibus	-	01(2,2%)	01(2,2%)	01(1,2%)	01(1,2%)	02(2,5%)
Total	04(8,9%)	08(17,7%)	12(26,6%)	03(3,7%)	16(20%)	19(23,7%)

Fonte: Desenhos dos alunos pesquisados, 2013

De acordo com a tabela 8, os Meios de Transporte aparecem com maior frequência nos desenhos dos meninos. Sendo citados em 04 (8,9%) desenhos de meninas no Bairro Novo Paraíso e 08 (17,7%) dos meninos do mesmo bairro. Já no Filostro, aparecem em 03 (3,7%)

desenhos das meninas e 16 (20%) dos meninos. Em dois desenhos de meninos no Filostro o único elemento desenhado é o carro, evidenciando a cultura de que carro é “coisa de menino”.

Outros elementos relevantes que foram desenhados por alunos apenas do Filostro foi o carro de som, de polícia e do Instituto Médico Legal elementos esses representados por meninos.

Além dos elementos citados nas tabelas acima, aparecem também nos desenhos dos alunos alguns elementos relevantes, merecem destaque: 02 alunos do Bairro Filostro Machado desenharam pichadores, 01 aluna do Filostro e 01 aluno do Novo Paraíso desenharam coração, 01 aluno do Bairro Novo Paraíso desenhou uma queimada, 01 aluno do Bairro Novo Paraíso e 03 alunas e 08 alunos do Bairro Filostro Machado desenharam cigarro ou pessoas fumando, o que evidencia a percepção ambiental negativa dos discentes.

Em estudos anteriores, constatou-se que as atividades gráficas, como o desenho, podem reproduzir signos que indiquem conhecimentos, interesses, valores, dificuldades, ou seja, por meio do desenho e das palavras, as crianças têm expressado sua subjetividade e favorecido o acesso à cultura da infância e de outras influências presentes no curso de suas vidas.

Verificaram-se as possíveis diferenças na percepção ambiental que elas possuem de seus bairros. Algumas demonstraram ter medo da violência, falta de segurança, traficantes, usuários de drogas, outros; perceberam apenas paisagens agradáveis às pessoas e com presença considerável de casas, expressando sentimentos de familiaridade e segurança, como veremos a seguir.

3.2 Desenhos dos alunos com percepção negativa do lugar

Analisamos a percepção ambiental dos desenhos e a categorizamos como positiva ou negativa. Para análise, agrupamos os desenhos de acordo com os temas e discutimos as categorias de acordo com embasamentos teóricos de Tuan (1980) e Derdick (2010).

De acordo com Derdick (2010), o desenho é a memória visível do acontecido, e que esse manifesta o desejo de representação, mas também, antes de mais nada é medo, é opressão, é alegria, é curiosidade, é afirmação, é negação. Ao desenhar, essas crianças passaram por um intenso processo vivencial e existencial, pois o desenho é a fotografia mental, emocional e psíquica.

Primeiramente fizemos a análise dos desenhos com Percepção Negativa dos alunos do 5º ano da Escola Ayrton Senna Silva do CHFMC.

Na Figura 10, podemos observar desenhos de alunos que retrataram o uso de drogas lícitas e ilícitas, a violência, degradação do patrimônio público, como a presença de pichadores, gangues e traficantes, como percepção negativa.

A rua, outrora lugar de socialização e lazer, tornou-se via de circulação e lugar de perigo, sobretudo para as crianças. As praças públicas e os parques infantis também sofrem com o abandono do poder público e, muitas vezes, são utilizados para fins ilícitos como o tráfico de drogas e o vandalismo, como retratados na Figura 10F (OLIVEIRA, 2002).

As crianças são bem conscientes da sordidez de seu ambiente. E mais do que a deterioração física, elas sentem o perigo dos vagabundos e dos drogados. As ruas podem proporcionar excitação, mas uma tênue linha separa a excitação do medo. TUAN (1980)

O geógrafo Tuan (1980) descreve uma pesquisa feita na escola do Harlen, entre crianças de onze a doze anos, quando perguntadas o que fariam para melhorar seu quarteirão, recomendaram a remoção dos trastes e dos vagabundos, a construção de casas novas com água quente” todos os dias”, o plantio de árvores e a transformação das ruas em ruas de lazer, removendo os vagabundos e os carros estacionados.

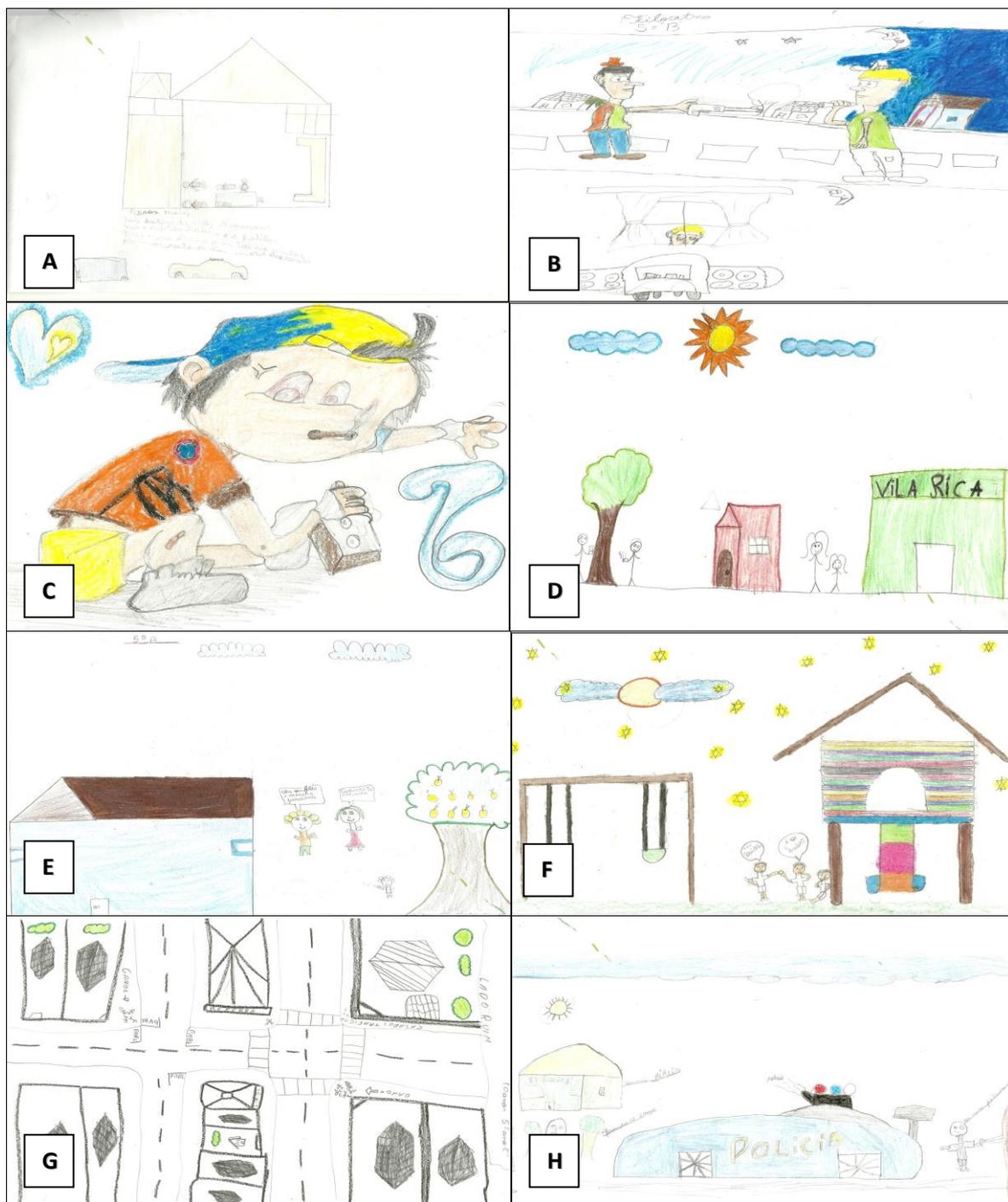


Figura 10: Desenhos dos alunos do 5º ano da Escola Ayrton Senna da Silva que retratam a violência e o uso de drogas, em (A) o assassinato de cinco pessoas no bairro, fato esse que aconteceu no período da confecção dos desenhos, em (B) duas situações do bairro, jovens com armas na mão, um com faca e o outro com revólver e logo abaixo, uma pessoa na janela olhando um carro, o aluno explica tratar-se de alguém querendo dormir e um carro de som ligado bem alto, impedindo o sossego, em (C) uma criança com um cigarro na boca e um rádio na mão, o coração desenhado ao lado do garoto, ao dar explicações verbais sobre esta figura, foi dito que o menino tem dois lados em seu coração um bom e um ruim, ou seja, quando ele desenhou o coração pequeno em um dos lados do coração grande, queria simbolizar a bondade do adolescente descrito, e o outro lado, sem um coração pequeno desenhado é o lado ruim, em (D) duas pessoas usando drogas embaixo da árvore, em (E) usuários de drogas, em (F) no parque crianças fumando, em (G) o uma gangue e da casa do traficante, em (H) usuários de droga do lado da delegacia de polícia e um pichador do lado da viatura policial.

Observamos que do total de 80 desenhos, 17 (21,2%) alunos do CHFMC perceberam o bairro de forma negativa, apesar de estarem retratados (Figura 10) nesse trabalho apenas oito deles, selecionados aleatoriamente.

Para exemplificar o medo demonstrado nos desenhos e falas dos alunos, Tuan (2006) mostra diversas situações caracterizando-as como paisagem do medo

Paisagens do medo? Se pararmos para refletir quais são elas, certamente inúmeras imagens acudirão à nossa mente: medo do escuro e a sensação de abandono quando criança; ansiedade em lugares desconhecidos ou em reuniões sociais; pavor dos mortos e do sobrenatural; medo das doenças; guerras e catástrofes naturais; desconforto ao ver hospitais e prisões; medo de assaltantes em ruas desertas e em certos bairros; ansiedade diante da possibilidade de rompimento da ordem mundial (TUAN, 2006, p.7).

Ainda nesse contexto, se o desenho é um sistema de representação, o qual envolve tanto a produção como a interpretação de imagens formadas por símbolos, utilizados para expressar ideias, sensações, fantasias e sentimentos, eles retratam uma percepção negativa do bairro, pois nos depoimentos verbais, disseram que não se sentem confortáveis em tais situações, aflorando neles o sentimento de medo e insegurança em relação ao bairro em que moram.

Sabe-se que o uso de drogas é um fato bastante antigo na história da humanidade e constitui um grave problema de saúde pública, com sérias consequências pessoais e sociais no futuro dos jovens e de toda a sociedade. A adolescência é um momento especial na vida do indivíduo. Nessa etapa, o jovem não aceita muitas orientações, pois está testando a possibilidade de ser adulto, de ter poder e controle sobre si mesmo. É um momento de diferenciação em que "naturalmente" afasta-se da família e adere ao seu grupo de iguais. Se esse grupo estiver usando drogas, o pressiona a usar também (TAVARES, BÈRIA, LIMA, 2004).

Ao entrar em contato com as drogas, nessa fase de maior vulnerabilidade, expõe-se também a muitos riscos. O encontro do adolescente com a droga é um fenômeno muito mais frequente do que se pensa e, por sua complexidade, difícil de ser abordado (MARQUES, CRUZ, 2000). Os desenhos mostram que os alunos, apesar de terem apenas de 9 a 11 anos já vivenciam esta situação, correndo o risco de achar tudo isso normal, comum e banal, por vivenciarem cenas de adolescentes, crianças e adultos se drogando.

Na roda de conversa, foi dito pelos alunos que alguns já foram abordados por viciados na frente da escola, inclusive, quando estão brincando na quadra e chega um grupo de

“noiados”, eles têm que ir embora, caso contrário, perdem a bola e correm o risco de apanharem.

A discente da Figura 10A escreveu atrás da folha do desenho o seguinte:

“Vou falar da minha casa: Essa é a minha casa lá perto tem uma árvore onde ficam sempre um garoto fumando e sempre eu e o meu primo passa lá e ele está sempre com uma caixa de cigarro”. Percebe-se com o uso do advérbio “sempre” a ênfase a rotina desta situação.

Na Figura 10H o bairro é percebido sem segurança, pois os viciados estão fumando ao lado de uma Delegacia de Polícia de forma explícita, na figura é mostrado o descaso dos policiais em relação a este problema e a tranquilidade dos viciados que não expressam receio dos agentes policiais, o pichador está também localizado ao lado da Delegacia, demonstrando a percepção negativa do aluno em relação aos agentes de segurança.

Alguns desenhos foram feitos na cor preta, como a Figura 10G, e conforme Aguiar (2004) a cor preta fala-nos de abandono, de insatisfação diante das circunstâncias, enfim, da ausência, de falta, de negação (aliás, o preto é a negação da cor), chama-nos a atenção à imagem ter sido feita toda em preto.

Sendo assim, os alunos percebem o lugar em que moram, pois ao retratarem imagens cotidianas e usuais do bairro, mostram que não superestimam ou idealizam o ambiente em que vivem, conforme Tuan (1980) as imagens dos desenhos evidenciam as relações de experiências vividas no dia a dia dos alunos, as representações simbólicas destas imagens representam a falta de afetividade com o bairro em que moram, os desenhos são construídos pela imaginação, sentimentos, lembranças, e representações simbólicas na construção da percepção negativa.

Não foram desenhados ,pelos alunos do CHFMC, imagens que mostram degradação da natureza e nem ruas com buraco. A criança ao selecionar e elege um objeto ou lugar para desenhar, conforme Derdik (2010) está exercendo uma apropriação de recortes da realidade, pois o desenho não reproduz as coisas, mas traduz a visão que delas se tem.

Agora, analisaremos os 03 (6,66%) desenhos que possuem apenas percepção negativa, do Bairro Novo Paraíso, os alunos retrataram ruas com buraco e usuários de drogas, conforme a figura 11.



Figura 11: Desenhos com percepção negativa dos alunos do 5º ano da Escola Moacyr Romeu Costa, em (A) e (B) ruas com buraco e em (C) degradação da natureza e usuário de drogas.

As imagens 11A e 11B mostram ruas com buracos, em (A) observamos no canto superior direito do desenho um rio com peixes, lugar esse inexistente no bairro, demonstra-se que o aluno tem uma percepção negativa do lugar ao retratar os buracos, mas ao mesmo tempo o idealiza, ao desenhar peixes e rio, em (B) o buraco é um dos elementos enfatizados com legenda pelo aluno.

O desenho (C) apesar de retratar uma percepção negativa, essa não é a realidade do bairro, pois vemos um rio poluído com peixes mortos entre o desmatamento e o usuário de droga à esquerda do desenho, verificamos por meio dos moradores, que não há rio no bairro, no entanto, o aluno insistiu em falar que existe.

Observou-se que de um total de 45 alunos que desenharam no Bairro Novo Paraíso apenas 03 (6,6%) perceberam de forma negativa o lugar, uma diferença considerável entre o bairro Filostro, que representou esse tipo de percepção em 17 (21,2%), uma quantidade

percentual três vezes maior, evidenciando que na representação gráfica, os alunos do Filostro tem maior percepção negativa.

A percepção negativa é caracterizada quando os alunos veem o ambiente muito sujo, enfatizam o lixo jogado nas ruas, conseguem perceber as ações ocasionadas pela ação antrópica com danos irreversíveis aos lugares, às paisagens, aos espaços vivido e às porções significativas da natureza, é também classificada como negativa, buracos, depredação dos bens públicos e particulares (pichação, quebradeira), insegurança ao transitar pelas vias como o medo de assaltos, traficantes, usuários de entorpecentes, estupradores e bêbados.

Cabe ressaltar que conforme Tuan (1980, p.285) “a geografia fornece necessariamente o conteúdo do sentimento topofílico”, se em um bairro não há lazer, nem ponto de ônibus, as ruas são cheias de buraco e sem calçadas, não tem parques, nem escolas com piscinas e quadras, significa que a geografia daquele lugar não proporciona uma atitude positiva em relação a ele, pois o ambiente, para a maioria das pessoas que nele vivem é um fato irredutível às necessidades individuais.

3.3 Desenhos dos alunos com percepção positiva do lugar

Nesse segmento do capítulo, analisaremos os desenhos com percepção positiva do lugar. Os desenhos que apresentaram percepção positiva foram 60 (75%) no Filostro e 37(82,2%) no Novo Paraíso. O que demonstra que quase a totalidade dos alunos do Novo Paraíso percebem o bairro de forma positiva.

Esses foram subdivididos em categorias de acordo com alguns dos direitos sociais do Capítulo II da Constituição da República Federativa do Brasil (1988), a educação, saúde, alimentação/trabalho, moradia, lazer e direito à religião.

3.3.1 Educação

Em relação ao ambiente escolar, o fato de durante nove anos ou mais, as pessoas permanecerem no local por no mínimo quatro horas diárias, torna ainda mais evidente a necessidade de se analisar as relações aluno-ambiente neste contexto, uma vez que no período da infância e adolescência estão em formação, entre outros as suas estruturas mentais básicas,

os seus esquemas corporais, a modelagem/internalização de regras e normas sociais, ressaltando o papel e a influência da escola na vida de seus usuário (FRAGO, ESCOLANO, 1998; BENCOSTTA, 2005).

Logo, tanto quanto em outros ambientes, urbanos ou não, a vivência da escola permite sua transformação em lugar por seus alunos. A partir de uma experiência repleta de informações táteis, térmica, auditivas, afetivas, simbólicas e similares, a qual tem impacto direto sobre os discentes modificando-os a partir do momento que facilita e/ou inibe seus comportamentos (ELALI, 2002).

Assim, ilustrando o direito à educação analisaremos desenhos das escolas.

Tendo a Escola Municipal Ayrton Senna da Silva funcionamento em tempo integral, alguns alunos a desenharam de forma destacada (Figura 12) e na roda de conversa disseram ser um dos lugares de que mais gostavam, na escola é servido o almoço, lanche e os alunos praticam atividades extracurriculares como tênis, natação, vôlei, futebol, ballet, jogo de xadrez, existe um reflexo positivo na visão dos alunos, que tem nessa, momentos de lazer e descontração, além do aprendizado.

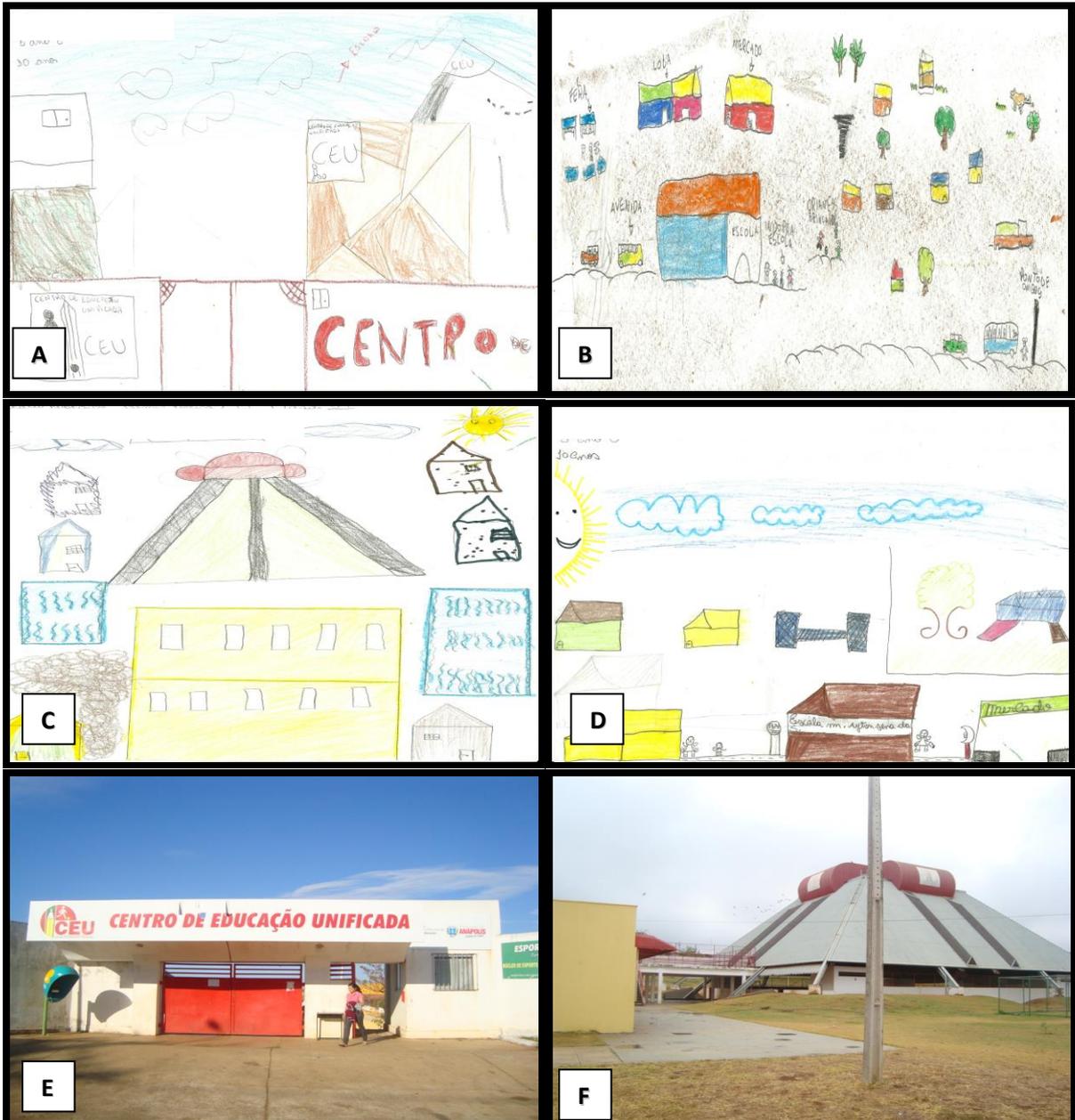


Figura 12: Imagens que retratam o Centro de Educação Unificada e Escola Ayrton Senna da Silva, em (A), (B), (C), (D) imagens que ilustram a escola, em (D) e (E) registros fotográficos do Centro de Educação Unificada. Fonte: Marisa Moreira Barros, 15/10/2013.

Portanto, trata-se de um lugar de lazer e divertimento, além de instituição educativa. Essas percepções e preferências ambientais, evidentemente, são fatores essenciais na aquisição do caráter de um bairro em relação à sua cidade, dos valores de mercado alcançados pelos imóveis, do seu prestígio social, sua fama ou “imagem” junto à população negativa ou positiva.

Observamos na fala de um dos alunos o apreço pelo bairro e pela escola: “O meu bairro e muito legal e eu passeio nele todo dia vou para a escola onde tem professores muito legais”, essa colocação mostra a percepção positiva do aluno em relação ao lugar.

A valorização da escola pode ser associada ao conceito de educação integral, que vai além dos aspectos da racionalidade ou cognição, pois essa valoriza também o olhar, às artes, à estética, à música, significa desenvolver as dimensões afetivas, artísticas, espirituais, os valores, a saúde, o corpo.

Ao contrário, a Escola Moacyr Romeu Costa não funciona em tempo integral, possui estrutura limitada em relação à escola do CHFMC, como já descrito anteriormente. Talvez esse fato justifique a percepção negativa que alguns alunos possuem da escola, apesar da escola ser categorizada como percepção positiva, é importante salientar, como pode ser observado na Figura 13 em (B) que o aluno desenha a escola e escreve em cima “não gosto”, Em (A) a escola no desenho é destacada, mostrando uma percepção positiva do aluno em relação à escola, pois observamos sol, nuvens, pássaros, borboletas e árvore em uma cena em equilíbrio, há também no desenho a quadra, conforme a realidade, porém não existe a Igreja Batista desenhada.

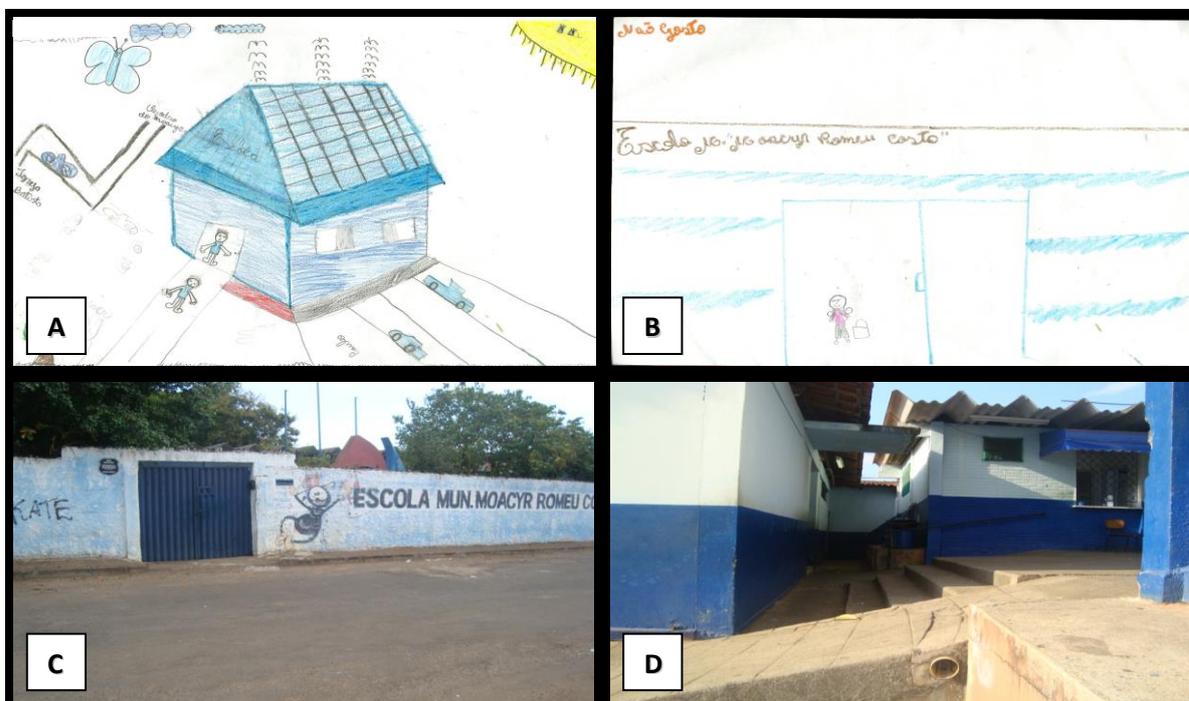


Figura 13: Imagens que retratam a Escola Moacyr Romeu Costa, em (A) e (B) imagens que ilustram a escola, em (D) e (E) registros fotográficos da escola.

Fonte: Marisa Moreira Barros, 15/10/2013.

Na figura 13B, foram desenhados os dois lados da folha, na figura da sorveteria ela escreveu “gosto” e da escola “não gosto”. Mostrando possuir percepção positiva e negativa do ambiente.

3.3.2 Saúde

A saúde é direito de todos assim como a educação, por isso a escola deve oportunizar situações de trocas, de conhecimentos, discussões, proporcionar estratégias, trabalhar em equipe, fazer da família sua aliada. A criança costuma reproduzir o que aprende e é capaz de multiplicar o que lhe ensinam. Na medida em que a escola preocupa-se com a formação de hábitos alimentares mais saudáveis, a prática de esportes e o cuidado com a saúde terá na criança uma parceira incontestável.

Estas práticas são enfatizadas nos Temas Transversais “compreender que a saúde é um direito de todos e uma dimensão essencial no crescimento e desenvolvimento do ser humano”. A importância da saúde na educação é inquestionável (BRASIL, 1997).

Porém, apesar da importância da temática saúde na vida dos alunos, não a remeteram à memória na confecção dos desenhos, haja vista que apenas um aluno do CHFMC ilustrou um posto de saúde em seu desenho (Figura 14). Na Figura 14B temos um registro fotográfico do posto de saúde ilustrado pelo aluno na Figura 14A.

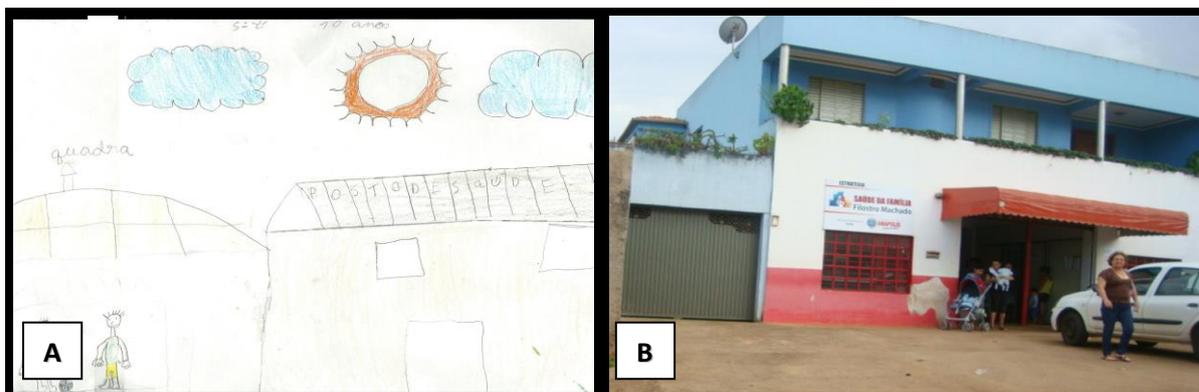


Figura 14: Imagens do posto de saúde do Conjunto Habitacional Filostro Machado Carneiro, em (A) desenho feito por um aluno do Colégio Ayrton Senna da Silva, em (B) registro fotográfico do posto de saúde.
Fonte: Marisa Moreira Barros, 15/10/2013

Isso, talvez se explique por associarem o posto de saúde/médico à doença, tristeza, agulhada, remédios amargos e privação de brincadeiras, ou por não ser trabalhado esse conteúdo de forma enfática nas escolas.

3.3.3 Trabalho/Alimentação

O trabalho/alimentação foi ilustrado pelos estabelecimentos comerciais dos bairros, que muitas vezes, suscita discussões sobre a qualidade dos espaços produzidos e a relação entre esses ambientes de comércio e os seus usuários. Nesse âmbito, devem ser considerados tanto os aspectos físicos do ambiente urbano, quanto os processos perceptivos e cognitivos envolvidos.

O comércio dos bairros da pesquisa são, em sua maioria, pequenos e constituem uma atividade frequente na vida social e econômica das populações desses, representam um lugar de sociabilidade, de relações amistosas, um ponto de referência e de encontro social entre moradores conhecidos do lugar. Nesse sentido, aponta Pintaudi (1999) que a atividade comercial sempre envolveu algo mais do que o simples ato de comprar e vender, constituindo-se também num elemento de integração de relações sociais estabelecidas no cotidiano.

Neste tipo de estabelecimento comercial é comum o tratamento personalizado com o cliente; a organização primitiva e simples do estabelecimento; o reduzido volume de capital; o pequeno, mas significativo estoque de mercadorias; o emprego familiar; a quase completa ausência de publicidade; a frequente reutilização de alguns bens, por exemplo, sacolas plásticas, caixas de papelão reutilizados no embrulhamento de mercadorias comercializadas (DINIZ, 2007).

Os direitos sociais constitucionais foram representados por estabelecimentos comerciais, simbolizam emprego (trabalho) e possibilitam o acesso à alimentação, através dos supermercados, local em que podem ser comprados itens de consumo. Alguns alunos do CHFMC deram destaque a um dos supermercados do bairro, o Vila Rica, como observado na figura 15. A foto (C) possibilita comparar os desenhos (A) e (B) com a realidade, comprovando a percepção positiva do lugar. Na figura (A) há semelhança do desenho com a foto, mostrando que o aluno percebe o lugar de forma realista e em (B) é possível ver a expressão de contentamento nos rostos dos personagens do desenho, reafirmando a percepção positiva, o aluno escreveu no verso do desenho “o Bairro filostro e dimais para nois”, e segundo relatos verbais do aluno, o caminhão que aparece na figura é o do supermercado Vila Rica levando as compras para a casa dele.

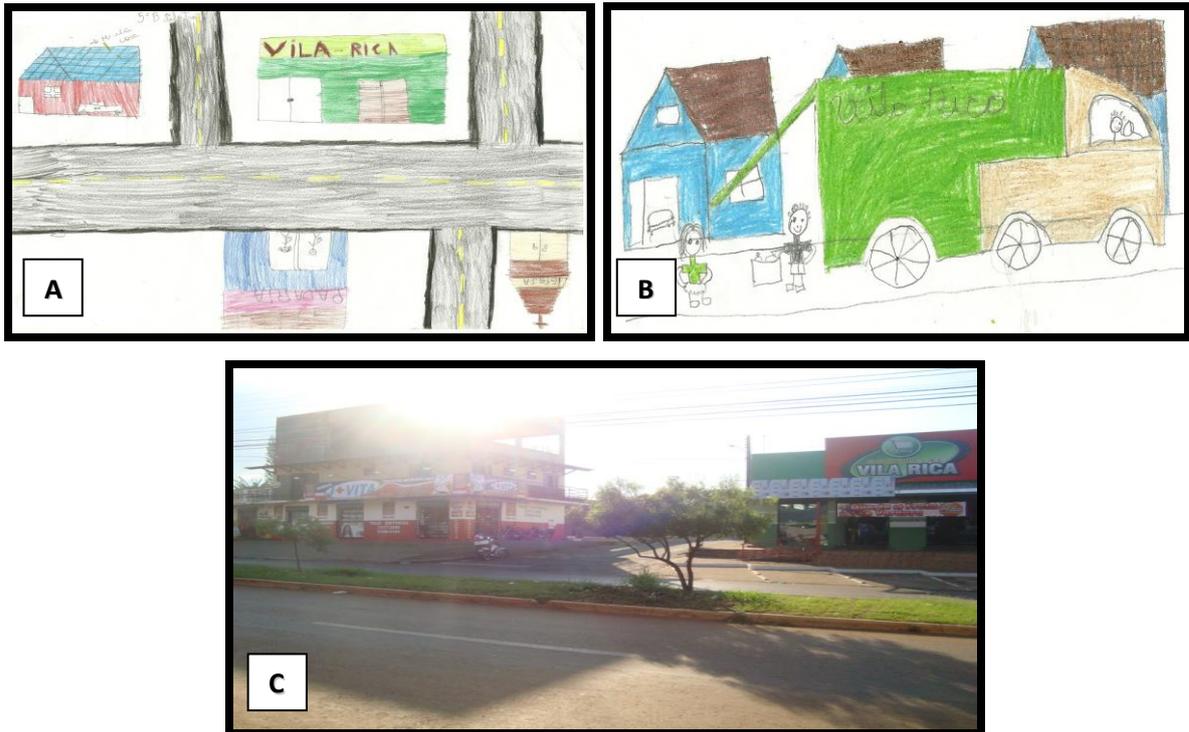


Figura 15: Imagens que representam o supermercado Vila Rica do Conjunto Habitacional Filostro Machado Carneiro, em (A) e (B) desenhos feitos por alunos do Colégio Ayrton Senna da Silva, em (c) registro fotográfico do supermercado Vila Rica.

Fonte: Marisa Moreira Barros, 15/10/2013

Outros desenhos que permitem ilustrar os estabelecimentos comerciais do bairro são os da figura 16.

Há grande diferença entre desenhar uma cena e uma reprodução fiel do lugar figura (C). Na primeira é mostrado o que mais importante vem à memória do aluno, originados pela observação, pela memória e, principalmente, pela imaginação, na segunda é apenas a transposição de um local de forma fiel para o papel, pois um é espontâneo e o outro é uma cópia, exemplo da figura (C). Esse aluno percebe o lugar e o faz de forma positiva.

Uma parte da figura 15 (A) encontra-se na foto da figura 16 (B), há uma oficina mecânica e ao lado, uma oficina de bicicletas. O desenho é uma cena, pois na fotografia não consta a loja de roupas e a panificadora desenhadas pelo aluno, demonstrando que conforme Lowenfeld (1954) sua pintura não é uma representação objetiva, ao contrário, ali se expressam suas preferências, bem como as coisas que lhe desagradam, suas reações emocionais com seu próprio mundo e com o mundo que o cerca.

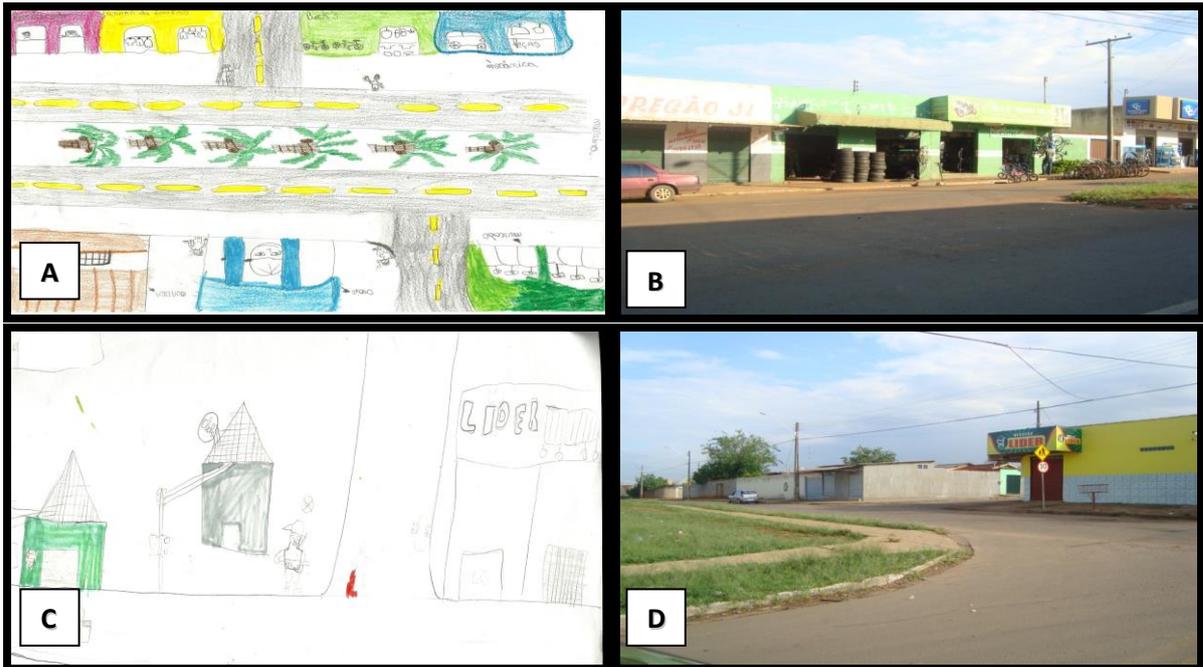


Figura 16: Imagens que representam estabelecimentos comerciais do Conjunto Habitacional Filostro Machado Carneiro, em (A) um desenho feito por um aluno que retrata uma lojinha de roupa, uma oficina de bicicletas e uma mecânica e em (B) a foto que permite comparar o desenho com a realidade que mostra um pregão, uma mecânica, uma oficina de bicicleta, um mercado, em (C) um desenho de uma casa e do supermercado Líder, em (D) o registro fotográfico desses.

Fonte: Marisa Moreira Barros, 15/10/2013

Os desenhos da Figura 16 associam fatores muito importantes como o conhecimento que os alunos têm das coisas e sua relação própria, individual para com elas, retratado no desenho pela avenida arborizada, oficinas de carros e bicicletas, loja de roupas, panificadora, supermercado, quadras, enfim, um lugar com condições de compras e conforto. Esse aluno percebe seu bairro de forma positiva com comércio local diversificado.

No desenho (C), observa-se o estabelecimento retratado na foto (D), sendo esse, o Supermercado Líder. No desenho, ao lado do supermercado, há uma casa contendo uma antena da “Claro” e um segurança na frente do local para guardá-lo. Trata-se de um desenho espontâneo. A diferença é que na foto não há segurança, ele está na imaginação ou na memória deste aluno, retratando o desejo de um bairro mais seguro, segundo suas falas.

Convém-nos inferir que neste desenho, o local estabelece uma relação causal direta entre renda, consumo e satisfação simbolizados pelo supermercado, a casa e o segurança na porta.

Outros estabelecimentos comerciais são retratados nos desenhos dos alunos, como observado na Figura 17, alguns alunos do CHFMC ilustraram pet shop, academia, ferragista,

isso se explica por existir no bairro uma variedade de tipos de comércio, trazendo comodidade e valorização ao bairro, portanto esses alunos demonstram percepção positiva do lugar.

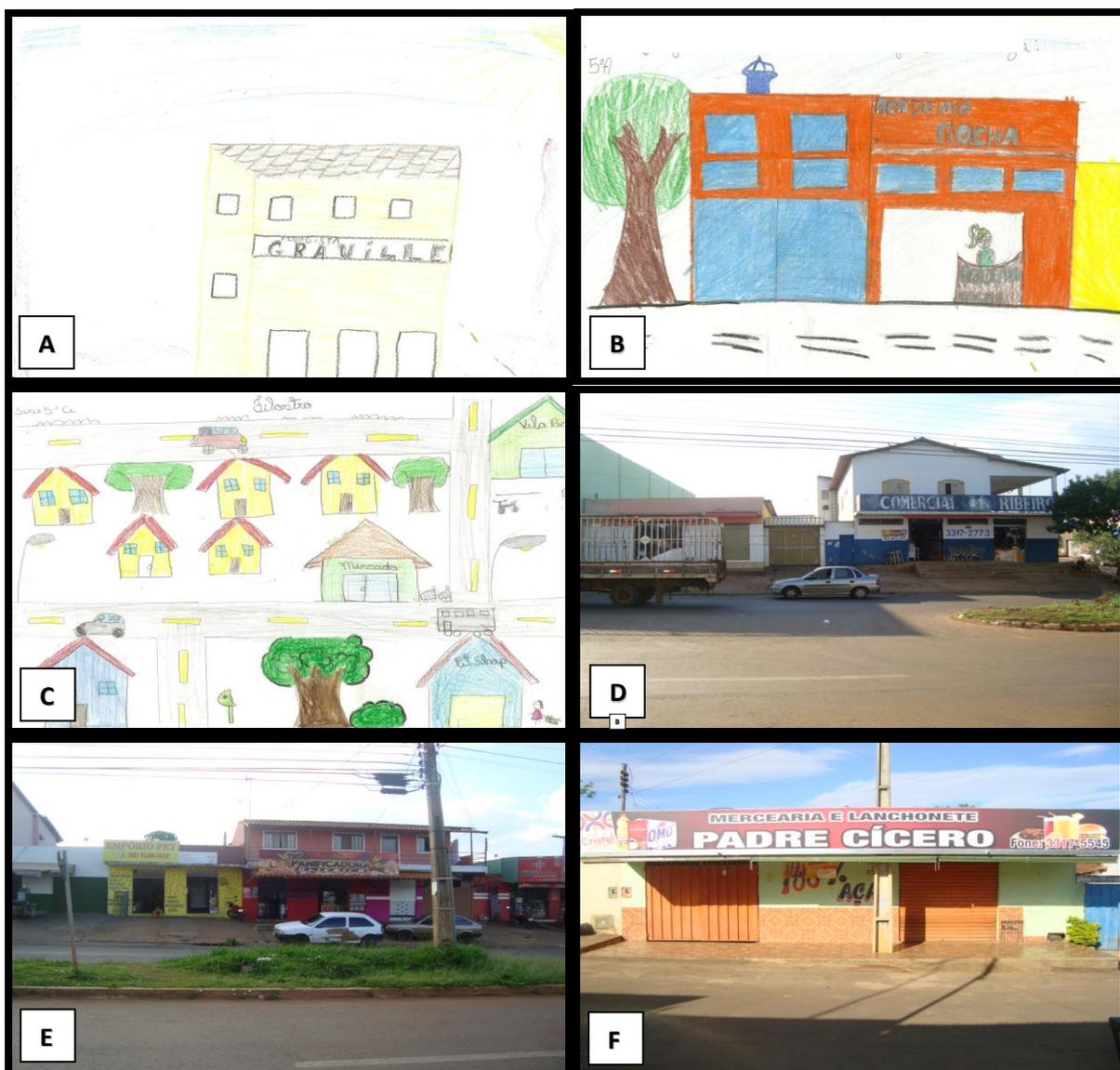


Figura 17: Imagens de estabelecimentos comerciais do Conjunto Habitacional Filostro Machado Carneiro, em (A) ferragista, em (B) academia, em (C) pet shop e mercado, em (D) Comercial Ribeiro, em (E) panificadora e pet shop, em (F) mercearia e lanchonete.

Fonte: Marisa Moreira Barros, 15/10/2013

Os alunos, do bairro Novo Paraíso, não diversificaram em seus desenhos os estabelecimentos comerciais, ao contrário dos outros do CHFMC, talvez, por não haver uma variedade de estabelecimentos em seu ambiente, mas representaram em seus desenhos alguns supermercados, cabeleireiro, casa de rações, lojinhas (Figura 18). A maioria dos estabelecimentos comerciais desenhados ficam na avenida principal do bairro (Avenida Cachoeira Dourada).



Figura 18: Imagens que mostram estabelecimentos comerciais do Bairro Novo Paraíso, em (A) desenho de papelaria, Bia presentes, venda, supermercado, em (B) Supermercado Ribeiro, Bia presentes, cabeleireiro, casa de rações e lojinha, em (C) foto do supermercado Ribeiro na Avenida Cachoeira Dourada no Bairro Novo Paraíso, em (D) foto da Bia Presentes na Avenida Cachoeira Dourada no Bairro Novo Paraíso
 Fonte: Marisa Moreira Barros, 15/10/2013

Esses desenhos mostram que os alunos possuem uma percepção positiva do bairro, comprovado pela harmonia física e social da imagem na Figura (A).

3.3.4 Moradia

O direito social constitucional à moradia é representada pelas casas nos desenhos.

Tuan (1983, p.3) inicia uma de suas obras com esta indagação sobre a definição de lar: “é a velha casa, o bairro, a cidade ou a pátria”. A explicação aparentemente simples encobre uma infinita e complexa rede de sentimentos e entendimentos a propósito dos elementos que unem os homens aos seus “nichos” de proteção e convivência ou concepção simbólica.

O lar é valorizado de forma singular pelas pessoas, como pode ser observado no poema a seguir, de um autor desconhecido:

“Casa é uma construção de cimento e tijolos.

Lar é uma construção de valores e princípios.

Casa é o nosso abrigo das chuvas, do calor, do frio...

Lar é o abrigo do medo, da dor e da solidão.
Casa é o lugar onde as pessoas entram para dormir, usar
o banheiro, comer.
Onde temos pressa para sair e retardamos a hora de voltar.
O lar é o lugar onde os membros da família anseiam por estar nele,
onde refazem suas energias, alimentam-se de afeto e encontram
o conforto do acolhimento. É onde temos
pressa de chegar e retardamos a hora de sair.
Não há lugar como o lar”.

Nesse contexto, foram desenhados dois tipos de casas pelos alunos do CHFMC, conforme Figura 19. Em (A) e (B) a representação das casas que originaram o bairro, padronizadas e de cor amarela. Os desenhos são realistas, comparados com as fotos das figuras (C) e (D), ilustrados fielmente nos desenhos. Em (B) observa-se, inclusive, a simetria das quadras e ruas, haja vista que foram planejadas. Na figura (A), além das casas do conjunto, foi desenhada a Escola Ayrton Senna.

Os desenhos das Figuras (E), (F) e (G) retratam casas também, sendo essas coloridas e estruturadas, representando em sua maioria a realidade observada, mostrando que os alunos que as desenharam percebem o ambiente, o fazem de forma positiva, porém tem uma percepção restrita, pois em seus desenhos aparecem apenas o desenho da casa, ou associada a uma árvore (figura G).

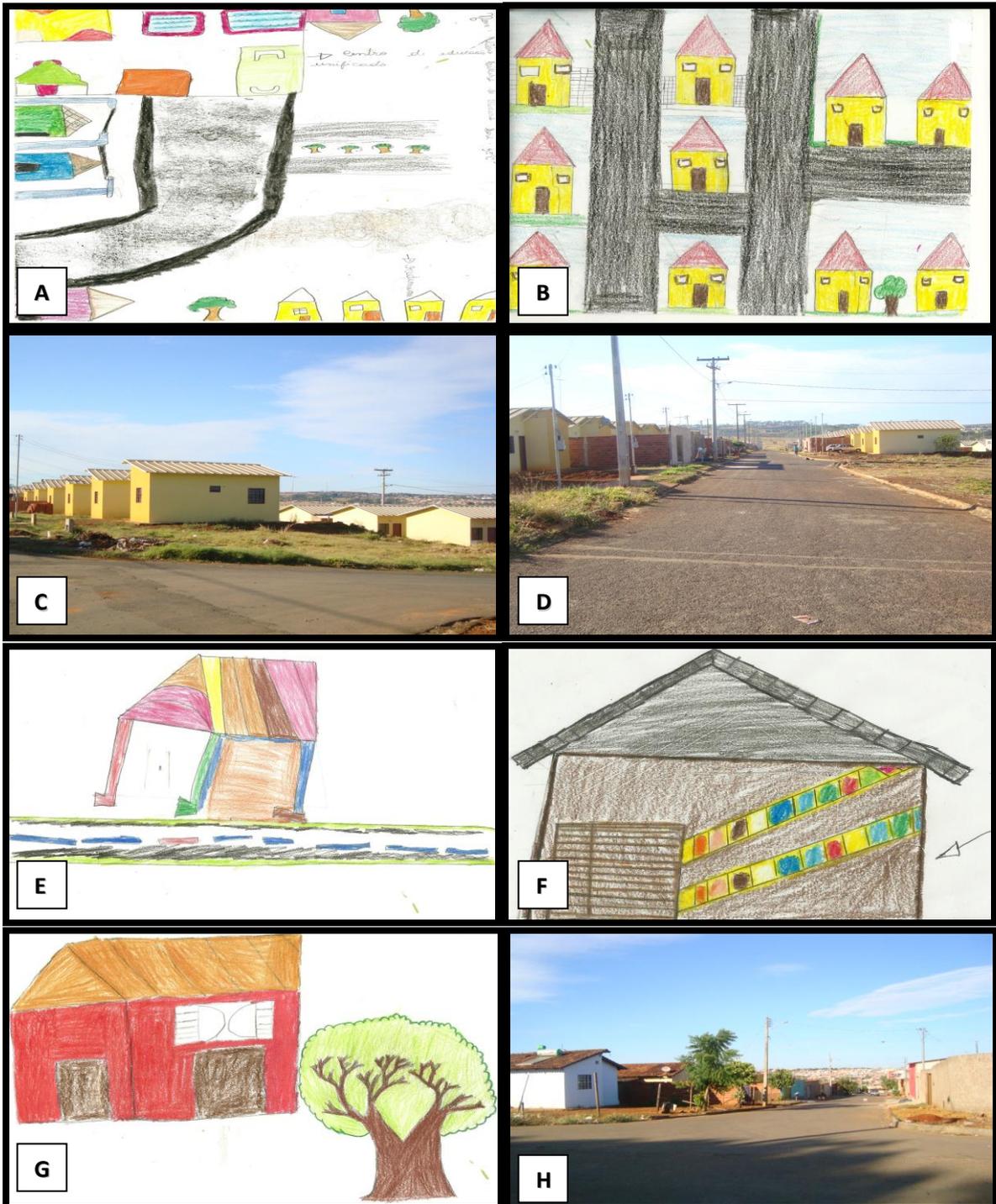


Figura 19: Imagens de casas do Conjunto Habitacional Filostro Machado Carneiro, em (A) e (B) desenhos das casas que originaram o bairro, em (C) e (D) registros fotográficos das casas que originaram o bairro, em (E), (F) e (G) desenhos de casas e em (H) registro fotográfico de casas.

Fonte: Marisa Moreira Barros, em 15/10/2013.

A Figura 19 mostra casas desenhadas pelos alunos, que segundo Tuan (1983, p.189) “A rua onde se mora é a parte da experiência íntima de cada um e o lar é um lugar jamais

esquecido”. Muitos alunos desenharam casa e na roda de conversa relataram tratar-se de sua própria residência.

Para Tuan (1983) construir é uma atividade complexa, torna as pessoas conscientes e as leva a prestar atenção em diferentes níveis: de visualizar espaços arquitetônicos na mente e no papel; e de comprometer-se inteiramente, de corpo e alma, na criação de uma forma material que capture um ideal. Uma vez alcançada, a forma arquitetônica é um meio ambiente para o homem. Percebemos então, pelos desenhos das casas construídas no mutirão, que elas influenciam o sentimento e a consciência dos alunos que as desenharam, pois trata da representação da história do surgimento do bairro.

No Novo Paraíso, como se vê na Figura 20, os alunos desenharam as casas do bairro coloridas, em ruas retas, com flores na porta, não representando a realidade observada (Figura A e B), mostra que os alunos não percebem o lugar em que moram, idealizando-o. Na roda de conversa, questionou-se porque não fizeram casas como as do bairro e ruas em declives, não souberam responder, embora dissessem que sabiam desenhar ruas iguais a do lugar. Há uma pequena interação destas crianças com a natureza, indiretamente representada pelas flores, sol e as árvores.

Temos em (A) e (B) fotos do bairro Novo Paraíso, nessa vemos ruas em declive, casas sem reboco, lotes vagos com entulho, o que não é representado pelos alunos em (C), (D) e (E).

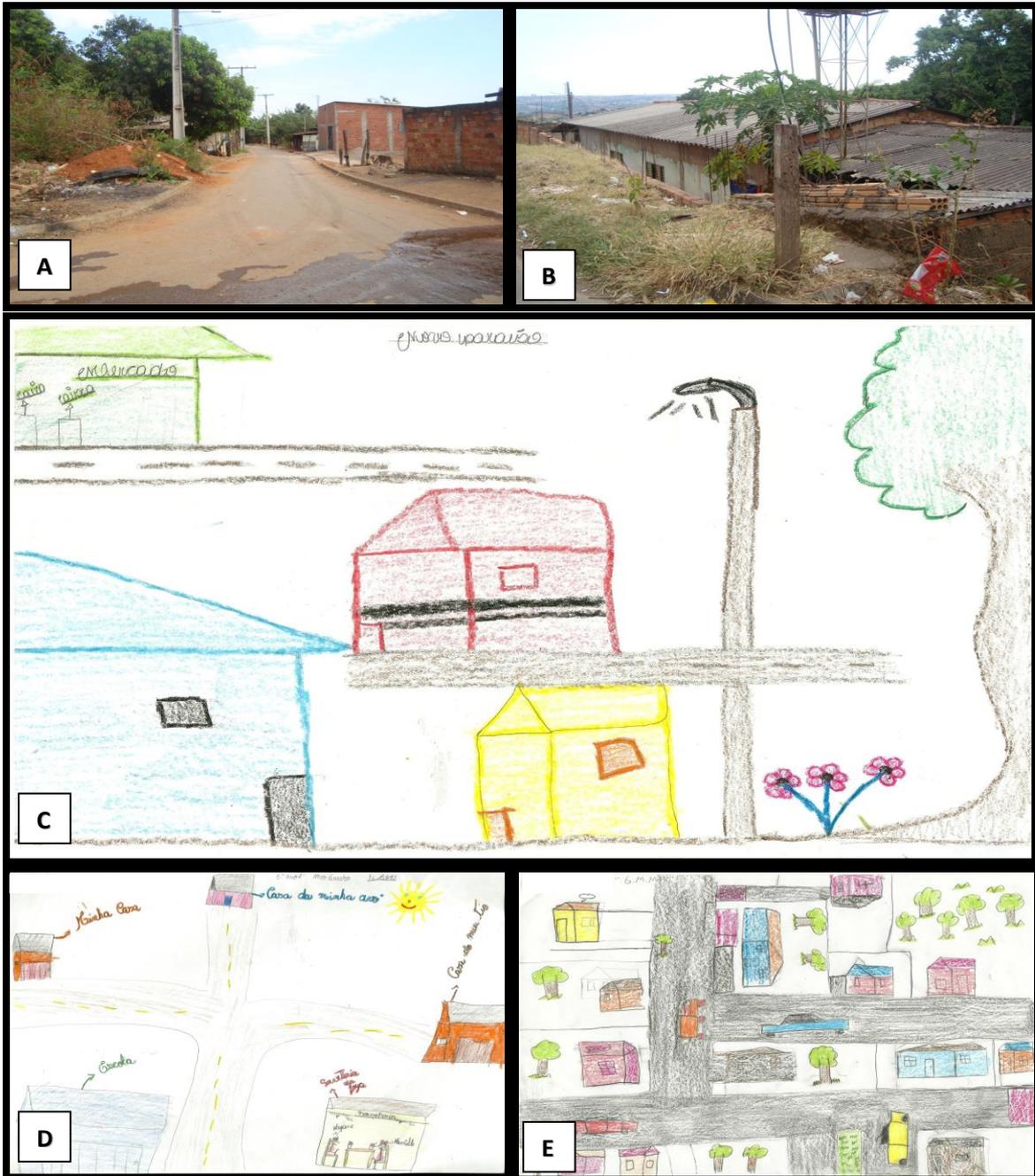


Figura 20: Imagem de casas do bairro Novo Paraíso, em (A) e (B) temos registros fotográficos de casas do bairro, em (C), (D) e (E), desenhos de casas idealizadas feito pelos alunos.

Fonte: Marisa Moreira Barros, em 15/10/2013.

3.3.5 Lazer

O lazer ao ar livre tem se mostrado importante para o desenvolvimento infantil por oportunizar habilidades físicas, sociais e afetivas. Mudanças sociais, econômicas e espaciais,

contudo, têm interferido no comportamento de uso de tais espaços, podendo trazer prejuízos à saúde e ao desenvolvimento das crianças.

Representando o direito ao lazer, trazemos desenhos de parques, praça, quadra e sorveteria.

O parque público infantil pode ser um dos primeiros espaços onde a criança tem oportunidade de se relacionar com outras crianças e adultos não integrantes de sua família, estimulando o contato com a diversidade cultural, étnica e social e ajudando a construir o sentido de cidadania. Além disso, propicia o contato com a natureza e a variedade de materiais, cores, texturas e relevos, promovendo o desenvolvimento motor, cognitivo, sensorial e emocional, através da atividade do brincar (OLIVEIRA, 2004; RABINOVICH, 2004)

Em razão da importância que os espaços urbanos desempenham no desenvolvimento físico, social e psicológico do ser humano, a falta de acesso a esses espaços e sua não utilização são apontadas como prejudiciais à saúde e maturação infantil, sobretudo pela redução de mobilidade e atividade física das crianças (OLIVEIRA, 2004). Tornam-se não apenas um problema social e espacial, mas também uma questão de saúde física e psicológica.

Representando o lazer, no CHFMC, trazemos ilustrações de parque, quadra poliesportiva, *lan-house*. No bairro reside em sua maioria uma comunidade de baixa renda, que provavelmente encontra nesses lugares uma das poucas possibilidades de lazer e sociabilidade, aqui não corre o risco de haver uma valorização unilateral das atividades de lazer usada como fuga, fonte de alienação ou simplesmente consumo dos lazeres de massa e contemporâneos. Mesmo sendo pequenos, são lugares privilegiados para a vivência dos meninos e meninas do bairro e contribui para mudanças de ordem moral e cultural, permitindo uma percepção positiva do lugar.

Notamos na Figura 21, que apesar de haver diversos lugares de lazer, os alunos priorizam ao desenhar, o parque do bairro, mostrado anteriormente na foto da figura 5 (C), que permite compararmos os desenhos com a realidade, ratificando a fidedignidade das ilustrações, principalmente em (A), (B) e (C).

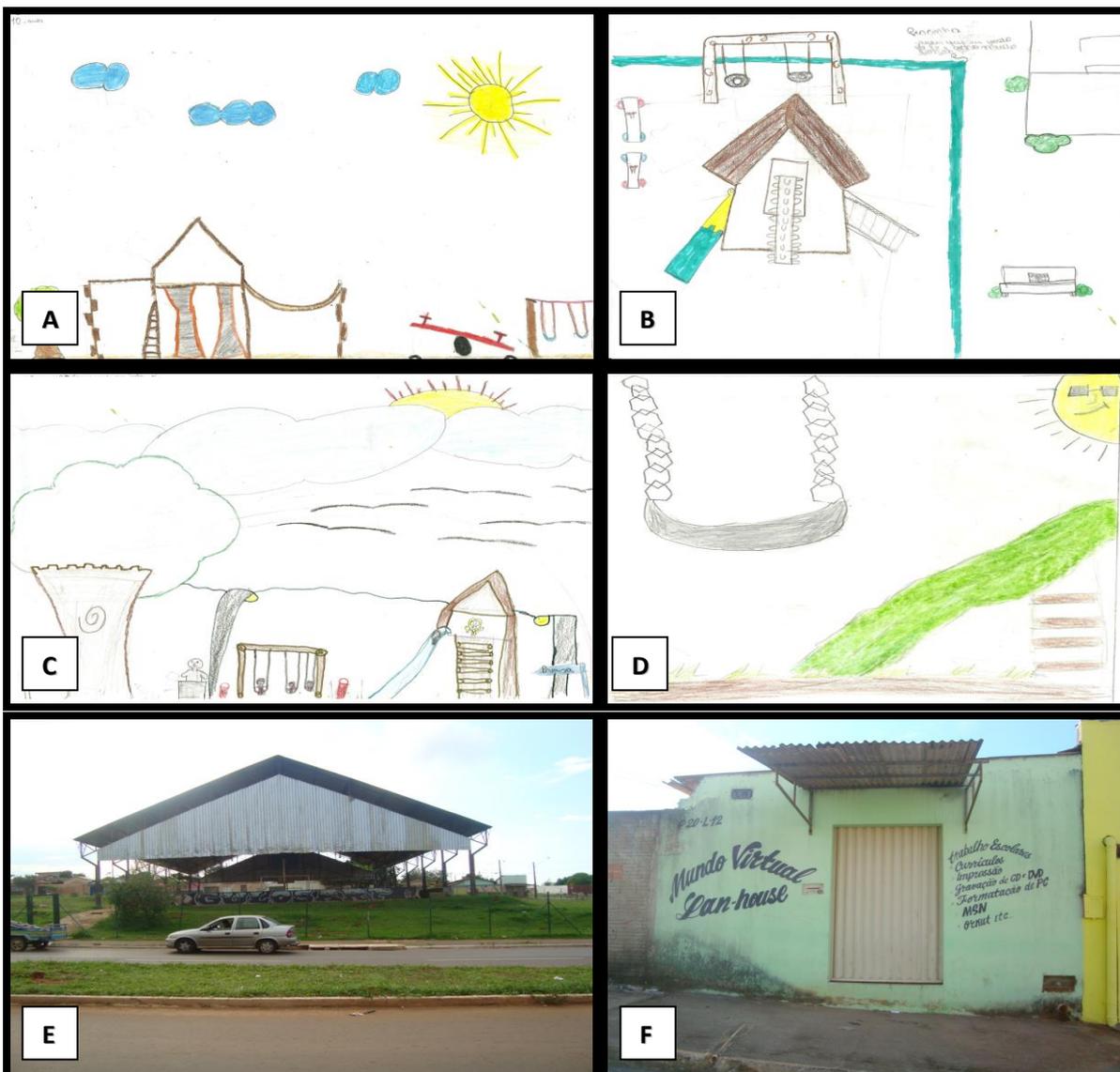


Figura 21: Ilustração de lugares de lazer do Conjunto Habitacional Filostro Machado Carneiro, em (A), (B), (C) e (D) desenhos do parque do bairro, em (E) a quadra poliesportiva do bairro e em (F) uma *lan-house*

Nos desenhos do bairro Novo Paraíso, o lugar de lazer, predominantemente citado pelos alunos, é a sorveteria da família de uma das alunas do 5º ano da Escola Municipal Moacyr Romeu Costa (figura 22).

Em (E) o desenho é apenas da sorveteria, dando ênfase à importância dessa para o aluno. Nas figuras (A) e (B), comparada com a foto da figura (G), nota-se a forte semelhança da sorveteria desenhada com a da foto, inclusive com o portão verde ao lado dela. Isso talvez se explique pelo fato de todos os dias o aluno visualizá-la ao sair da escola, localizada em frente. Essas figuras mostram que os alunos percebem o lugar de forma positiva. Nas figuras

(D) e (F) vemos a presença de árvores, inclusive com frutos, flores, pássaros, nuvem e sol, o que são elementos naturais que caracterizam a percepção positiva que o aluno tem do lugar.

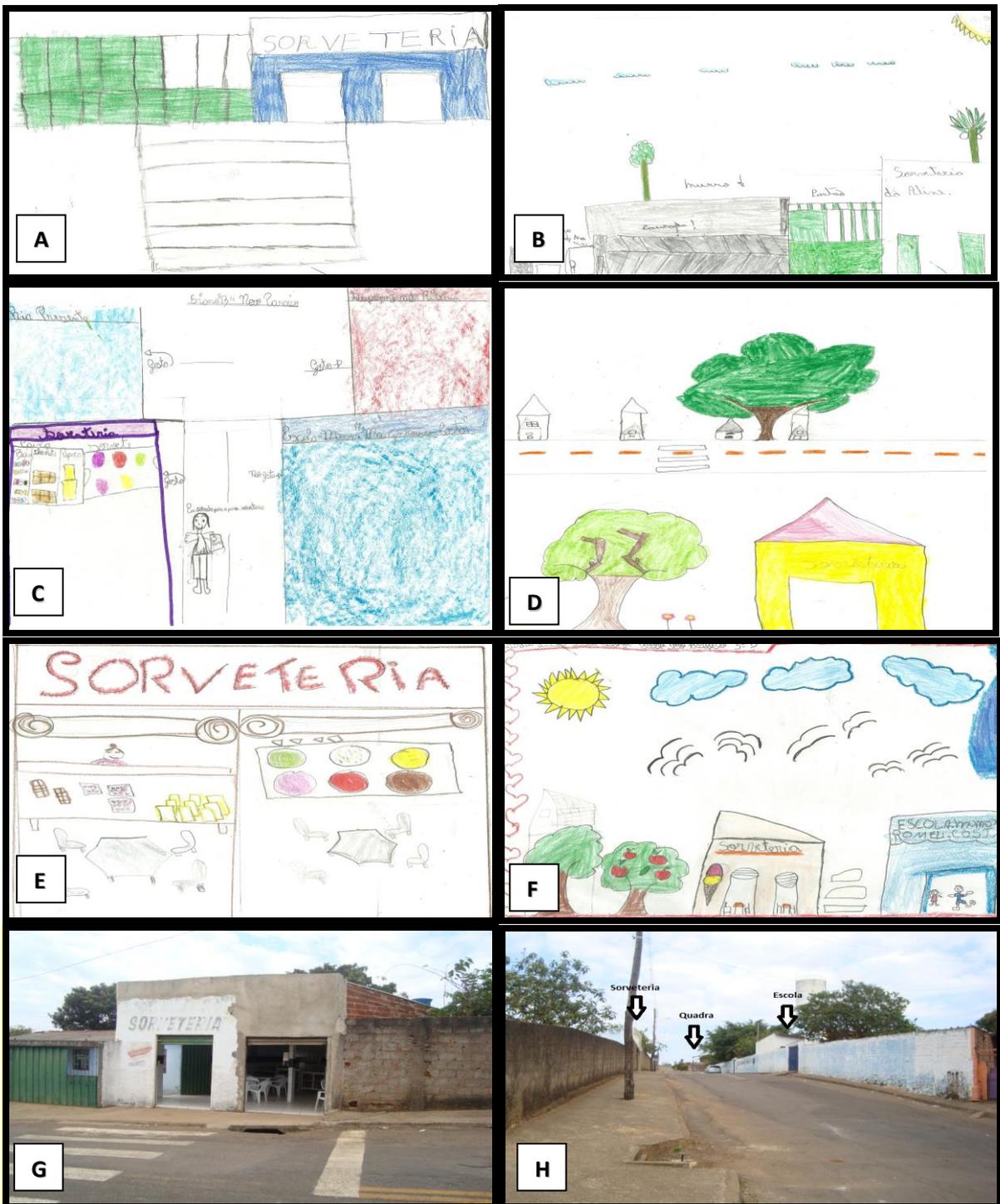


Figura 22: Ilustrações da sorveteria (lugar de lazer) do bairro Novo Paraíso, Anápolis-GO, em (A), (B), (C), (D), (E) e (F) desenhos da sorveteria, (G) registro fotográfico da sorveteria e em (H) uma foto que possibilita visualizar a localização geográfica da sorveteria e da quadra em relação à escola.

Fonte: Marisa Moreira Barros, em 15/10/2013.

A sorveteria aparece em 15 (33,3%) desenhos do total dos 45 do bairro , sendo representando em um terço desses.

A autora Derdyk (2010) diz que a criança também imita outras crianças. São estímulos que lhe impulsionam o desejo de apropriação, são trocas de experiências. Imitar não implica necessariamente ausência de originalidade ou criatividade, mas o desejo de incorporar objetos que lhe suscitam interesse.

A figura (H) mostra a localização geográfica da sorveteria em relação à escola, uma em frente à outra, como representado pelo aluno da figura (F), que semelhante as figuras (A) e (D) ilustra até a faixa de pedestres entre a escola e a sorveteria.

Alguns elementos do desenho da figura (C) evidencia que a aluna não gosta da escola, pois o papel está dividido em dois momentos: positivo e negativo, por meio das palavras “gosto e não gosto”. No lado positivo, desenhou a Bia Presentes e a Sorveteria (na realidade uma fica distante da outra), do outro lado, está o Supermercado Ribeiro como fato positivo, e a Escola Moacyr como negativo. A aluna, tem percepção positiva e negativa do ambiente.

Isso pode significar que algo a desagrada na escola, ou a estrutura física ou o relacionamento aluno- professor, entre outros. Ela desenha-se ao lado da sorveteria e escreve os dizeres “Eu correndo para a sorveteria”, o verbo correr enfatiza a vontade de estar naquele lugar o mais rápido possível, por gostar intensamente dele.

Na figura (D) a sorveteria desenhada está pintada de amarelo e na realidade (figura G), não apresenta pintura, está no reboco. A cor amarela, dentro da psicologia representa a expressividade.

Quando a aluna desenha o interior da sorveteria (figura E), com mesas e cadeiras, demonstra que os lugar é transparente, ela se encontra no estágio do Realismo Intelectual de Luquet.

Sabe-se que desenho ou imagens , palavra escrita ou verbal devem se complementar na busca da compreensão, então indaguei porque tantos desenharam a sorveteria, e os mesmos responderam que o sorvete era muito gostoso e que ao final da aula era o ponto de encontro entre eles. Daí a importância de se considerar a interpretação da própria criança na construção de seu desenho, pois os significados e os sentidos das figurações são complementados pelas palavras.

Outro estabelecimento de lazer representado pelos alunos do bairro Novo Paraíso nos desenhos é a quadra de esportes da escola (figura 23), que fica na parte externa dessa, na outra

esquina e quando os alunos precisam usá-la, às vezes está ocupada, pois toda a comunidade frequenta o lugar, o que dificulta o acesso.

Na figura (A), a percepção ambiental do aluno é de um cenário construído em sua memória, sobre os lugares mais importantes para ele, uma vez que Bia Presentes situa-se na Avenida Cachoeira Dourada, distante da Sorveteria da Joyce e da quadra de esportes, que são próximas à escola. Ele agrupou os elementos, selecionou, modificou e combinou pela imaginação, isto significa que ele percebe o lugar.

O desenho da figura (C) é idêntico à realidade, mostra inclusive a rua em declive que dá acesso à quadra de esportes, foi o único aluno do bairro Novo Paraíso que desenhou a rua dessa forma, este fato mostra que o aluno percebe o lugar e tem uma percepção positiva.

O desenhos (B) e (D) são muito coloridos, evidenciando a percepção positiva que os alunos têm do lugar.



Figura 23: Ilustrações da quadra de esportes do bairro Novo Paraíso, Anápolis-GO, em (A), (B), (C), (D) desenhos da quadra e (E) registro fotográfico da quadra. Fonte: Marisa Moreira Barros, em 15/10/2013.

No bairro Novo Paraíso, há poucas áreas de lazer, quase não há calçadas ou outros atributos comunitários, o que dificulta atividade física. Existe associação da prática de atividade física com a estrutura adequada do ambiente, pois exige segurança no trânsito e segurança geral, em ambientes sem calçamento e ruas declinadas e sem segurança, ausência de praças, essas atividades ficam inviáveis. Restando, para os alunos, as duas opções de lazer retratadas anteriormente: sorveteria e quadra poliesportiva.

Conforme Ferreira (2000) o desenho da criança é uma atividade mental e manual, é um objeto emergido do imaginário, do percebido e do real. A quadra de esporte na figura 23, mostrou ser o segundo lugar preferido a ser desenhado, depois da Sorveteria. Tendo esses alunos percepção positiva do ambiente, pois desenharam lugares de lazer.

3.3.6 Liberdade de Religião

O relevo da pertença, influência, existência de uma ligação emocional e satisfação de necessidades é importante no sentimento que indivíduo tem face à sua comunidade. Este Sentido de Comunidade, permite a existência de um bem-estar individual, por reduzir a probabilidade de isolamento, alienação, solidão, e depressão. Deste modo, por contribuir para uma qualidade de vida subjetivamente percebida, encoraja um maior sentido de identidade e maior autoconfiança, facilitando as relações sociais e opondo-se ao anonimato e à solidão (PREZZA, COSTANTINI, 1998).

Oito (10%) alunos do CHFMC representaram igrejas em seus desenhos (Figura 24). Ao desenhar as Figuras (A) e (B) selecionaram um símbolo que faz parte do seu mundo, inclusive, no bairro há muitas igrejas de várias denominações. A percepção dos que desenharam as igrejas é positiva.

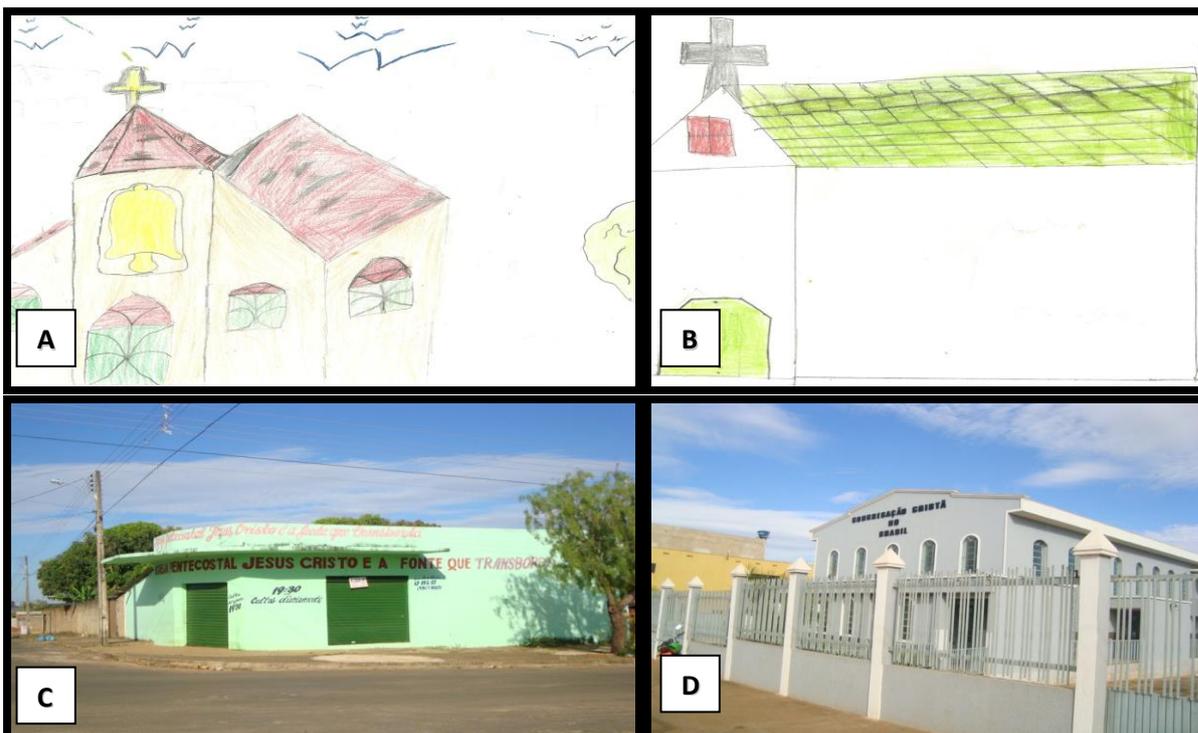


Figura 24: Ilustrações e igrejas do Conjunto Habitacional Filostro Machado Carneiro, Anápolis-GO, em (A) e (B) desenhos de igrejas e (C) e (D) registro fotográfico de igrejas do bairro.
 Fonte: Marisa Moreira Barros, em 15/10/2013.

Sabe-se da importância desses lugares, desde que nascemos, começamos a aprender as regras e os procedimentos que devemos seguir na vida em sociedade. À proporção que a criança cresce, passa a entender o mundo que a cerca e vive, compreende que há certas regras, padrões e comportamentos que a sociedade considera importantes. Uma delas é ir à igreja. Uma das instituições sociais mais importantes ao homem, é o lugar onde o ser humano procura respostas a algumas indagações como: Quem sou eu? Por que a presença da dor, do mal, da morte? O que há depois da vida? Neste lugar, que geralmente é respeitado e os indivíduos refletem sobre a sua existência, a família espera conseguir um comportamento ideal para todos os seus membros, como o que ter, fazer e ser.

No bairro Novo Paraíso quatro (8,88) alunos desenharam igrejas, sendo representadas duas na Figura 25, e uma não ocupou lugar de destaque (Figura 25A), apenas compondo uma cena montada pelo aluno, composta por casas, árvores, ruas e uma pizzaria. No entanto, na Figura 25B a igreja é o único elemento desenhado pelo aluno.



Figura 25: Desenhos com representação de igreja do bairro Novo Paraíso.

Quando comparada em números percentuais os alunos dos dois bairros representaram esse elemento de forma proporcional.

3.4 Desenhos com percepção negativa e positiva

Nesse trabalho, quatro alunos representaram a percepção positiva e negativa que tem do lugar, como nas figuras 13B e 21C do Novo Paraíso (já discutidas anteriormente) e figura 26 (A) e (B) do CHFMC, imagens feitas no mesmo desenho. Na Figura 26, no desenho (A) observamos um adulto com uma arma suja de sangue, após ter esfaqueado um adolescente, acima jovens fumando e, ao lado, uma família sentada em uma mesa compartilhando alegria e um casal de mãos dadas muito felizes, foram percebidas duas situações vivenciadas pelo aluno, uma família unida e feliz, mas não livre da violência do bairro, mostrando a percepção negativa e positiva.

Na Figura (B), há situações adversas no desenho. Uma casa com a indicação de uma antena da “SKY”, que se mostrou um fato importante ao aluno, talvez porque a SKY proporciona diversas programações aos adultos e crianças, o telhado da casa é colorido, acompanhada de um sol sorridente e duas nuvens, mas ao lado, crianças fumando com arma na mão e um pichador, do lado direito da figura. Há um paradoxo entre as nuvens, sol, casa com lazer e o lado sombrio representado pelo aluno. Ele tem uma percepção positiva e negativa do lugar, ao desenhar dois momentos distintos vindos em sua memória e descrever no verso do desenhos a alimentação de que gosta. A produção a seguir exemplifica este indicador: “Eu gosto Do meu Bairro Porque ele tem muita coisa bom tipo comida, frango assado, cochinha pasteu rosquinha etc e coisa ruim e pessoa fumano pessoa roubado e queria que melhorase”.

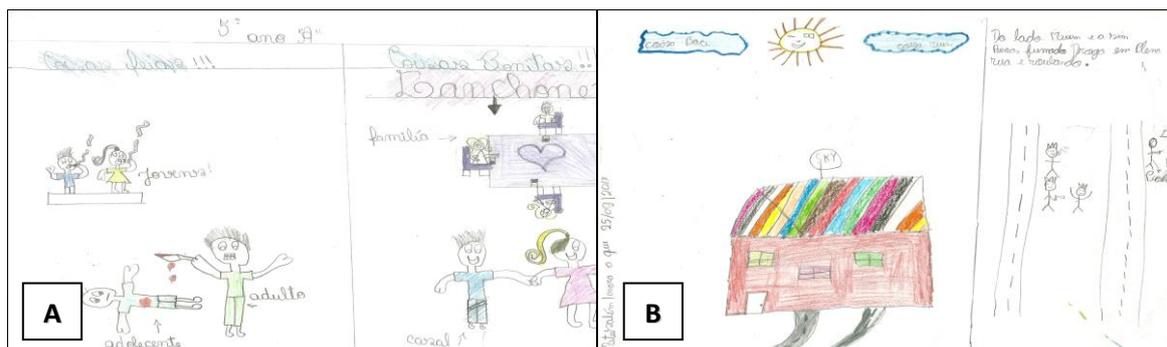


Figura 26: Desenhos com representação positiva e negativa do lugar

Nessa perspectiva, a constituição do sujeito e de suas características individuais, como personalidade, hábitos, modos de agir e capacidade mental dependem de interações com o meio social em que vive. Os conceitos cotidianos são aqueles que o estudante internaliza a partir do meio em que vive, mediante interações com pessoas da família, com grupos de amigos, com vizinhos, entre outras possibilidades no seu contexto. Ou seja, são conceitos construídos com base na observação, manipulação e vivência direta dos sujeitos e compreendidos como uma construção social, mediada pela interação com o outro (REGO, 1995).

O ser humano passa a ser um agente interativo na criação de seu contexto cultural, na medida em que também é por este constituído. Assim, a cultura torna-se parte da natureza humana, e passa a evoluir a partir das interações que vão sendo estabelecidas entre os sujeitos participantes.

Muito do que os alunos classificaram em suas falas como problemas que afligem o bairro, originam-se da percepção, avaliação e opinião formada a respeito de determinados aspectos, sejam eles sociais, econômicos ou físico-espaciais, pois as estruturas cognitivas e de percepção ambiental assumem representação externa, pelas imagens mostradas nos desenhos.

Para Del Rio e Oliveira (1999) as imagens coletivas são formadas a partir de dois processos: cognitivos que são inter-relacionais e coexistentes; o direto - que é a representação interna e a atribuição de significados que fazemos do meio ambiente em nossa mente, resulta a partir da captação de uma grande gama de informações sensoriais diretamente da fonte objeto, captados principalmente pelo visual, No processo indireto, este processo cognitivo se dá através do acúmulo de informações recebidas por outros meios em que não temos contato direto com o objeto: é o aprendizado social, da leitura, das salas de aula, da experiência acumulada.

No final dos desenhos, os alunos do bairro Novo Paraíso, disseram que gostariam que o bairro tivesse clube público, shopping, mais policiamento e limpeza. Um disse que o bairro era ruim, outros que não gostavam da maldade, vandalismo, cerveja, roubo, droga, traficante, estuprador. Deste modo, não podemos deixar de dizer que a falta de ônibus, praças, áreas de lazer, postos de saúde bem equipados, ruas planas, arborização influenciam na percepção ambiental e na afeição pelo lugar, haja vista, que mesmo não estando essa percepção representada nos desenhos dos alunos, eles demonstraram perceber o lugar em suas falas na roda de conversa, dizendo haver muitos bêbados, violência, falta de segurança, traficantes, falta de infraestrutura.

Na roda de conversa com os 45 alunos do Bairro Novo Paraíso, 15 (33,3%) mudariam do bairro.

Os alunos do CHFMC alegaram que havia muito tráfego nas ruas, devido à quantidade de veículos automotores, achavam o parquinho velho e o bairro sem policiamento, contaram que em frente a quadra e o colégio tem traficantes e usuários de drogas, chamados por eles de “noiados”.

No CHFMC, dois alunos disseram que não gostariam que houvesse tantos drogados, pois eles e os ladrões “estragam” o bairro, um fez a comparação entre Brasil e Japão dizendo que: “aqui não é liberado e todos usam, enquanto no Japão é proibido e eles não ficam usando assim”, um falou que a escola é bonita, vários contaram que quando pediam pizza pelo telefone e diziam que o endereço era do Filostro, a pizzaria se recusava a entregar, havia muitos redemoinhos no bairro e não sabiam explicar o motivo disso, os que desenharam uma casa dizia ser a casa dele e tinha desenhado por gostar muito dela, dois outros disseram que queriam desenhar um cara fumando, mas que não sabiam como desenhar.

Apesar de todos os problemas citados, os alunos do CHFMC não gostariam de mudar do bairro, apenas 12 (15%) do total de 80 gostariam. Embora percebam no bairro pontos positivos como lazer, educação e comércio, percebem também pontos negativos como traficantes, violência, dependentes químicos, insegurança e medo, mas talvez, pela estrutura física do bairro, não queiram mudar.

3.5 Desenhos de alunos com percepção ambiental idealizada

Houve também alunos que não tiveram percepção ambiental retratando lugares que não condiziam com a realidade observada do bairro.

Na Figura 27, apesar do aluno perceber o bairro, na parte esquerda da figura, em um mesmo plano, temos uma floresta, o que não condiz com a realidade. Ao ser questionada a aluna justificou que “deu vontade de desenhar isso”.

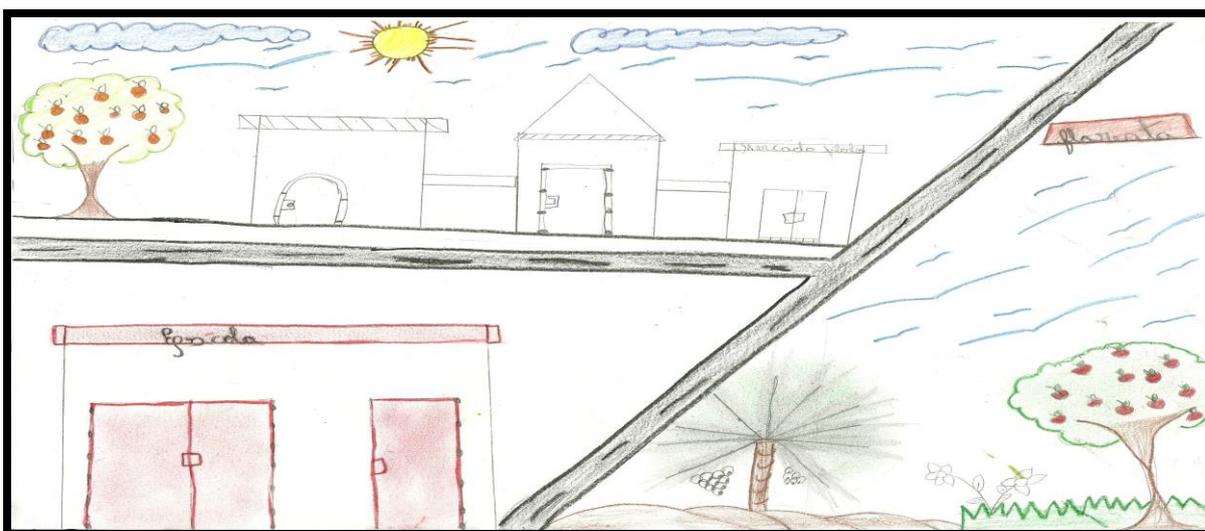


Figura 27: Desenho de um aluno que não percebe o lugar, do Conjunto Habitacional Filostro Machado Carneiro

Do bairro Novo Paraíso, a Figura 28 mostra alguns desenhos de alunos que idealizaram um lugar, demonstrando não possuir percepção do ambiente em que vivem, pois no bairro não há rio (A), nem rio com peixes (B), figura essa que se assemelha com o Parque Ipiranga da cidade de Anápolis-GO, nem prédios (C).



Figura 28: Desenho de um aluno que não percebe o lugar, do Bairro Novo Paraíso

Em resumo, comparando as percepções ambientais dos alunos dos dois bairros, observamos que no CHFMC houve 60 (75%) desenhos com percepção positiva, 17 (21,2%) apenas negativas, dois (2,5%) com positivas e negativas no mesmo desenho, e um (1,25) não possui percepção do bairro. No Novo Paraíso houve 37 (82,2%) positivas, três (6,6%) negativas, duas (4,4%) negativas e positivas no mesmo desenho e três (6,6%) não possuem percepção ambiental do lugar.

Tuan (1980, p 68) diz que “no nível de atitudes e preferências de grupo, é necessário conhecer a história cultural e a experiência de um grupo no contexto de seu ambiente físico. Os conceitos “cultura” e “meio ambiente” se superpõem do mesmo modo que os conceitos

“homem” e “natureza” “os desenhos, então, representaram a cultura e o meio ambiente dos discentes pesquisados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para responder aos questionamentos que incitaram a desenvolver este trabalho, propusemo-nos inicialmente a estudar a percepção ambiental dos alunos dos bairros Novo Paraíso e Conjunto Habitacional Filostro Machado Carneiro, e assim optamos, para que fosse possível comparar a percepção entre os bairros e se essa era influenciada pelo lugar. A percepção que buscávamos, não estava reduzida aos desenhos, envolvendo seus conceitos e opiniões sobre o bairro, mas incluía também as formas como o aluno se relacionava com esse ambiente, relação historicamente construída nas vivências cotidianas, entendendo que só os laços dessa vivência é que poderiam justificar as referidas opiniões e concepções.

Nesse contexto, a análise da percepção ambiental destacou-se através das categorias positivas/negativas e humanas/naturais, concluindo que a percepção ambiental dos alunos é influenciada pelo lugar. Aos alunos do CHFMC, devido à estrutura física do bairro, permite atividades de lazer, jogos na quadra, brincadeiras no parque e nas ruas, por essas serem planas, asfaltadas e possibilitar o trânsito pelo bairro. Os espaços públicos de entretenimento, percebidos e ilustrados graficamente nos desenhos, tanto mostraram as mazelas como os prazeres do bairro, transformaram o que experienciam em representação gráfica.

Ao contrário, os alunos do bairro Novo Paraíso, não desfrutam de ruas planas com calçadas e diversidade de passatempos, o que os limitam a circular pelas ruas do bairro, restringindo-os apenas a percorrer o caminho casa/escola, escola/sorveteria e escola/quadra, o que pôde ser evidenciado nos desenhos confeccionados por eles, restritos a ilustrar esses trajetos e lugares.

Por ser a vivência considerada por Derdyk (2010) a fonte de crescimento, o alicerce da construção de nossa entidade, o fornecimento de um leque de repertório, a ampliação da expressividade e da consciência e significar um caminho aberto para o desconhecido, consideramos limitada a vivência dos alunos desse bairro, devido ao espaço geográfico e social.

Os alunos do Novo Paraíso se restringiram a desenhar poucos elementos do bairro, por exemplo, a sorveteria, a escola, a quadra, o bar e a Bia Presentes, embora na roda de conversa, alegarem ter traficantes, bêbados e usuários de drogas, mas não retratarem esta situação nas imagens. Nos diálogos e desenhos notamos problemas ambientais como falta de arborização, jardins e flores.

Esses desenhos somados aos relatos descritivos e aos registros fotográficos, evidenciam a percepção que os alunos têm do lugar, como a violência, o uso de drogas, a falta de segurança, as áreas de lazer sem conservação. A percepção ambiental é influenciada pela infraestrutura observada no bairro. Embora sabedores de tudo isso, os alunos do CHFMC têm afeição pelo bairro e não gostariam de mudar, por outro lado os alunos do bairro Novo Paraíso em sua maioria prefeririam morar em outro ambiente.

As interpretações dos desenhos, feitas nesta pesquisa, devem ser consideradas como relativas, pois estão sujeitas a influência de um grande número de variáveis, como o contexto social da criança e variáveis de ordem cognitiva, afetiva ou motora, que não foram aqui identificadas.

Por fim, é pertinente considerar que estudos de percepção ambiental que resultem em quadros tão complexos como o aqui descrito são, na verdade, sinalizadores da necessidade de intervenções políticas relacionadas ao planejamento ambiental, após compreender melhor as inter-relações entre o homem e o meio ambiente, através do levantamento da percepção de uma comunidade.

Nesse contexto, o estudo da percepção ambiental é de fundamental importância. Por meio dele é possível conhecer a cada um dos grupos envolvidos, facilitando a realização de um trabalho com bases locais, partindo da realidade do público alvo, para conhecer como os indivíduos percebem o ambiente em que convivem, suas fontes de satisfação e insatisfação.

Portanto, isto é necessário para que as ações sobre o meio, que afetarão a qualidade de vida de várias gerações, sejam pensadas, gerando desdobramentos para a continuidade da pesquisa, além de satisfação psicológica dos moradores com o ambiente.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, E. **Desenho Livre Infantil: leituras fenomenológicas**. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais Ltda, 2004. 112p.

ANÁPOLIS **Lei nº. 2.822**. Anápolis, GO, 28 de dez. 2001.

_____, Conselho Municipal de Educação. **Resolução nº16, de 14 de março de 2007**. Fixa normas para o Ensino Fundamental do Sistema Municipal de Educação e dá outras providências. Diário Oficial da Cidade de Anápolis, Anápolis, GO, 14 mar. 2007.

_____, Prefeitura Municipal. **Plano Diretor Participativo**. Anápolis: Núcleo Gestor do Plano Diretor Participativo de Anápolis, 2006.

_____, Secretaria Municipal de Saúde. **Sistema de informação da Atenção Básica SIAB**. Anápolis : Secretaria Municipal de Saúde , 2009

_____, Prefeitura Municipal. **Aspectos Geográficos**. Disponível em: <http://www.anapolis.go.gov.br/portal/anapolis/aspectos-geograficos/>>. Acesso em: 19 de out. 2013a.

_____, Prefeitura Municipal. **História da Cidade**. Disponível em: <http://www.anapolis.go.gov.br/portal/anapolis/historia-da-cidade/>>. Acesso em: 20 de out. 2013b.

BARBOSA, L. M. **A topofilia na Vila do IAPI em Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008, 120f.

BARCA, S. Prefácio. In: FRANCO, J. L. A; SILVA, S. D; DRUMMOND, J. A; TAVARES, G. G. (Org.). **História Ambiental: fronteiras, recursos naturais e conservação da natureza**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. 392 p.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2002.

BENCOSTTA, M. L. A. (Org.). **História da educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez, 2005.

BERNARDES, G. D; TAVARES, G. G. Riscos Ambientais e Sociais – uma leitura da qualidade de vida dos residentes em áreas subnormais em Anápolis/Goiás (2008/2009). **Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente**, v. 1, n. 1, 2012.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de Padre Matos Soares. 15 ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1988, p. 20. Gn, 1, 26-30.

BOFF, L. Natureza e sagrado: a dimensão espiritual da consciência ecológica. In: UNGER, Nancy Mangabeira (Org.). **Fundamentos filosóficos do pensamento ecológico**. São Paulo: Loyola, 1992. p. 75.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1998.

_____, LDB - Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei Nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 de dez. 1996.

_____, MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais: meio ambiente e saúde**. Brasília, DF, 1997.

CABRAL, L. O. **A paisagem enquanto fenômeno vivido**. 2000. 5v. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

CAPRA, F. **O Ponto de Mutação: A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente**. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 1982. 447 p.

CARVALHO, I. C. M. **Em direção ao mundo da vida: interdisciplinaridade e Educação Ambiental/Conceitos para se fazer educação ambiental**. Brasília: IPÊ – Instituto de Pesquisas Ecológicas, 1998. 101 f.

CASTELLO, L. A percepção em análises ambientais: o projeto MAB/UNESCO em Porto Alegre. DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

CHIAROTTI, T. M. **O município de Anápolis: Elucidações sobre sua emancipação política e historicidade**. In: Cadernos de Pesquisas – Museu Histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho”, Ano 2, n.1, Anápolis, 2010.

CORRÊA, S. A. **Percepção Ambiental nos Históricos de Mudança de Paisagem no Entorno do Parque Estadual da Serra de Caldas – Caldas Novas – Goiás**. 2008. 210 f. Tese (Doutorado em Ciências Ambientais) - Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2008.

CULLEN, G. **Paisagem Urbana**. Tradução Isabel Correia e Carlos Macedo. Lisboa, Portugal: Edições 70, Ltda, 1972.

DEL RIO, V; OLIVEIRA, L. (Org.). **Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira**. São Paulo, São Carlos: Studio Nobel, Editora da UFSCa, 1999.

DERDYK, E (Org.). **Disegno. Desenho. Desígnio**. São Paulo: Senac, São Paulo, 2007.

DERDYK, E (Org.). **Formas de pensar o desenho: o desenvolvimento do grafismo infantil**. 4. ed. Porto Alegre: Zouk, 2010.

DESCARTES, R. **Discurso do Método**. Tradução: Ciro Mioranza. São Paulo, SP: Editora Escala, 2006.

DINIZ, L. S. Pequeno comércio e crescimento urbano: as bodegas e a formação dos bairros populares campinenses. **Revista de Ciências Humanas e Artes**, v. 13, n. 2, jul./dez., 2007.

ELALI, G. A. Psicologia Ambiental para Arquitetos: uma experiência didática na UFRN In: DEL RIO, V. (org.) et al. **Projeto do Lugar. Colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002.

ESMERALDO, M. S; CAVALCANTE, M. E. Espaço de topofilia na poesia de Cora Coralina e José Décio Filho. **Revista do Curso de letra da UEG-Itapuranga**, v. 2, n.1, 2012.

FERRARA, L. D. **Olhar Periférico: Informação, Linguagem, Percepção Ambiental**. São Paulo: Edusp, 1993.

FERREIRA, L. F. Acepções recentes do conceito de lugar para o mundo contemporâneo. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano V, n. 9, p. 65-83, jul/dez. 2000.

FRAGO, A. V; ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

FREINET, C. **O Método Natural III - A aprendizagem da escrita**. Lisboa: Editorial Estampa, 1977.

GADOTTI, M. Pedagogia da Terra e Cultura de Sustentabilidade. **Revista Lusófona de Educação**, v. 6, p. 15-29, 2005.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v.35, n.2, p. 57-63, abr., 1995.

GOLÇALVES, T; BELÉM, P. R. **Prefeitura recebe área do Estado para construção de conjunto habitacional no Novo Paraíso**. Disponível em: <<http://www.anapolis.go.gov.br/portal/multimidia/noticias/ver/prefeitura-recebe-area-do-estado-para-construasapo-de-conjunto-habitacional-no-novo-paraasso>>. Acesso em: 20 de out. 2013.

GONÇALVES, J. C. Homem-natureza: uma relação conflitante ao longo da história. **Saber acadêmico-Revista Multidisciplinar DA UNIESP**, São Paulo, n. 06, p. 171-177, dez. 2008.

GRÜN, M. Descartes, Historicidade e Educação Ambiental. In: CARVALHO, Isabel Cristina Moura de; GRÜN, Mauro; TRAJBER, Rachel (Org.). **Pensar o Ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2006.

HEIDEGGER, M. **A Essência do Fundamento**. In: **Marcas do Caminho**. Trad. Ernildo Stein. Ed. Vozes. 2009: Rio de Janeiro.

HEIMSTRA, N. W; MCFARLING, L. H. **Psicologia Ambiental**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1978.

HERMANN, N. Rousseau: o retorno à natureza. In: CARVALHO, Isabel Cristina Moura de; GRÜN, Mauro; TRAJBER, Rachel (Org.). **Pensar o Ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2006.

HOCHBERG, J. E. **Percepção**. Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

HOLZER, W. **A geografia humanista: sua trajetória de 1950 a 1990**. 1999. 550 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

_____. O lugar na geografia humanista. **Revista Território**. Rio de Janeiro, ano IV, n. 7, p. 67-78, jul./dez. 1999.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Senso Demográfico do ano de 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=520110&search=goias|anapolis>> Acesso em: 01 de nov. de 2013.

JACOBI, P. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, n. 118, p.189-205, 2003.

LEE, T. **Psicologia e meio ambiente**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

LIMA, S. T. Percepção Ambiental e Literatura: espaço e lugar no grande sertão: Veredas. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

LIMENA, M. M. C. Cidades Complexas no Século XXI ciência, técnica e arte. **São Paulo em Perspectiva**, v.15, n.3, 2002.

LOCKE, John. **The second treatise of government: an essay concerning the Cambridge true original, extent, and end of civil government**. London: Ed. Peter Laslett, 1960.

LOWENFELD, V. **A criança e sua arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1954.

LUCKERMAN, F. Geography as a formal intellectual discipline and the way in which it contributes to human knowledge. **Canadian Geographer**, v.8, n.4, p. 167-172, 1964.

LUQUET, G. H. **O desenho infantil**. Porto: Ed. Do Minho, 1969.

LUZ, J. S. **A (re)produção do espaço urbano de Anápolis-GO: uma cidade média entre duas metrópoles**. 2009. 349 f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2009.

LUZ, J. S; BORGES, S. F. FREGONEZZI, L.H.A.S.F. Análise da questão ambiental e qualidade de vida nos assentamentos precários de Anápolis-GO: um estudo de caso do Bairro Novo Paraíso. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente**, v. 1, n. 2, 2012.

LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MAANEN, J. V. Métodos Qualitativos Reformados para Pesquisa Organizacional: um Prefácio em Ciência Administrativa Trimestral. **Caderno de Pesquisas em Administração**, v. 24, n. 4, p.520-526, 1979.

MANNING, Peter K. Métodos do Campo: variedades de Discurso Organizacional em Ciência Administrativa Trimestral. **Caderno de Pesquisas em Administração**, v. 24, n. 4, p. 660-671, 1979.

MANSANO, C. N. **A Escola e o Bairro: percepção ambiental e interpretação de espaço de alunos do ensino fundamental**. 2006. 170f. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência e o Ensino de Matemática) - Centro de Ciências Exatas-CCE, Universidade Estadual de Maringá. Maringá. 2006.

MARCONDES, D. Aristóteles: ética, ser humano e natureza. In: CARVALHO, Isabel Cristina Moura de; GRÜN, Mauro; TRAJBER, Rachel (Org.). **Pensar o Ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2006.

MARIN, A. A. Pesquisa em educação ambiental e percepção ambiental. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v.3, n.2, p. 203-222, Ribeirão Preto, jun. 2008.

MARQUES, A.C.P.R.; CRUZ, M.. O adolescente e o uso de drogas. **Rev. Bras. Psiquiatria**, v.22, n. 2, dez, 2000.

MATIELLO, A. **Da Carta de Atenas ao Estatuto da Cidade**: questões sobre o planejamento Urbano no Brasil, Unochapecó, Piracicaba, 2006. Disponível em: <<http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

MELLO, L. I. A; COSTA, L. C. A. **História geral e do Brasil**. São Paulo: Scipione, 2008. v.1. 624 p.

MELO, V. L. M. O. A paisagem sob a perspectiva das novas abordagens geográficas. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10, 2005, São Paulo. **Anais...** Universidade de São Paulo, 2005. p. 9146-9165.

MENDES, A. S. V. **Princípios e diretrizes da ordem ambiental econômica no Estado de Direito Ambiental Brasileiro**. 2010. 214 f. Dissertação (Mestrado em Direito). Faculdade de Direito, Universidade Federal do Ceará. Ceará. 2010.

MÈREDIEU, F. **O desenho infantil**. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

MORAES, L. B; FAVORETTO, R, L. **Avaliação do Plano Diretor de Anápolis-GO**. (Relatório). Rede de Avaliação e Capacitação para implementação de Planos Diretores, out/2013

OLIVEIRA, C. **O ambiente urbano e a formação da criança**. São Paulo: Aleph, 2004.

OLIVEIRA, E.Z. **A percepção ambiental da arborização urbana dos usuários da Avenida Afonso Pena entre as Ruas Calógeras e Ceará da cidade de Campo Grande-MS.** 2005. 125 f. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente). UNIDERP, Campo Grande, 2005.

OLIVEIRA, L. A percepção da qualidade ambiental. **Cadernos de Geografia**, Minas Gerais, v. 12, n. 18, p. 29-42, 2002.

_____, Percepção do meio ambiente e geografia. **OLAM Ciência e Tecnologia**, Rio Claro, v. 1, n. 2, p. 14-28, nov. 2001.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de Psicologia.** Rio de Janeiro: Forense, 1969.

PILLAR, A. D. **Desenho e Construção de conhecimento na criança.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. 255p.

PINTAUDI, Silvana Maria. A cidade e as formas do comércio. In: CARLOS, Ana Fani A. (Org.). **Novos caminhos da geografia.** São Paulo: Contexto, 1999. p. 143-159.

PLASTINO, C. A. Freud e Winnicott: a psicanálise e a percepção da natureza – da organização à integração. In: CARVALHO, Isabel Cristina Moura de; GRÜN, Mauro; TRAJBER, Rachel (Org.). **Pensar o Ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2006.

POLONIAL, Juscelino. **Anápolis nos Tempos da Ferrovia.** Anápolis: Associação Educativa Evangélica, 1995.

PONTING, C. **Uma história verde do mundo.** Trad.: Ana Zelma Campos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995. p. 252.

PREZZA, M; COSTANTINI, S. Sense of community and life satisfaction: investigation in three different territorial contexts. **Journal of community & applied social psychology**, v. 8, p.181-194, 1998.

RABINOVICH, E. P. Barra Funda, São Paulo: as transformações na vida das crianças e na cidade – um caso de estudo. In: GÜNTHER, H. et al. (Ed.). **Psicologia ambiental.** Campinas: Alínea, 2004. p. 55-100.

REALE, Giovanni. **História da filosofia antiga.** Das origens a Sócrates. São Paulo: Loyola, 1993.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

RELPH, E. **Place and placelessness**. London: Pilon, 1976.

RIBEIRO, W. C; LOBATO, W; LIBERATO, R. C. Notas sobre fenomenologia, percepção e educação ambiental. **Sinapse Ambiental**, 2009.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. 11. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1999. 93p.

SMITH, A. **A riqueza das nações**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

TAVARES, B. F; BÉRIA, J. U; LIMA, M. S. Fatores associados ao uso de drogas entre adolescentes escolares. **Rev. Saúde Pública**, v. 38, n. 6; dez., 2004.

TEIS, D. T; TEIS, M. A. **A abordagem qualitativa: a leitura no campo da pesquisa**, 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/teis-denize-abordagem-qualitativa.pdf> 13/01>. Acesso em: 20 de dez. 2013.

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983. 250p.

_____, **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980. 288p.

_____, "Environment" and "world". **Professional Geographer**, v.17, n.5, p.6-7, 1965.

_____, A Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p.143-164.

_____, **Paisagens do medo**. São Paulo: Unesp, 2006. 374p.

UNGER, N. M. Heidegger: "salvar é deixar-se". In: CARVALHO, Isabel Cristina Moura de; GRÜN, Mauro; TRAJBER, Rachel (Org.). **Pensar o Ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2006.

VICENTINO, C. **História Geral**. Ed. atual e ampl. São Paulo: Scipione, 1997.

VIEIRA, M. G. F; LUZ, J. S. **Análise da área de interesse social em Anápolis – Conjunto Habitacional Filostro Machado na perspectiva da segregação sócio-residencial.** Goiânia/GO: Curso de graduação em Geografia. Universidade Estadual de Goiás. 2003.

VILAR, W. D. B. **Análise dos riscos socioambientais do Conjunto Habitacional Filostro Machado na cidade de Anápolis/GO e seus impactos na saúde da população.** 2012, 208 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente). UniEVANGÉLICA-Centro Universitário de Anápolis, Anápolis, 2012.

VITRUVIUS. **The ten books on architecture.** Nova York: Dover Publications, 1960.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WHYTE, A. V. T. **Guidelines for field studies in environmental perception.** Paris: UNESCO, 1977. 118 p.